Bayerische StaatsBibliothek
Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio de

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 6

Lisboa (1787)

Port. 36 m-6
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020059-3

Port. 36^m

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO SEXTO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO VI.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1787.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado eſte Livro em quatrocentos réis em papel: Meza 13 de Setembro de 1787.

Com tres Rubricas.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XXII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Governo, e acções do Rei D. João I. depois da segurança da liberdade do Reino pela victoria referida de Aljubarrota no Tomo precedente.

ACABADO o Interregno de Portugal pela eleição do Mestre de Avís, D. João, para seu Rei; firme a nossa liberdade por consequencia da milagro- Era vulg. 1385

gro-

Era vulg. 1385 grosa victoria de Aljubarrota ; succes-
sos, que eu acabei de referir no Tomo antecedente ; resta-nos continuar com a vida, e acções daquelle Principe, que nós destinguimos com a devisa de D. Joaõ I. de boa memoria, já Rei sem sustos de poder ser dethronado pela potencia formidavel de Castella, sua competidora. Nasceo D. Joaõ na Cidade de Lisboa, que se o estimou natural, elle a soube defender Pátria, a 11 de Abril de 1357, e sobio ao Throno de 27 annos de idade, no dia, e anno, que fica dito. Elle casou no Porto, depois de dispensado dos votos, com D. Filippa de Lancastro, filha de D. Joaõ de Inglaterra, Duque de Lancastro, e irmã de Henrique IV., Rei do mesmo Reino, a 2 de Fevereiro de 1387. Abençoou Deos este matrimonio, de que nascêraõ Principes illustres, que enobrecem este Reino com memoria sublime, adquirida no exercicio de virtudes heroicas.

Teve o Rei D. Joaõ filhos a Infante D. Branca, que nasceo em Lisboa a 13 de Julho de 1388, e morreo no se-

feguinte: ao Infante D. Affonfo, que nafceo em Santarem a 30 de Julho de 1390, e falleceo a 22 de Dezembro de 1400: ao Infante D. Duarte, que lhe fuccedeo no Reino, e nafceo em Vifeo a 31 de Outubro de 1391: ao Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e Regente do Reino, que nafceo em Lisboa a 9 de Dezembro de 1392; cafou com D. Ifabel de Aragaõ, filha de D. Jaime, fegundo Conde de Urgel, em 1429, da qual teve os filhos, que diremos em feu lugar, e morreo na batalha affrontofa de Alfarroubeira em 20 de Maio de 1449, jaz no Convento da Batalha: ao Infante D. Henrique, Duque de Vifeo, e Meftre da Ordem de Chrifto, que nafceo no Porto a 4 de Março de 1394, e morreo na Villa de Sagres no Algarve em 15 de Novembro de 1460, jaz na Batalha: a Infante D. Ifabel, que nafceo em Evora a 21 de Fevereiro de 1397, cafou em Bruges com Filippe III., Conde de Flandres, Duque de Borgonha, em 10 de Janeiro de 1429, e morreo a 17 de Dezembro de 1471, jaz em Dijon.

Era vulg.

Era vulg. jon no Convento da Cartuxa : ao Infante D. Joaõ , Meſtre da Ordem de Sant-Iago , e Condeſtavel de Portugal, que naſceo em Santarem a 13 de Janeiro de 1400, caſou com a Infante D. Iſabel, filha de ſeu irmaõ natural, D. Affonſo, primeiro Duque de Bragança, morreo em Alcacere do Sal a 18 de Outubro de 1442, e jaz no Convento da Batalha : ao Infante Santo, D. Fernando, Meſtre da Ordem de Avís, que naſceo em Santarem a 29 de Setembro de 1402, e morreo cativo em Fez a 5 de Junho de 1443, donde veio o ſeu corpo para o Convento da Batalha.

Alguns dos noſſos Eſcritores com erro manifeſto attribuíraõ ao Rei D. Joaõ mais tres filhas legitimas, que naõ teve, e lhes chamáraõ D. Filippa, que diſſeraõ caſada com Erico, Rei de Dinamarca ; D. Joanna, que fingíraõ mulher de Henrique III., Rei de Caſtella, e D. Leonor, a quem deraõ por marido ao Rei de Aragaõ, D. Pedro IV. Antes do matrimonio teve o Rei D. Joaõ filhos naturaes a D. Affon-

fonſo, que foi primeiro Duque de Bragança, e caſou com D. Brites Pereira, filha do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, com deſcendencia feliz, como eu o explicarei adiante: a D. Brites, que caſou com Thomaz, Conde de Arondel, Sobrinho de Duarte III., Rei de Inglaterra. O Infante D. Joaõ, Meſtre de Sant-Iago, e Condeſtavel, teve filhos a D. Diogo, que morreo de pouca idade: a D. Iſabel, mulher do Rei D. Joaõ II. de Caſtella, pais da Rainha Catholica, D. Iſabel: a D. Brites, que caſou com o Infante D. Fernando, e tiveraõ entre outros ao Rei D. Manoel. Era vulg.

Nós deixámos vencida a batalha de Aljubarrota: recolhidos os ſeus importantes deſpojos, entre elles as doze bombardas, que foraõ as primeiras armas de fogo deſte genero nas Heſpanhas; o Rei acclamado, deſcançando das ſuas fadigas glorioſas em Santarem, e fazendo mercês aos vaſſallos fieis, que mais ſe tinhaõ diſtinguido no zelo, e ſerviço da Pátria. O Condeſtavel, que fora o mais remunerado,

co-

Era vulg. como ſe nada tivera feito, elle ſe diſpôz a ſervir de novo, valendo-ſe dos premios para eſtimulos de ſe conduzir de módo, como ſe entaõ começára a merecer. Sem deſpir, nem deixar esfriar as armas, elle ſe recolheo á Provincia do Alem-Téjo, aonde, dos deſtacamentos das guarnições das Praças, pode formar hum campo, pouco inferior ao de Aljubarrota, para ir viſitar os inimigos á ſua meſma caſa, augmentar-lhes o terror, antes que ſe recobraſſem do ſuſto. Marchando na vanguarda o reſpeito do ſeu nome, que os Caſtelhanos já ouviaõ com eſpanto, elle vadeou o Guadiana na téſta do pequeno exercito, e foi colher novas palmas a Caſtella.

Logo da fronteira principiáraõ a moſtrar as hoſtilidades, que o deſpique das noſſas injúrias naõ ficára ſatisfeito com o golpe de Aljubarrota, ſem que os éccos dos noſſos gemidos na invaſaõ barbara de Almeida até Leiria foſſem repercutir em Caſtella por igual extenſaõ de terreno. Todo o paiz foi talado até Çafra, e outras Praças, que

lhe

lhe abríraõ as portas para encontrarem Era vulg.
na submissaõ a piedade, que se faría inexoravel á resistencia. O mesmo peso de marcha soffreo a campanha, que vài de Çafra a Valverde: Peso taõ duro de levar, que obrigou esforçarem-se para lhe resistir aos Mestres de Sant-Iago, Calatrava, e Alcantara, que com 33 mil homens o foraõ seguindo á vista de Mérida, quando elle levava o destino em Valverde. Lembrados estes Chéfes do successo passado, naõ lhes deo alentos a grande desigualdade do número para atacarem o Condestavel em campanha rasa. Elles foraõ ganhando os montes para o cercarem em fórma, que huma vantagem em tudo superior, ou a necessidade de mantimentos lhes désse huma victoria, que sem atender ao valor, elles a tivessem por certa.

Porém o valeroso Condestavel, que lhes percebeo a idéa, e já a experiencia lhe tinha mostrado, que o maior número de gente naõ he o que faz a hum partido sempre vencedor. Antes que os inimigos o rodeiem, elle os ataca,

Era vulg. ca, e faz outra vez provar aos Castelhanos, que os Portuguezes se contaõ menos pelas figuras da arithmetica, que pelos caracteres do valor. Elle os destroe com huma victoria completa, bem igual á precedente, quando os dous Reis se bateraõ em pessoa; hum successo sem mais differença do passado, que ter aquelle a gloria repartida; neste ser ella toda do Condestavel. Entre os mortos ficou no campo o Mestre de Sant-Iago, D. Pedro Moniz; mas como o Condestavel naõ entendeo conveniente, entranhado em Castella, perseguir os fugitivos taõ longe, e com a vivacidade com que o fez na de Aljubarrota, elles tiveraõ tempo de recobrar-se para se pôr em forma, e retirar-se. Elles o faziaõ, quando chegou o ferόz Coronel Antaõ Vasques, que trazia hum reforço de tropas ao Condestavel. O bravo Official, emulo da gloria do Chéfe, com a sua gente descançada, ainda que pouca, quiz consummar o triunfo. Elle se lança sobre os inimigos com valor desmedido, e acaba de os cortar em postas.

Es-

Esta segunda infelicidade, em que se perdêraõ todas as forças dos Reinos de Andaluzia, desterrou da imaginaçaõ do Rei de Castella a esperança de continuar huma guerra, que sobre prejudicial, a tinha por vergonhosa, e mandou ao grosso da sua Armada, que ainda estava no Téjo, se recolhesse aos pórtos de Castella. Nada mais que esta retirada demorava ao Rei em Santarem para até agora, senaõ aproveitar das consequencias da sua victoria. Elle se pôz em marcha immediatamente para recobrar os Lugares de Entre-Douro, Minho, e Tras-os-Montes. Chegou ao Porto, aonde ajuntou a gente, que lhe foi possivel, e se postou sobre a Praça de Chaves, que defendia por Castella Martim Gonçalves, Fidalgo Portuguez, e valeroso, que repugnou a entrega, e sustentava o seu posto com vantagem sobre os ataques vigorosos do nosso campo. Sobrados estimulos tinha Martim Gonçalves para senaõ conduzir assim com o seu Rei, senaõ o preoccupára a fantasia de huma honra quimerica; mas com a chegada do Con-

Era vulg.

1386

Era vulg. Condestavel triunfante entrou elle a prevêr a impossibilidade de resistir a hum exercito taõ consideravel, como já tinha El-Rei.

Continuando na sua preoccupaçaõ, este bravo homem, constante em que havia cobrir o seu credito a qualquer reprehensaõ, que o mundo lhe podesse dar, respectiva á fidelidade devida ao partido, que abraçára. Depois de alguns dias de trincheira aberta, elle representou ao Rei, que naõ tinha dúvida em lhe entregar a Praça, se no termo de quarenta dias naõ fosse soccorrido; mas que lhe havia dar licença para fazer este aviso ao Rei de Castella. Pareceo rasoavel a proposta, que foi concedida; e neste meio tempo veio ao campo hum Fidalgo Inglez, que da parte do Duque de Lancastro agradecia ao Rei o aviso, que lhe mandára dar pelo seu Embaixador da sua exaltaçaõ ao Throno, e pedia o cumprimento da promessa, que o mesmo Ministro lhe fizera em seu nome de mandar a Inglaterra algumas galés, e navios para reforçar a Armada, com

que

que elle determinava vir em peſſoa á conquiſta de Caſtella, que lhe tocava. Sem demora deſpedio o Rei ordens, para que ſe eſquipaſſem doze navios, e ſeis galés, que deixaremos navegando para Inglaterra, em quanto continuamos com os ſucceſſos do principio do anno de 1386. Era vulg.

Recebeo Martim Gonçalves a reſpoſta do Rei D. Joaõ de Caſtella, em que lhe dizia entregaſſe a Praça, que elle de modo algum podia ſoccorrer, porque antes queria deixar o dominio de huma Villa, que arriſcar hum homem, como Martim Gonçalves. Cumprio eſte fidalgo a ſua palavra na entrega de Chaves, donde ſahio com as honras da guerra recebidas na Pátria, que abandonava. Entrou o Rei na Villa, que deo ao Condeſtavel, e eſtando nella, Joaõ Affonſo Pimentel, que tinha por Caſtella a Bragança, reparou o golpe com tempo, mandando-a offerecer ao Rei, antes de ſer atacado. A continuaçaõ deſtas proſperidades nos fez naſcer os deſejos de levar avante as noſſas conquiſtas no Reino proprio, e no alheio. Da Provincia de Tras-os-

Mon-

Era vulg. Montes veio o Rei acabar de dissipar as reliquias rebeldes, que ainda na da Beira tinhaõ devoçaõ a Castella. Com a mesma marcha entra por este Reino, levando a espada em huma maõ, o fogo na outra. Na face dos muros da Cidade de Coria parou respeitoso o furor, que até alli naõ encontrára padrasto, que lhe detivesse na carreira a velocidade. Igual era o valor com que os inimigos sustentavaõ os repelões das armas, e nós os ataques da epidemia, e da fome. Naõ houve mais remedio, que levantar o sitio, e fazer na volta de Portugal com tanto sentimento do Rei, que disse para os seus: Ah, e que falta nos fizeraõ aqui os Cavalleiros da Taboa Redonda! Eraõ estes Cavalleiros de huma Ordem Militar de Inglaterra, com este nome, que se dizia instituida pelo Rei Artur, de que eu já dei noticia no II. Tomo da minha Aula da Nobreza. Mem Rodrigues de Vasconcellos, Fidalgo brioso, que ouvio a mal fundada queixa do Rei, acodio destemido pela nobreza, dizendo: Naõ, Senhor; naõ faltáraõ aqui esses

Ca-

Cavalleiros; vós eſtais rodeado de outros ſemelhantes; a elles he que lhes faltou hum Rei Artur, que os governaſſe. Outro Rei, que naõ foſſe D. Joaõ I. daria ao tom deſta reſpoſta o peſo, que ella merecia; mas eſte Principe, que o tinha grande de circunſpecçaõ para a repartir pelas peſſoas, fez que naõ entendia a força, nem o ſentido da reſpoſta audaz de Mem Rodrigues. Era vulg.

Como Ricardo II. havia condeſcendido ás propoſtas do Duque de Lancaſtro, ſobre as ſuas pretenções á Coroa de Caſtella; nós fizemos com a de Inglaterra huma liga offenſiva, e defenſiva, que o Duque veio ſuſtentar em peſſoa, embarcando-ſe na armada Real daquelle Reino. Nós celebravamos victorias, e triunfos, quando eſte Principe, acompanhado de ſua ſegunda mulher D. Conſtança, filha del-Rei D. Pedro, o Cruel de Caſtella, eſtimada ſua herdeira, e de ſuas filhas D. Catharina, e D. Filippa, que naſcêra de ſua primeira mulher, D. Branca, Duqueza herdeira de Lancaſtro,

Era vulg. tomava terra em Galliza. Quiz elle desembarcar na Corunha; mas teve de vir ao Padraõ, por lhe resistir entaõ com alento D. Fernando de Andrade, e os nobres Gallegos. O Rei D. Joaõ, sabida a chegada do Duque, lhe mandou Embaixadores, que o congratuláraõ da boa vinda; do reconhecimento de Rei de Castella pelos Póvos, que o recebêraõ, e lhe pedíraõ da sua parte quizesse vir a Pontemouro sobre a fronteira de Entre-Douro e Minho, aonde elle se acharia para tratarem dos seus interesses respectivos.

O Duque correspondeo a este obsequio pelo Senhor de Bovines, que veio a Coimbra com hum presente, ao Rei estimavel, de Dogues, e aves de rapina de Inglaterra. Este Ministro deixou ajustado o tempo do encontro dos dous Principes, que foi em tendas de campanha na planicie de Pontemouro, aonde tomáraõ as medidas para a continuaçaõ da guerra, que era o ponto mais principal de ambas as partes interessadas. Nas negociaçőes militares taõ bem foi particularmente contratan-

te amor, que rendeo a liberdade do Era vulg.
Rei, cativo da formosura de D. Filippa, filha do Duque, e de sua primeira mulher D. Branca, que adquirio a Coroa de Portugal pela gentileza, quando sua irmã D. Catharina vinha pretender a de Castella pelo sangue. Em razaõ deste direito da Princeza, neta de D. Pedro o Cruel, queria o Duque que ella fosse a designada esposa de D. Joaõ, para que com a esperança de futuro Rei da mesma Castella, a justiça da pretençaõ o fizesse redobrar o vigor na guerra. Mas se os coraçoẽs altos, quando se inclinaõ deveras, só desejaõ interesses para fazerem delles sacrificio aos objectos do gosto: o Rei á offerta do Duque, que com D. Catharina lhe dava o direito a hum Reino; elle céde os interesses á ternura, e prefere o amor da paz ás vantagens de avançar a Monarquia.

Elle se contentou, com que o Duque dotasse sua filha com Ledesma, Placencia, Çafra, Valença, e mais Lugares da sua dependencia; dote, naõ só mal seguro, mas quasi imagi-

Era vulg. nario em razaõ do dominio poderoſo, que ſugeitava eſtas Praças, todas dependentes da fortuna da guerra, que as havia dar a Portugal, quando o Duque recebeſſe da maõ da ſua inconſtancia toda Caſtella. Para firmeza do tratado, foi D. Filippa mandada para a Cidade do Porto, ſervida por Senhores Inglezes, e Portuguezes, até chegar a diſpenſa, que para eſte matrimonio concedeo o Papa Urbano VI., deſatando o Rei dos votos da Religiaõ, que profeſſára. O Duque mandou acompanhar á nova Rainha por cem lanças Inglezas, duzentos archeiros, e entre os mais Fidalgos, por Joaõ de Hollanda, Thomaz de Perey, e Joaõ de Auberticour, que aſſiſtíraõ na Cathedral ao recebimento dos Reis com os Biſpos de Lisboa, Evora, Coimbra, e o Clero do Porto, em Fevereiro do anno ſeguinte. Naõ permittia a conjuntura dos negocios, que o tempo ſe gaſtaſſe em feſtejos, e celebradas as vodas, o Rei, e os Inglezes partíraõ para os lugares deſtinados, em que haviaõ fazer a guerra.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Diſpoſições do Rei de Caſtella para reſiſtir aos ſeus inimigos; entrada do Duque de Lancaſtro em Portugal, e continuaçaõ da guerra.

O REI D. Joaõ de Caſtella reduzido ao eſtado triſte, que fica dito depois de tantas perdas conſideraveis na reputaçaõ, e nos Dominios, com a vinda dos Inglezes, e pretenções do Duque de Lancaſtro poſto em maior conſternaçaõ; mandou Embaixadores a Carlos VI., Rei de França, que lhe repreſentáraõ os máos ſucceſſos da guerra de Portugal; os novos projectos do Meſtre de Avís; as idéas do Duque Inglez; o golpe formidavel, que eſperava Caſtella, ſe elle com as ſuas forças naõ o ſoccoreſſe contra inimigos victorioſos, e ſoberbos. Sentio, e conſolou o Francez na ſua deſgraça ao Caſtelhano com a relaçaõ das afflicções, que tinhaõ padecido os ſeus Eſtados com a trabalhoſa, e diuturna guer-

Era vulg. guerra Anglo-Gallica, e promettendo mandar-lhe de ſoccorro parte das ſuas forças ás ordens do Duque de Bourbon. O Anti-Papa Clemente VII. taõ bem o alentou com boas razões em huma dilatada carta, como a fautor officioſo do ſeu Sciſma. Taõ grande era a conſternaçaõ deſte Principe, tanto creſceo com a chegada do Duque, que publicou hum Edito, em que promettia o foro, e iſenções da nobreza a toda a ſórte de gente, que por dous mezes o ſerviſſe com cavallo, e armas á ſua cuſta.

Elle mandou reforçar Benavente; deſpachou ao Arcebiſpo de Sant-Iago, D. Joaõ Garcia Manrique, com algumas trópas para Leaõ, e repartio as mais pela Fronteira, até que chegaſſem os ſoccorros da França para poder ſahir a campo. O Duque, que além das noſſas doze náos, e ſeis Galéz, que mandava Affonſo Furtado, appareceo ſobre Galiza com huma armada de 162 vélas: o temor deſte poder lhe abrio as portas de quaſi todas as Praças de Galliza, aonde ſe começou a cha-

chamar Rei de Castella. Esta vantagem, e a da nossa alliança o resolvêraõ a mandar hum Heraldo ao Rei D. Joaõ, notificando-o lhe entregasse o Reino, que lhe pertencia por sua segunda mulher, D. Constança, e que se o naõ fizesse, lhe declarava a guerra. A huma proposta taõ dura quiz o Rei responder moderado com as vozes eloquentes dos Jurisconsultos D. Joaõ Serrano, Prior de Guadalupe, depois Bispo de Ciguença, Alvaro Martins, e Diogo Lopes de Medrano, que propozeraõ ao Duque o direito de seu Amo. Outro algum admittio o Inglez, determinado a responder ás razões com a espada, que com a maior força de huma vez articula todas. O Prior, que notou incontrastavel a repugnancia do Duque, metteo a arte em uso, e lhe disse em particular, que o meio de hum bom ajuste era casar sua filha, D. Catharina, com D. Henrique, primogenito de Castella; uniaõ, que traria aos Póvos a paz, e proposta, que o Duque naõ ouvio com desagrado; mas entaõ naõ teve ef-

Era vulga

Era vulg. effeito pelo embaraço da liga contrahida com Portugal.

Foi o Rei ajuntar as ſuas forças com as do Duque em Bragança, e puchou o mais groſſo de todas ellas, já advertido, de que no meio do ardor da guerra o ſeu alliado poderia entrar em algum ajuſte com o inimigo. Eſte receio o obrigou a levar a gente dos preſidios, excepto a do Alem-Téjo, aonde tambem deixou 250 lanças ás ordens de Vaſco Martins de Mello, que ficou acompanhado de ſeus filhos, e de alguns Fidalgos para ſe opporem aos intentos, que por aquella parte poderiaõ ter os Caſtelhanos. Com ſemblante pouco favoravel ſe entrava neſta empreza da conquiſta, em razaõ dos movimentos de Galliza, que principiava a ſacodir o jugo do Duque, para reentrar no dominio do ſeu Soberano, que pela meſma razaõ de aſflicto, provocava a fidelidade dos vaſſallos com honra.

1387 A 21 de Março, formado o Exercito em batalha, ſe rompeo a marcha direito a Alcaniſas. Levavaõ a vanguar-

guarda os dous Condeſtaveis de Portugal, e Inglaterra com o Prior do Crato, e outros Fidalgos. Governava o lado direito Martim Vaſques da Cunha ſeguido de ſeus irmãos Gil, e Lopo Vaſques: cobriaõ o eſquerdo Gonçalo Vaſques Coutinho, e Ruy Mendes de Vaſconcellos: o Rei, e o Duque, com ſua mulher, e filhas, marchavaõ na retaguarda, e as carruagens no centro. Os Portuguezes eraõ dez mil, reforçados pelas trópas do Duque, já muito diminuidas pelas muitas doenças com que as hoſpedára o clima. Todos os lugares da fronteira até Benavente foraõ entregues á pilhagem. Já a eſte tempo o Infante D. Carlos de Navarra, que ſempre aſſiſtira com as ſuas trópas ao Rei de Caſtella, ſeu cunhado, havia partido a tomar poſſe do Reino, em que ſuccedêra por mórte de ſeu pai Carlos II.: mas a ſua falta foi ſupprida por varios deſtacamentos Francezes, que desfiláraõ antes da partida do Duque de Bourbon, e ſervíraõ para reforçar as guarnições. Era vulg.

O Rei de Caſtella, que eſtava em Tor-

Era vulg. Tordesilhas determinado a naõ arriscar a sua fortuna em nova batalha; informado das prevenções dos seus contrarios, deo ordem para se recolherem os viveres, e os gados ao centro do Reino, ganhou a benevolencia dos Póvos, e pôz-se na defensiva com a esperança, de que a falta de mantimentos nos forçaria a desistir dos projectos. Oito dias perdemos no sitio de Benavente, que levantamos; assim pela falta de instrumentos de expugnar, como pela dura resistencia, que encontramos em D. Alvaro Peres Osorio, que defendia a Praça. O Rei inimigo, que viera com a Corte para Çamora, dava todo o calor aos Lugares, que poderiaõ ser atacados, e continuava na idéa de retirar os viveres. Nós nos despedimos de Benavente com desafios de cavalleiros particulares, que quizeraõ mostrar o seu valor, e com dar permissaõ aos da Praça, que quizessem vir vêr o nosso campo. Muitos tiveraõ essa curiosidade, e entre elles hum Cavalleiro attrevido, que na presença de alguns Portuguezes fallára na pessoa

do

do Rei com menos decencia. Elles lhe sofrêraõ a confiança por naõ alterarem as ordens; mas o Principe informado do caso, respondeo: Eu sim assegurei o campo, mas naõ dei seguro a attrevimentos. Era vulg.

A esta resposta do Rei estava presente Alvaro Coitado, de quem eu já dei larga noticia, que tomou o despique á sua conta. No dia seguinte esperou os Castelhanos, e vendo o descortez, se chegou a elle para o ouvir motejar do Rei de Avís. Elle, que estava mais audaz com a dissimulaçaõ passada, fallou mais solto. O Coitado com huma maõ o desmontou, com outra lhe servio bem o rosto, e parecendo-lhe este instrumento muito honrado para castigar hum sacrilego, deitou-o a terra, e deo aos pés o exercicio, que principiára com as mãos. Queixáraõ-se os Castelhanos deste desprezo feito a hum Fidalgo, que viera ao nosso campo debaixo do seguro da palavra Real; mas El-Rei se satisfez com lhes dar a mesma resposta, que fica referida.

De-

Era vulg. Depois de ganhado o Caſtello de Mantilha, alguns dos noſſos Chéfes chegáraõ a Valença do Campo, aonde tiveraõ huma eſcaramuça pezada com os Caſtelhanos. Nella deixou a vida o mais valente dos Cavalleiros inimigos, o bravo Alvaro Tordehumos, ao qual Joaõ Rodrigues de Sá em Guimarães provára, e naõ podera reſiſtir ao valor. A noticia falſa, de que os inimigos tinhaõ abandonado a Villa de Valdeiras, foi cauſa da expediçaõ mais gentil, que ſe obrou neſta campanha. Apenas ella ſe rompeo no exercito, Joaõ Fernandes Pacheco, Antaõ Vaſques de Almada, Joaõ Gomes da Sylva, e alguns Fidalgos com hum pequeno corpo de trópas, marcháraõ a tomar poſſe della. O encontro nos ſeus campos com 400 lanças, e outra muita gente, que mandavaõ o Almirante, e o Adiantado de Leaõ, D. Pedro Soares de Quinhones, moſtrou a falſidade da nova; e naõ houve mais remedio, que inveſtir. As façanhas, que obráraõ os noſſos poucos ſobre tantos excedem todo o encarecimento; mas

hum

hum ſoldado, que os vio rodeados de inimigos, e teve por impoſſivel que deixaſſem de ſer mortos; a todo o correr do cavallo aſſim o veio fazer certo ao Rei, que ao tempo em que lamentava a perda de Cavalleiros taõ illuſtres, elles chegavaõ ao campo livres, e victorioſos, raſgados de feridas, com os animos inteiros. O ſoldado, que os vio, foi mais honrado no temor de mentiroſo, que na retirada do combate. Elle perdeo o juizo immediatamente, e pouco depois a vida. Era vulg.

Eſta acçaõ brioſa eſtimulou o Rei para ſe fazer Senhor de Valdeiras, que capitulou aos primeiros ataques. Daqui marchamos a ſitiar Villa-Lobos, aonde ſuccedeo com o meſmo corpo dos inimigos outro caſo para os noſſos mais glorioſo, que o precedente. Marchára Martim Vaſques da Cunha com ſeus irmãos, e Lourenço Martins do Avelar, Marbon, Joaõ Portella, e outros até deſoito Cavalleiros, que em huma madrugada de muita nevoa haviaõ ido eſcoltar a gente, que condu-

zia

Era vulg. zia fachina ao campo. Como elles cobriaõ a retaguarda, perdêraõ de vista os companheiros, o tino da terra, e foraõ em distancia de meia legoa do campo dar de rosto com os 400 cavallos, e maior número de infantaria, com que os reforçára D. Alvaro Peres Osorio, senhor das Villas, que o Rei, e o Duque hiaõ conquistando. Picou-se o brio generoso dos nossos para obrar huma proeza, que se succedesse em Roma, ou na Grecia nos atroaria os ouvidos a impertinencia dos seus fastos.

Sobíraõ elles a huma eminencia, e atando os cavallos para lhes servirem de trincheira, com desembaraço inimitavel entráraõ a defender-se da multidaõ, que os cercava. Na força da refrega disse aos companheiros Diogo Peres do Avelar: Senhores, qual será maior acçaõ, defender-me aqui comvosco, ou romper por esses inimigos, e ir dar parte a El-Rei, para que vos soccorra? Resolvêraõ todos, que romper os inimigos, e avisar o Rei era empenho mais sublime. Entaõ Diogo Pe-

Peres montou a cavallo, e com tal intrepidez lhe bateo as pernas, e vibrou a *lança*, que penetrando o centro dos contrarios, abrio caminho, e veio ao campo informar o Rei do que paſſava. Com a gente, que eſtava mais prompta, marchou o Condeſtavel em ſoccorro dos formoſos aventureiros, que já eſtavaõ rodeados de quarenta cadaveres inimigos; de muitos feridos eſtendidos na campanha; elles, depois de tanto tempo de combate, com as forças taõ inteiras, como ſe entaõ começaſſem a peleija. A viſta do Condeſtavel fez cahir da maõ as armas aos Caſtelhanos, ſendo o aſſombro do que viaõ o eſtimulo, que mais os picava na vergonhoſa retirada. Era vulg.

Rendeo-ſe Villa-Lobos; mas a victoria foi bem cara pela perda de Ruy Mendes de Vaſconcellos, Heróe famoſo da ſua idade, que da ferida ligeira de huma ſeta ervada ſe deixou morrer, por naõ vencer o aſco de levar huma pouca de ourina, que para lhe dar exemplo, o Rei bebeo na ſua preſença. O Rei de Caſtella informado deſ-

Era vulg. deſtas, e outras conquiſtas, que poderiaõ ter conſequencias funeſtas, ſe elle promptamente ſe naõ oppoſeſſe aos progreſſos das noſſas armas; elle quiz ouvir os votos do ſeu Conſelho. Nelle ſe deliberou por vóz commua, que o Rei naõ devia fazer movimento algum, por ſer menos conſideravel perder humas poucas de Praças, que comprometter a gloria da ſua peſſoa, e das ſuas armas a hum golpe da fortuna: que o Rei de Portugal, e o Duque naõ podiaõ ſubſiſtir muito tempo entranhados em Paiz inimigo, já pela diminuiçaõ das trópas, já pela falta de mantimentos. Foi ſeguido eſte parecer, que os ſucceſſos qualificáraõ de prudente. Dos meſmos ſentimentos eſtava tocado o Rei de Portugal, que ponderava a difficuldade de conquiſtar hum Reino, cada Praça de per ſi, ſem haver huma ſó, que voluntariamente ſe ſubmetteſſe ao Duque, nem declarar-ſe partido a ſeu favor, ſobre que elle houveſſe de apoiar as ſuas pretençóes.

Occupado o Rei deſtes penſamentos,

tos, ſe reſolveo propôllos ao Duque, e dizer-lhe: Que elle naõ deſcobria veſtigio algum, que déſſe eſperanças de ſe render Caſtella por meio da conquiſta das Praças huma depois de outra: Que ſe admirava de naõ encontrar em Caſtella hum ſó homem, que o buſcaſſe, e reconheceſſe por ſeu Rei, antes ſe hiaõ levantando contra elle os que o recebêraõ em Galliza: Que naõ ſendo poſſivel ſugeitar hum Eſtado contra a vontade de todos os ſeus moradores, elles deviaõ recorrer a medidas mais promptas, e mais ſeguras para chegarem ao fim dos ſeus deſignios: Que como as trópas ſe diminuiaõ, e os viveres faltavaõ, depois de lhe proteſtar, que ſempre o acharia prompto para o ajudar nas ſuas pretençoẽs áquelle Reino, o ſeu parecer era, que ſe tornaſſem a Portugal, donde elle a toda a diligencia podia paſſar a Inglaterra a pedir novos ſoccorros: Que entre tanto elle faria levas para reforçar o exercito, que com poder reſpeitavel, ou obrigaſſe o Rei a vir a huma acçaõ deciſiva, ou atemoriſaſſe os Póvos pa- Era vulg.

Era vulg. ra o medo os obrigar a render-ſe, já que de vontade ſenaõ ſugeitavaõ.

Teve o Duque por muito ajuſtado o parecer de ſeu genro, e entaõ lhe declarou, que já ſe lhe tinha inſinuado a intençaõ do Rei de Caſtella, que deſejava paz, de que fazia garante o ajuſte do caſamento do Principe ſeu ſobrinho com ſua filha D. Catharina, que lhe parecia meio decoroſo para a concluſaõ das ſuas idéas, deixando ſua filha Rainha. Concordáraõ o Rei, e o Duque na retirada, que começou no meſmo tempo, que o Duque de Bourbon ſahia de França com ſoccorro a Caſtella, que achando já livre de inimigos, propôz ao ſeu Rei a entrada em Portugal para darem batalha aos dous Principes alliados. Naõ quizeraõ os Caſtelhanos expôr-ſe a encontrar nos noſſos campos outro de Aljubarrota, e pagando melhor ao Duque a viſita em civilidades, que aos ſeus Francezes com dinheiro, pela falta que tinha delle a Monarquia, os deſpedíraõ como deſneceſſarios para o ſeu Paiz.

Retirou-ſe o noſſo exercito, e chegou

gou a Almeida, aonde ſe apartáraõ o Rei a dar graças á Senhora da Oliveira de Guimarães, o Duque para Coimbra, e o Condeſtavel para o Alem-Téjo. Em Trancoſo encontrou o Duque dous Embaixadores de Caſtella, que da parte de ſeu Amo vinhaõ tratar da paz, e pedir a Princeza D. Catharina para eſpoſa de D. Henrique. Elles ſe ajuſtáraõ com ſatisfaçaõ mutua, e convenções reciprocas, ſendo entre outras da parte do Duque entregar ao Rei a D. Joaõ de Caſtella, que ſe dizia herdeiro deſte Reino, por ſer filho de D. Pedro o Cruel, e de D. Joanna de Caſtro, filha de D. Pedro de Caſtro, Senhor de Sarria, com a qual o Rei ſe recebeo em público, depois do repudio de D. Maria de Padilha. Permittio o Rei de Inglaterra ao Duque ſeu tio, que mandaſſe ao infeliz D. Joaõ para Caſtella, aonde eſteve ſempre em priſaõ dura, opprimido de ferros no Caſtello de Soria, que lhe abateo as imaginações da Mageſtade. Naõ fez eſta eſpecie ao Alcaide Mór, e Carcereiro de D. Joaõ, Beltraõ de Ar- Era vulg.

 riel,

Era vulg. riel, que vendo-o casado na prisaõ com sua filha D. Elvira, que podia ser Rainha, elle preferio a esta honra a da fidelidade inviolavel, que guardou ao seu Soberano na costodia do preso. Acçaõ, com que fez mais famosa a sua descendencia, que no appellido de Castella inculcava illustre a qualidade na origem, por huma parte Real, pela de tal Heróe sublime.

Em Coimbra estava o Duque com as suas filhas, quando correo a noticia, de que o Rei, voltando de Guimarães, adoecêra no caminho, e ficava em grande perigo de vida. Os Portuguezes, que amavaõ este Principe, e que na sua perda se viaõ no risco de recahir na dominaçaõ de Castella, verdadeiramente se affligíraõ, e o Condestavel partio do Alem-Téjo pela posta a assistir-lhe. Se a dôr dos póvos parecia extrema, a da Rainha foi taõ viva, que agitando-lhe hum máo successo, passou com grande incommodo largo tempo. A convalescença do Rei, dissipando o susto, que causou a probabilidade da sua morte, os Póvos come-

meçavaõ a reſtituir-ſe da conſternaçaõ, Erá vulg.
quando ſe eſpalhou a voz, de que o máo parto da Rainha a deixára em eſtado, que naõ tornaria a ſer mãi. Prognoſtico, que o tempo moſtrou taõ fallivel, como he o fundo da ſciencia conjectural, que o formava. O Duque na congratulaçaõ da melhora do genro, involveo o empenho da ſoltura do Conde de Neiva, de ſeu filho D. Martinho, e de Ayres Gonçalves de Figueiredo, que ſe valêraõ, e encontráraõ efficaz a protecçaõ deſte Principe, a quem devêraõ a liberdade.

Com o reſtabelecimento da ſaude do Rei, determináraõ os Duques a ſua partida para Bayona, que entaõ era de Inglaterra, antes de paſſarem a eſte Reino; porque alli os haviaõ eſperar para a ultima concluſaõ do Tratado os Embaixadores de Caſtella Fr. Fernando de Ilheſcas, Confeſſor de El-Rei, e os Doutores Pedro Sanches de Caſtilho, e Alvaro Martins, que eraõ os meſmos, que tinhaõ vindo a Trancoſo. Sahio o Duque de Coimbra acompanhado do Rei, e das Rainhas até ao

Por-

Era vulg. Porto, aonde se tinhaõ mandado esquipar quatorze galés para a sua viagem. Apartáraõ-se os Principes com as demonstrações do maior agrado, e aportando o Duque em Bayona, ratificou com os Embaixadores o casamento dos Principes, que foraõ em Hespanha os primeiros chamados das Asturias, e se recolheo a Inglaterra com a satisfaçaõ de haver dado Rainhas a Portugal, e Castella.

Esta paz vantajosa ás duas partes contratantes, o Rei D. Joaõ da sua naõ a teve por menos feliz para os seus interesses. A consideraçaõ, de que o Duque de Lancastro, já livre da guerra, era sogro dos dous Principes concurrentes, elle a seu tempo naõ deixaria de ser medianeiro para hum ajuste rasoavel, e dar a ultima maõ á tranquillidade, que o Reino começava a possuir. Quando elle assim discorria, naõ deixou de assustallo a vinda repentina de seu irmaõ o Infante D. Diniz, que sem sabermos a aventura, com que elle se escapou da sua prisaõ, nem como sahio de Castella, por este tem-

po

po ſe apreſentou em Portugal. Diſſimulou o Rei todas as imagens, que no ſeu interior lhe podia delinear a concurrencia deſte Infante nos ſeus Eſtados, e o tratou nos agrados como a irmaõ, na grandeza como a Principe. Em tal lance naõ podia a politica eſcuſar-ſe de fazer os ſeus officios, e com ella delicada o Rei propôz a ſeu irmaõ a importancia de ir a Inglaterra em peſſoa. D. Diniz, que naõ ſe via em eſtado de impugnar, houve de obedecer, e na viagem o prendeo hum Pirata de Bretanha, que o conduzio a eſta Provincia com a eſperança de hum reſgate taõ importante, como era a peſſoa. Era vulg.

Naõ encontrou o Infante favoravel a ſeu irmaõ para obter a liberdade por ſeu meio. Os motivos ſaõ ſacramentos de Reis, que em ſi meſmos os eſcondem. Neſte deſamparo elle naõ perdeo a firmeza, que lhe foi inſeparavel no vigor das ſuas deſgraças mais fortes. Occupado de huma confiança igualmente Chriſtã, e heroica, elle naõ ſe fez tributario da melancolia profunda,

que

Era vulg. que os homens vulgares coſtumaõ pagar aos infortunios. Á ſua virtude deo o Infante o lugar de força, e ella ſervio para lhe inſpirar os meios de ſe eſcapar das mãos do Pirata, aſſim como ſe ſalvou do poder dos Caſtelhanos, que tornou a buſcar para amparo.

CAPITULO III.

Renova-ſe a guerra com Caſtella, novas expedições de ambos os Reis.

COMO o caſamento do Principe das Aſturias naõ teve para a guerra mais conſequencia, que huma ſuſpenſaõ das armas: concluidas as negociações, o Rei ſeu pai ſahio a campo com hum pequeno exercito, que entrando pelo Condado de Niebla, invadio o Alem-Téjo, e fez huma preza importante nos Lugares abertos. Ao eſtrondo deſtas deſordens acodio o Condeſtavel; que bateo os Caſtelhanos com a fortuna coſtumada, e depois de vingar as deſolações, que elles tinhaõ feito na

ſua

ſua Provincia, reſtituio a preza com uſuras avultadas. Em quanto o Condeſtavel andava ás mãos com os inimigos na raia do Alem-Téjo, o Rei ſem temor dos rigores de Janeiro, paſſou á de Galliza para ſitiar a Praça de Melgaço, que ainda eſtava por Caſtella. Acompanhou-o muita nobreza, e entre ella, D. Pedro de Caſtro, Joaõ Fernandes Pacheco, e o Prior do Crato. Era vulg. 1388

Governava a Villa Alvaro Paes Sotomaior, que reſiſtio quinze dias com valor aos noſſos ataques. Em quanto o Rei formava hum Caſtello de madeira para aſſaltar os muros, foi aviſado, que alguns dos moradores de Salvaterra, do partido inimigo, ſe haviaõ levantado com a Villa, que lhe entregára D. Pedro de Caſtro. Deſtacou elle ao Prior do Crato com hum bom corpo de gente para fazer reentrar Salvaterra na ſua devoçaõ; mas o Prior encontrou a reſiſtencia taõ dura, que houve de ſe recolher ſem vaidade ao campo. Prompto o Caſtello para o aſſalto, aviſou El-Rei á Rainha, que eſ-

Era vulg. eſtava em Monçaõ, vieſſe aſſiſtir a elle. Ao meſmo tempo chegou o Conde de Neiva, que quiz logo moſtrar aos inimigos, que ſe a priſaõ de Evora lhe repreſára, naõ lhe abatêra o valor. Os ſitiados, tímidos, ou reſpeitoſos, quizeraõ capitular, quando o Rei eſcandaliſado da ſua obſtinaçaõ, determinava levallos á eſpada; mas rogado por Joaõ Rodrigues de Sá, teve por bem conceder-lhes pactos humildes.

Em Lisboa ſe entreteve o Rei até ao tempo mais opportuno da campanha, deſejoſo de acabar a conquiſta das Praças, que lhe reſtavaõ no Alem-Tejo. A occurrencia de outros negocios lhe impedio poder chegar a Eſtremoz, antes de Setembro, com deſignios de ſitiar Olivença. O ſeu aſtuto Alcaide Mór, Pedro Rodrignes da Fonſeca, entaõ deſprevenido, arbitrou ganhar tempo enganando a El-Rei. Elle lhe enviou a dizer, que queria entregar a Praça, e mandaſſe peſſoas, com quem ajuſtar a capitulaçaõ, que foraõ Alvaro Vaſques Correa,

rea, e o Efcrivaõ da Puridade, Gonçalo Lourenço. O Chéfe cavilofo os entreteve o tempo, que lhe foi precifo para reforçar-fe, e logo que fe vio em eftado de defenfa, os defpedio fem conclufaõ. Juftamente fe accendeo a cólera do Rei, que determinava defafogalla no Commandante defcortez. Mas chegando á Praça o Infante D. Joaõ com hum grande reforço, pagou Campo Maior o crime de Olivença. Era vulg.

O Rei fe poftou fobre ella, que tinha por Governador a Gil Vafques de Barbuda, primo do Meftre de Alcantara, Martim Annes de Barbuda; e fendo-nos vantajofos muitos ataques de partidas no campo, e os affaltos contra a Praça, nós a levamos no que fe deo a 13 de Outubro. O Commandante fe refugiou no Caftello, aonde capitulou a entrega fe no efpaço de trinta dias naõ foffe foccorrido, e naõ o fendo, entregou o Caftello, que El-Rei deo a Martim Affonfo de Mello. Por meio da força foi livre do poder dos Caftelhanos o refto deftas duas

Por-

Era vulg. Provincias, aonde o Rei reſtabeleceo a tranquillidade, que ellas gozavaõ antes dos inimigos as invadirem, e voltou a Lisboa para aſſiſtir ás Cortes, que havia convocado; neceſſarias para deliberar os expedientes mais conformes ás faculdades dos Póvos, que haviaõ fornecer o neceſſario para os gaſtos de huma guerra, de que dependia a felicidade, e repouſo do Reino.

1389 Depois deſta Aſſembléa ſer concluida, o Rei marchou para a Provincia do Minho; e porque o Rei de Caſtella receou, que o ſeu intento foſſe invadir a Galliza, uſou de dous eſtratagemas, que nada lhe aproveitáraõ. O primeiro foi propôr-lhe huma ſuſpenſaõ de armas, como preludio para ajuſtes da paz; mas as condiçoẽs naõ ſó foraõ deſavantajoſas, ſenaõ que taõ pouco raſoaveis, que o Rei houve de romper a tregoa. O ſegundo conſiſtio em ordenar a Paio Serodia, Governador da Cidade de Tuy, lhe eſcreveſſe offerecendo a Praça, de que podia ir tomar poſſe, para que viſſe o modo

do, por que o podia prender. El-Rei lembrado do ſucceſſo de Olivença, naõ crêo, nem deſpreſou o aviſo; antes tendo concebido formar o ſitio de Tuy, marchou com ſemblante de quem ao meſmo tempo hia acceitar a offerta, e atacar a Praça. As primeiras conferencias deſcobríraõ os intentos ardiloſos do Governador, que picáraõ o Rei para ſem demóra mandar abrir a trincheira, e bater a muralha. A Rainha partio do Porto a honrar o campo, que ſe eſmerou nos combates animado da ſua preſença. Era vulg.

Á voz que correo, de que o Rei de Caſtella vinha em peſſoa ſoccorrer a Tuy, acodio o Condeſtavel, e com ſeis Galés de Lisboa o Doutor Joaõ das Regras, que eſtava recem caſado com huma filha de Martim Vaſques da Cunha. Moſtrou o tempo, que nem o Rei, nem as peſſoas a quem elle encarregou o ſoccorro de Tuy, que foraõ o Arcebiſpo de Toledo, D. Pedro Tenorio, o de Sant-Iago D. Joaõ Garcia Manrique, e o Meſtre de Alcantara, Martim Annes de Barbuda, ſe

Era vulg. ſe attrevêraõ a apparecer na noſſa preſença, e viraõ deſcarregado na ſua cabeça o golpe, que a fraude preparava contra a noſſa. Rendeo-ſe Tuy á violencia dos noſſos aſſaltos, e o perfido Governador, Payo Serodia, que ſe jurou vaſſallo de Portugal, pouco depois faltou á fé, e palavra, fogindo para Caſtella. El-Rei deo o governo da Praça a Gonçalo Vaſques Coutinho, e ſoube que a nova deſta conquiſta fez mudar de linguagem ao Rei inimigo. A apprehenſaõ que concebeo, de que ella bem depreſſa ſeria acompanhada de outras muitas, o determinou a relaxar as propoſições duras, que antes fizera, quando fallou em paz. Elle mandou hum Embaixador ao Rei, offerecendo-lhe huma tregoa por ſeis annos com a condiçaõ de lhe entregar Tuy, e Salvaterra no eſtado, em que ſe achavaõ, e que elle da ſua parte reſtituiria Noudar com o terreno, que lhe tocava. Conſentíraõ ambos os Principes na tregoa, que foi publicada neſte meſmo anno de 1389 em que fallamos.

Eſ-

Eſtranhárað em acto de Cortes eſte ajuſte os Caſtelhanos, que nellas ſoltárað mais as linguas, do que deſembaraçárað as mãos nas occaſiões, que reduzírað o ſeu Rei ao eſtado de infeliz. Animados de hum zelo, ſenað indiſcreto, demaſiadamente vivo, em plena Aſſembléa reprehendêrað o Principe de quanto acabára de obrar com o Duque de Lancaſtro, que ſervindo-ſe de hum direito quimerico á Coroa de Caſtella, ſe lançava do lado dos ſeus inimigos para a eſpoliar das ſuas riquezas em gratificações, em donativos, em pensões: que elle Rei fora a unica cauſa da perda da batalha de Aljubarrota, e de ſenað ganhar Lisboa: que eſtas duas expedições eſgotárað Caſtella de homens, e dinheiro. Em fim, levantando mais o tom, elles concluírað, que conformes com a honra, e a politica, nað podiað conſentir em huma tregoa tað injurioſa, como elle acabava de ajuſtar com Portugal, inteiramente oppoſta aos titulos juſtos, claros, evidentes, que elle tinha ſobre a ſua Coroa. O Rei Era vulg.

nað

Era vulg. naõ teve outro meio para cohibir tanta audacia, mais que com a affectaçaõ de huma pouca de authoridade, que fizesse temer os effeitos della, aos que se aproveitavaõ da desgraça para a fortificar em garante das demasias.

Muito poderoso he o caracter de hum Rei, ainda nos abatimentos da fortuna, para se fazer respeitoso, e refrear os descommedimentos; mas no infeliz D. Joaõ I. de Castella este mesmo caracter naõ pode adoçar a inquietaçaõ do seu espirito por tantos modos agitado, que em si mesmo se reprehendia, quando meditava nos insultos, a que se abandonára. A alta Provincia lhe atalhou os designios, e as desgraças, tirando-lhe repentinamente a vida em Alcala de Henares a 9 de Outubro deste anno, da quéda de hum cavallo, que precipitando-se de hum despenhadeiro, o esmagou debaixo de si, tendo reinado onze annos. Em idade menor lhe succedeo seu filho D. Henrique, e da Rainha D. Leonor, que naõ podia ter sobre Portugal as mesmas pretenções de seu pai, que

naõ

naõ deixou filhos da Rainha D. Brites. Accidente, que reduzio Caſtella á ſituaçaõ de tomar novas medidas. Ella ſe applicou a eſtabelecer o governo do Principe ſeu Enteado com os Tutores nomeados no Teſtamento do Rei; que eraõ D. Pedro Tenorio, Arcebiſpo de Toledo, D. Joaõ Garcia Manrique, Arcebiſpo de Sant-Iago, o Meſtre de Calatrava, D. Gonçalo Nunes de Guſmaõ, o Mordomo Mór, D. Joaõ Furtado de Mendoça, o Marquez de Vilhena, e o Conde de Niebla. Era vulg.

El-Rei D. Joaõ acabava de obter do Papa Bonifacio IX. a erecçaõ da Cathedral de Lisboa em Arcebiſpado, quando as inquietações domeſticas de Caſtella inclinavaõ os animos ao ajuſte da paz com Portugal, ou ao menos a humas tregoas firmes, que entaõ ſe ajuſtáraõ por tres annos em Monçaõ pelo Prior do Crato, D. Alvaro Gonçalves Camello, e pelo Chanceller Mór, Lourenço Annes Fogaça, com condiçaõ: Que ceſſaſſem de ambas as partes as hoſtilidades por mar, e ter-

Era vulg. ra : que Portugal fizeſſe a entrega de Tuy, e Salvaterra; que Caſtella reſtituiria no Alem-Téjo Noudar, Olivença, e Mertola; na Beira Caſtello Melhor, Caſtello Mendo, e Caſtello Rodrigo: Tratado, que ratificáraõ ambos os Monarcas, e depois foi prorogada a tregoa a quinze annos, como diremos adiante; porque agora vamos a tratar da

FAMOSA

Expediçaõ dos doze Cavalleiros Portuguezes, que foraõ a Inglaterra deſaggravar as Damas offendidas por outros tantos Cavalleiros Inglezes.

CONTA-SE que a formoſura, ou que a fama de doze Damas Inglezas, na preſença de algumas do Paço, fora amolgada pelos ſaynetes picantes de outros tantos Fidalgos, que ſem eſcrupulo a eſta ſórte de ſacrilegio, ſe arrojáraõ a proferir, que elles ſuſtentariaõ em campo contra quem as quizeſſe defender, que as Damas naõ

eraõ formoſas, ou que abuſavaõ da gentileza. Qual das duas injúrias ſería no ſeu conceito mais enorme, ſó ellas teriaõ acçaõ para o reſolver. Huma dellas, ou ambas juntas, tanto perturbáraõ a ſua ſerenidade, que cobertos de horror aquelles Ceos, clamáraõ ao Duque de Lancaſtro lhes nomeaſſe Cavalleiros, que segundo o eſtylo do tempo, as defendeſſem do inſulto arrogante dos ſeus profanadores. Elle lhes nomeou doze bravos Portuguezes, que conhecêra no noſſo Reino; inſinuando-lhes, que cada huma eſcreveſſe ao que lhe ſahiſſe nas ſórtes, que deviaõ tirar; bem certas, que encontrariaõ officioſos no ſeu obſequio homens de huma naçaõ, que ſendo nas ternuras Adonis, em lances deſtes os achariaõ Martes cobertos de ferro, reſpirando furores. Era vulg.

Aſſim o fizeraõ as Damas, que tirados por ſórte para defenſa de cada huma ſeu Cavalleiro, eſcrevêraõ a Alvaro Gonçalves Coutinho, de alcunha o *Magriço*, filho do Marichal Gonçalo Vaſques Coutinho; a Alvaro Vaz

Era vulg. de Almada; a ſeu ſobrinho Alvaro de Almada; a Lopo Fernandes Pacheco, irmaõ de Joaõ Fernandes Pacheco, que logo veremos abandonar o ſeu Rei, e ir para Caſtella ſer o Chéfe da grande caſa dos Duques de Eſcalona: a Pedro Homem da Coſta; a Joaõ Pereira, ſobrinho do Condeſtavel; a Luis Gonçalves Malafaya; a Alvaro Mendes Cerveira; a Ruy Mendes Cerveira; a Ruy Gomes da Sylva; a Sueiro da Coſta, que ſervio ao Infante D. Henrique nos ſeus deſcobrimentos, e a Martim Lopes de Azevedo, que teve lugar diſtinto em feitos grandes: Pedindo-lhes quizeſſem tomar á ſua conta o deſaggravo de Damas offendidas, que fiavaõ dos ſeus peitos generoſos a ſatisfaçaõ de huma injúria tranſcendente a todas as bellezas, que lhes pediaõ paſſaſſem a Inglaterra para com as gentilezas das ſuas acções as deixarem a ellas mais brilhantes, e fazerem a heroicidade dos ſeus eſpiritos mais luminoſa.

Vinhaõ eſtas cartas acompanhadas de huma do Duque para El-Rei, em

que lhe pedia licença para os ſeus vaſ- Era vulg.
ſalos fazerem a jornada, que logo emprehendêraõ, embarcando onze no Porto, e o Magriço por terra, dando palavra aos companheiros de ſe achar com elles no dia marcado para o combate, que era o do Eſpirito Santo. Chegáraõ a Londres os onze aventureiros; mas a falta do Magriço, entre todos o mais célebre, perturbou a ſua Dama, que ſe ſentia ſem Athleta, que lhe ſuſtentaſſe o campo. Todos lhe aſſeguráraõ, que Magriço, ſó faltando-lhe a vida, lhe faltaria; que neſte caſo todos elles, e cada hum de per ſi ſeria ſeu manutendor. Chegado o dia do deſafio, apparecêraõ pomposos os doze Inglezes acompanhados dos ſeus parentes, e amigos: do lado oppoſto, naõ menos magnificos, ſahíraõ os Portuguezes conduzidos pelo Duque de Lancaſtro com todos os Officiaes da ſua Caſa.

Já o terreno eſtava marcado, e tinhaõ tomado aſſento os Juizes eſperando o ponto de inveſtir, quando hum grande ruido fez ſinal, de que

che-

Era vulg. chegava outro Cavalleiro. Era elle o Magriço, que vencidos grandes trabalhos na ſua marcha, vinha rompendo a multidaõ do Povo: entrou na eſtacada: levantou a viſeira para ſer conhecido: occupou o lugar, que lhe tocava: alvoraçou-ſe a ſua Dama: admittíraõ-no os Juizes, e começou viſtoſo o combate. Inveſtíraõ-ſe ao meſmo tempo os vinte e quatro com impeto taõ formidavel, que fez palpitar os corações dos Expectadores, e nos primeiros encontros deſpedaçadas as lanças, tiráraõ pelas eſpadas. Durou horas a peleija, em que ſe víraõ dar golpes horrendos; deſcançando alguns intervallos os braços para ſe alentarem os brios, que voltavaõ mais furioſos á contenda. Já os Inglezes naõ podiaõ tolerar o impulſo dos Portuguezes, e alagados no proprio ſangue, foraõ largando o campo, e a victoria. Esforçáraõ os noſſos os pulſos, quando ſe principiava a declarar o triunfo, que ſe conſummou com o deſtroço total dos Inglezes, com os vivas do Duque de Lancaſtro, com o agradecimento

das

das Damas, que se víraõ vingadas por huma fineza, que naõ tendo nella parte o amor, a heroicidade era a sua origem. Era vulga

Alguns dias se detiveraõ em Londres os bravos Aventureiros, honrados pelo Rei, e o Duque, regalados das Damas, attendidos de todos, e no fim delles, nove voltáraõ para a Patria; tres, que foraõ o Magriço, Alvaro Vaz de Almada, e outro, que ignoramos quem fosse, passáraõ a outras Cortes, aonde obráraõ proezas, que os fizeraõ dignos das memorias. Alvaro Vaz de Almada foi tanto do agrado do Rei de França, que o fez Conde de Abranches, e por anthonomasia lhe chamavaõ o Hercules Hespanhol, como mostrou nos alentos, com que espirou na batalha de Alfarrobeira, acompanhando ao Infante D. Pedro, e desempenhando a palavra, que lhe deo de morrer com elle.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Da tregoa de quinze annos, que ſe ajuſtou entre Portugal, e Caſtella, desgoſtos do Condeſtavel, e da Nobreza com El-Rei.

1392 COMO eſtava eſpirando a primeira tregoa dos tres annos antes ajuſtada, os Tutores de D. Henrique de Caſtella, com o parecer de todos os Grandes, cuidáraõ em prorogalla para a Monarquia reſtituir as ſuas perdas a beneficio da paz, que moſtrára a ſua formoſura nos dous annos precedentes. Vieraõ com eſte fim por Plenipotenciarios a Portugal D. Joaõ, Biſpo de Siguença, Pedro Lopes de Ayala, e Antonio Sanches, que depois de conferirem com o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, e com o Doutor Joaõ das Regras, naõ eſtando as couſas ainda nos termos da concluſaõ da paz abſoluta, ajuſtáraõ huma tregoa por quinze annos, com condiçaõ: Que o Rei de Caſtella reſtitui-

tuiria a Portugal as duas Praças de Miranda, e Sabugal: que de huma, e outra parte feriaõ reftituidos os prifioneiros no efpaço de feis mezes: que o Rei de Caftella naõ protegería, nem daría focorro ás pretenções, que a Rainha D. Brites, os Infantes D. Joaõ, e D. Diníz, ou feus herdeiros tiveffem á Coroa de Portugal; e que para fegurança do tratado fe dariaõ refens mutuos, que foraõ Fidalgos illuftriffimos de ambas as partes, além dos filhos dos Cidadãos honrados das duas Monarquias. Era vulg.

Ainda que eftas condições parecêraõ duras ao Confelho de Caftella, com ellas fe conformou a pluralidade dos votos, que entendeo ceder algumas vantagens, antes que arrifcar outras maiores na continuação da guerra. Os Authores defta Naçaõ, fempre attentos a tirar huma efpecie de glória das fuas mefmas confusões, attribuem as noffas vantagens nefte Tratado á conjuntura dos tempos, á menoridade do Rei, á defordem dos feus Tutores: tudo idéas para abatterem a 1393

re-

Era vulg. reputaçaõ dos noſſos triunfos, que os reduzio a eſtado de acceitar huma paz taõ vergonhoſa. Logo que ella foi publicada com as formalidades requiſitas, o Rei D. Joaõ moſtrou a ſua magnanimidade em ſer o primeiro na execuçaõ das condições, eſpecialmente na da liberdade dos priſioneiros. Elle os fez tratar com tantas maneiras de civilidade, conduzillos á fronteira com tal ſegurança, e cómmodo, que foraõ ſemeando por Caſtella elogios da peſſoa do Rei, que com modos generoſos, tanto de obrigar, ordenára a politica, que com elles ſe uſára. Tudo pelo contrario ſe praticava em Caſtella a noſſo reſpeito, de que a ſeu tempo veremos as reſultas.

Pouco foi o que durou ao Rei o goſto deſta felicidade, que vio perturbada pela diviſaõ, que o eſpirito de diſcordia introduzio em hum grande número de Fidalgos, que tiveraõ na ſua teſta ao Condeſtavel fazendo a primeira figura: Aquelle homem, que em tantos annos, com fidelidade ſem parelha; que em occaſiões immenſas ar-

arriſcára a vida pelo ſeu Rei; agora, ſenaõ rompeo os limites da moderaçaõ, em injúrias, que entendeo da honra, naõ pode reprimir o reſentimento. O Condeſtavel, que o Rei eſtimava como ſeu amigo intimo; que olhava como columna firme da ſua Coroa, tinha recebido deſte Principe todas as demonſtrações de amizade, e de reconhecimento, que elle podia deſejar. Todo rodeado de honras, todo cheio de beneficencias, o Condeſtavel ſe via o homem mais rico, o mais conſideravel do Reino. Eſtas ventagens, que ſó pelo que ſaõ em ſi, daõ hum relevo brilhante a quem as poſſue; ellas ſe ſuſtentavaõ ſobre o merecimento, e virtudes, que tinhaõ ganhado para o Condeſtavel todos os corações, a generalidade dos agrados, a inclinaçaõ toda da gente de guerra. Era vulg.

Entendeo elle, que o ajuſte de huma tregoa taõ longa, havia produzir a deſejada paz. Quiz deſcançar á ſombra della; e ao exemplo do Rei, que lhe déra tanto, ſe reſolveo a remunerar as peſſoas, que tinhaõ ſido inſepara-

ra-

Era vulg. raveis da ſua fortuna, repartindo por ellas, á proporçaõ das ſuas qualidades, e merecimentos, o grande número de terras, que o Rei lhe deo por gratificaçaõ. Elle chamou eſſes homens dignos da ſua attençaõ, que no ſerviço, que lhe haviaõ feito, muito mais ſervíraõ a Patria; e deſtribuio por todos elles Evora Monte, e as ſuas rendas; Monte-Alegre com as terras de Barroſo; Chaves com os ſeus rendimentos; Arco de Baulhe; Alonquer; o Rabaçal; Alter do Chaõ, Villa Alva; Villa Ruyva; a Alcadaria Mór, e rendas de Eſtremoz, com as de Villa de Frades, de Monte-Mór, o Novo, de Almada, de Rio Maior, de Borba, de Porto de Mós, e de Monſarás, com outras muitas rendas, quintas, e propriedades, com que enriqueceo vinte e hum homens benemeritos das ſuas, e das Reaes attenções.

Todos os eſpiritos ſem paixaõ, que conheciaõ a candura de D. Nuno Alvares Pereira, derramáraõ ſobre eſta acçaõ os elogios, que ella na realida-

de

de merece, com tanto de ſublime, quanto tem de pouco imitada. Porém a inveja de dous emulos a eſcolhêraõ para materia de ſua detracçaõ. Murmurou-a o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, que ſe agora fallaſſe menos, naõ ſería trahidor taõ feio ao depois: notou-o o Doutor Joaõ das Regras, que em tudo fazia grande figura do tempo de Impoſtor audaz nas Cortes de Coimbra atégora, e ambos em hum corpo repreſentáraõ ao Rei: Que o Condeſtavel no que obrava, ſe eſquecia que era vaſſallo: que a ſua liberalidade era deſobediencia, era ambiçaõ, era competencia com a Mageſtade: que elle ſe contrafazia em Principe, diſpondo das terras, de que era uſo fructuario; independencia intoleravel, com que ſe queria conſtituir hum arbitro das Leis: que aſſim ſe faziaõ creaturas, ſe trazia á devoçaõ particular a gente de armas, que o Rei naõ podería domar quando quizeſſe: que o meſmo Condeſtavel com a ſua politica lhe eſtava enſinando a juſtiça, com que a el- Era vulg.

1394

Era vulg. elle, e aos mais Fidalgos devia tirar as terras, que lhes déra; derrogaçaõ licita no tempo da paz, por serem mercês feitas no da guerra.

Destas, e outras semelhantes razões apparentes, que Joaõ das Regras tecia com destreza, e mais a respeito do Condestavel pela sua natural antipathia contra elle, o Rei se deixou tocar para cahir na unica injustiça, que se lhe nota na sua vida larga. Elle attento á conservaçaõ dos Infantes seus filhos, que foraõ as imagens, que a astucia retocou com cores mais vivas: por outra parte sentindo no fundo do coraçaõ a amizade sincéra do Condestavel; as muitas, e fórtes próvas, que este lhe havia dado de inclinaçaõ á sua pessoa, de zelo na sua proclamaçaõ; a divida aos Grandes, e aos Militares, que lhe pozeraõ, e sustentáraõ a Coroa: todas estas idéas atormentavaõ o Rei para se resolver; se a favor dos filhos, contrario aos vassallos; se favoravel aos vassallos, opposto aos filhos. Cedeo em fim a obrigaçaõ á natureza, e foi determina-

na-

nado, que os Fidalgos reſtituiſſem á Coroa as terras, que poſſuiaõ? Já a liſonja, que naõ ſabe contradizer quando teme, ou depende, havia inclinado a maior parte dos convocados á preſença do Rei a approvar como juſta a reſoluçaõ ſuggerida: mas o Condeſtavel, que navegava rumo oppoſto ao da gente, que naõ ſabe unir o humilde com o fórte, o reſpeitoſo com o reſoluto, lhe repreſentou: Era vulg.

Que as terras, e rendas, que elle recebêra da maõ Real, naõ foraõ ſó lances de generoſidade, ſenaõ premio de huns ſerviços ao mundo taõ notorios, como eraõ os ſeus: Que elle nada pedíra, nada requerêra, tudo Sua Alteza lhe déra; mas que depois de poſſuir, era injuſtiça largar: Que eſſas que deixou aos que bem ſervíraõ, mais reſultava em glória ſua, que em applauſo delle, quando confeſſaſſe o mundo, que tinha hum vaſſallo, que remunerava aos que ſerviaõ o ſeu Rei com as meſmas mercês, que delle recebia para o ſervírem melhor: Que tanto o que lhe ficára, como 1394

Era vulg. mo o que déra, elle naõ podía já largar, nem vender; o que tinha, porque lhe era neceſſario, o que dêra, porque eſtava dado: Que ainda no caſo de poder deixar algumas das terras, que poſſuia, nunca o faría a titulo de venda, por naõ cahir em huma infamia; que ſe a iſſo o forçaſſem, ſe faría huma injuſtiça: Que a materia pedia mais ponderaçaõ, que aquella que fizéraõ os ſuggeſtores de ſemelhante novidade, que hum Rei taõ juſto havia bem pezar para bem ſe reſolver, porque a materia era mais importante á ſua reputaçaõ, que á ſua fazenda.

Naõ goſtou El-Rei da repreſentaçaõ do Condeſtavel, que deſta vez foi vencido pelas intrigas dos ſeus inimigos, e mandada obſervar a Ordenaçaõ ſem fazer eſpecie a ſua queixa. Retirou-ſe para Eſtremoz deſgoſtado, e cheio de reflexões eſte grande homem. Naõ gaſtáraõ nellas o tempo para venderem as Villas, que o Rei lhes déra, Martim Vaſques da Cunha, e Lopo Vaz ſeu irmaõ, Joaõ Fernandes Pache-

checco, Egas Coelho, e outros Fidalgos menos delicados, que o Condeſtavel, deſde logo reſolutos a abandonar a Patria, e paſſarem a Caſtella a receber os grandes premios, com que eſtabelecêraõ muitas das mais illuſtres, e oppulentas Caſas daquella Monarquia. Em Eſtremoz rodeáraõ ao Condeſtavel os ſeus amigos, os meſmos que elle beneficiára, e lhe proteſtáraõ, que ſentiaõ muito menos a perda dos ſeus bens, que a violencia feita a hum homem do ſeu merecimento. Elles ſe lhe offerecem para o ſeguir em todos os deſtinos; e entaõ o Condeſtavel lhes declára o ſeu reſpeito profundo para com o Rei; o ſentimento, que tinha de naõ poder obedecer-lhe; mas que a ſua honra eſtava taõ vivamente offendida, que naõ podia eſcuſar-ſe com taõ bons companheiros de ir viver a outro Reino, com tanto que apartaſſem de ſi o eſpirito de rebelliaõ; que ſempre reſpeitaſſem as ordens do Rei, e entendeſſem que quanto elle obrava, era effeito dos máos conſelhos, que lhe déraõ. Era vulg.

Era vulg. 1395

Chegou ao Porto, aonde El-Rei eſtava, a noticia, de que o Condeſtavel com a ſua gente ſe preparava para ſahir do Reino. Eſte Principe a ſentio á proporçaõ do affecto, que tinha a tal vaſſallo, e deſattendendo as ſuggeſtões, que o calumniavaõ de deſobediente com injúria da Mageſtade, mandou a Ruy Lourenço, Deaõ de Coimbra, foſſe inſpirar a D. Nuno ſentimentos diverſos aos que elle concebia; que elle queria imitar ao Rei D. Diniz, que rogára a hum vaſſallo, como Domingos Annes Jardo, rogando a outro como D. Nuno Alvares Pereira, que o naõ deſamparaſſe. Entre muitas dexteridades, que o Deaõ ſoube metter em uſo, foraõ as mais preſſantes a conſideraçaõ das infelicidades, a que a Pátria ficava expoſta com a ſua auſencia: que os inimigos viriaõ aballar o Rei no Throno a que ſobíra, porque elle á ponta da ſua eſpada lhe franqueára o caminho: que o primeiro ponto da ſua honra era naõ deſiſtir da empreza de firmar a Coroa na cabeça do Principe, que o amava,

e

e ſempre delle fora amado. Attento ouvio o Condeſtavel ao Deaõ; mas naõ deſiſtio do projecto, officioſo ao Rei, ſenſivel á conjuraçaõ dos ſeus emulos. Era vulg.

O Rei, que o eſtava muito mais na imaginaçaõ da perda de hum Heróe completo, que os Seculos produzem esforçando-ſe, repetio as inſtancias pelo Meſtre de Avís Fernaõ Rodrigues de Sequeira, logo por D. Joaõ, Biſpo de Evora. O mais que conſeguio delle o ultimo, foi dizer-lhe, que penſaría bem, e aviſaría a El-Rei. Elle lhe enviou a reſpoſta por ſeu 1396
tio Martim Gonçalves do Carvalhal, por Lopo Gonçalves de Eſtremoz, e depois appareceo na Corte. Já mais ſe ſoube o que paſſou nas conferencias particulares, que elle teve com El-Rei. O que ſoou em público foi, que o Soberano tomaría a ſi os vaſſallos, que eraõ dos Fidalgos, de ſórte que ſó elle os tiveſſe: que naõ ſe lhes prohibia terem o meſmo número de trópas, que o Rei ſe encarregava de lhes pagar: que as terras do Condeſtavel de juro herdade, as poſſuiſſe; mas que as

 que

Era vulg. que dera, o Rei poderia comprallas, ficando obrigado á remuneraçaõ dos ſerviços, como logo executou por meio de muitas mercês. O Prior do Crato, e o Doutor Joaõ das Regras naõ poderiaõ goſtar deſtas modificações, que derrotavaõ as ſuas idéas, tranſtornadas com o Condeſtavel attendido, para com elles deſgoſtado.

Concluido eſte negocio de tantas conſequencias, e ſendo paſſados tres annos depois do ajuſte da tregoa com Caſtella, o ſeu Monarca, bem longe de uſar de huma exactidaõ ſemelhante á do Rei de Portugal na obſervancia dos Artigos, detinha muitos dos noſſos priſioneiros com o meſmo rigor do tempo da guerra, e mandára a vários para Aragaõ, e outras terras mais diſtantes: procedimento, que deſgoſtou muito a El-Rei, e o forçava a tomar medidas naõ menos violentas. Com tudo, antes de deſcobrir os ſeus ſentimentos, mandou a Joaõ de Alpoem foſſe em ſeu nome queixar-ſe ao Rei, e perſuadillo a cumprir a ſua palavra. Nenhum effeito produzíraõ as

vi-

vivas representações deste Ministro, que justamente estimuláraõ El-Rei para naõ occultar mais o seu resentimento; mas ainda moderado, antes de romper a guerra, quiz valer-se do direito de reprasalia; apoderando-se por sobpreza de alguma das Praças fortes da fronteira, que lhe servisse de garante ao cumprimento dos ajustes mal observados. Em Viseo consultou El-Rei as suas intenções com Martim Affonso de Mello, que se offereceo a metter na sua obediencia Badajóz, ou Albuquerque. Era vulg.

Com felicidade cumprio Martim Affonso a promessa por meio de Gonçalo Annes Caçaõ, hum Portuguez valeroso, que estava refugiado em Badajóz. Elle o attrahio facilmente; e resoluto á empreza Gonçalo Annes, com hum bello estratagema enganou hum dos porteiros para várias noites o esperar fóra das pórtas, e ajudar a conduzir cargas de trigo, que entre si repartiaõ, dizendo as vinha buscar a hum celleiro sobterraneo, que descobríra na fronteira, e lho dava Martim

Era vulg. Affonſo. Na noite premeditada ſahio eſte Fidalgo com a ſua gente de Campo Maior; Alvaro Coitado, Vaſco Lourenço Marinho, e outros com a de Elvas, e Olivença, que poſtáraõ em parte aonde inveſtiſſem, quando o Caçaõ deſſe ſinal. Levava eſte as ſuas cargas coſtumadas, que o porteiro eſperava em diſtancia da pórta, a que os noſſos corrêraõ de galope, e ſem perda de hum homem, ſe fizéraõ Senhores da Praça, aonde prendêraõ o Governador Affonſo Sanches, o Biſpo, e Garcia Gonçalves Grijalva, que naõ pode ſalvar-ſe em Badajóz, como eſcapou de Aljubarrota. Foi executada eſta ſobpreza a 12 de Maio deſte anno, e a ella ſe ſeguio o rompimento da guerra.

CAPITULO V.

Rompe-se a guerra com Castella, e alguns grandes Fidalgos desgostados fogem para este Reino.

NAÕ era a intençaõ do Rei na tomada de Badajoz romper com Castella, senaõ obrigar por este meio o seu Rei a cumprir os artigos do Tratado da tregoa. Assim lho mandou elle intimar pelo seu Plenipotenciario Affonso Vasques, Comendador de Orta Lagoa, assegurando a restituiçaõ de Badajoz, tanto que elle enchesse as condições referidas. D. Henrique nada respondeo a este respeito, sendo-lhe todas as vozes necessarias para se queixar do attentado cometido sobre huma Praça no meio da paz, que elle naõ podia deixar de tomar como rotura de guerra; e como o seu fim principal era ganhar tempo para se prevenir, mandou hum Ministro a Portugal, que se explicou nos proprios termos, que elle fizéra a Affonso Vasques, e que em quan-

Era vulg. quanto á obſervancia do Tratado, iſſo era negocio, que tinha mudado de natureza em razaõ do golpe, que ſobre elle deſcarregára o Rei; e neceſſitava de novas convenções por meio de arbitros. Em quanto ſe levavaõ, e traziaõ eſtes recados, alguns navios de Biſcaya nos tomáraõ no Cabo de S. Vicente duas náos, que vinhaõ de Genova; e os Miniſtros, avançando a negociaçaõ na noſſa Corte, conſeguíraõ, que Martim Vaſques da Cunha, e ſeus irmãos, homens de taõ alta qualidade, declaraſſem com a ſua fugida para Caſtella o ſeu reſentimento contra o Rei deſde as Cortes de Coimbra, agora pela uſurpaçaõ das terras, que ſe lhes tinhaõ dado.

1397 Eſte exemplo pernicioſo dos Cunhas levou apôs ſi outros muitos homens ſemelhantes, que armados contra a Patria, vingáraõ nella os motivos particulares da ſua queixa. O Rei D. Henrique eſtimou tanto eſtes hoſpedes, que os mandou logo com o Condeſtavel D. Ruy Lopes de Avalos entrar em Portugal pela Provincia da Beira, que deſ-

destruíraõ até Viseo, deixando reduzida a cinzas esta Cidade. Chegáraõ os éccos tristes destes estragos a Santarém, aonde se achava o Rei, que necessitou de toda a sua constancia para sopportar a escusa de todos os Fidalgos, que naõ quizéraõ servir no exercito, e até o Condestavel sendo chamado, respondeo: Que elle já naõ podia ser-lhe necessario, quando tinha comsigo tantos Cavalleiros, que o aconselhavaõ, e o serviaõ melhor. Porém o zelo, e amor da Patria neste Heróe sobresahia tanto aos seus estimulos, que mostrou a violencia da resposta com a pessoa, que veio offerecer em Santarém para entrar de novo nos perigos. El-Rei o recebeo fóra da Villa com os agrados, que em hum provinhaõ da necessidade, para o outro eraõ divida do merecimento. Era vulg.

Quando o Condestavel se dispunha para ir buscar o inimigo na Beira, e teve aviso de se haver retirado, soube que o Mestre de Sant-Iago D. Lourenço de Figueiroa fazia no Alem-Téjo até Alcacere do Sal o mesmo,

que

Era vulg. que o Condeſtavel Avalos acabava de uſar na Beira. Eſta noticia o levou a accodir ao Alem-Téjo, que já achou deſaſſombrado dos inimigos. Em Arrayolos foraõ informados o Rei, e o Condeſtavel da perfidia do Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camelo, Marichal do Exercito, que naõ foi logo prezo, porque D. Nuno deſpicou as queixas, que tinha ſuas, em rogar por elle a El-Rei. Depois ſe provou completamente a ſua trahiçaõ, e o prendêraõ em Evora, donde foi levado para Coimbra; mas fugindo da priſaõ, e vagando pelo Reino, o Rei lhe perdoou, e aggravando os crimes, ſe refugiou em Caſtella para uſar das novas induſtrias, com que conſeguio outro perdaõ.

Como os eſpiritos da nobreza andavaõ perturbados depois da privaçaõ das ſuas Villas, terras, e iſençóes, que tinhaõ ſido premio de avultados ſerviços, e agora a renovaçaõ da guerra lhe abria a porta para dar entrada á infidelidade ſem temor da infamia: muitos Fidalgos, com Joaõ Fernandes

Pa-

Pacheco, Egas Coelho, e Joaõ Affon- Era vulg.
ſo Pimentel na ſua frente, foraõ entregar ao Rei de Caſtella, naõ ſó as peſſoas, mas as Villas, e Praças, que governavaõ: expediente com que nos tiráraõ a dúvida, de que o ſeu retiro coberto com a voz de queixoſos, na realidade era de trahidores. O ſentimento da perda de taes vaſſallos fez conhecer ao Rei o erro dos conſelhos de Joaõ das Regras, e do Prior do Crato, eſte já conhecido inconfidente, o outro hum invejoſo; mas no meio deſtas infelicidades, o ſeu grande coraçaõ naõ deſiſtio da entrada, que determinava fazer em Caſtella para reſtaurar a Praca de Tuy, que havia cedido pelo Tratado da trégoa. Elle ſe moveo com quatro mil lanças, e muita Infantaria a paſſar o Minho, aonde chegou o exercito de noite, e como ſe foſſe formado da gente mais biſonha, ſem acordo, nem diſcernimento militar, ſe lançou ao váo, e errando o porto, miſeravelmente ſe affogáraõ quinhentos homens, que o eſcuro impedio ſer ſoccorridos.

Em

Era vulg. Em quanto o Rei ſe diſpunha para eſta empreza de Tuy, de que logo fallaremos, o Condeſtavel, depois que ſe apartou delle em Santarém, fez huma entrada em Caſtella com o Meſtre de Avís para deſpicar a invaſaõ do Alem-Téjo. Deſaſete legoas de terra ficáraõ aſſoladas, e queimados os arrabaldes da Villa de Caceres com outros Póvos abertos. Depois ſobreveio ao Condeſtavel huma dôr taõ vehemente, que movendo-lhe huma melancolia profunda, o fazia andar como atonito, ou frenético. Quiz Deos conſervar eſta columna de Portugal, quando cahiaõ as mais firmes; e reſtituido á ſua ſaude, convocou a gente do Algarve, Alem-Tejo, e Eſtremadura para voltar á Caſtella, quando ſoube que o Meſtre de Sant-Iago com exercito groſſo ſe fazia preſtes para o vir buſcar em Portugal. Alvoroçou-ſe o ſeu eſpirito com eſta nova, e ſem perda de tempo eſcreveo ao Meſtre, dizendo: Que á ſua noticia chegava, como elle com as ſuas gentes o vinha buſcar, quando da ſua parte

te

te elle tinha os meſmos deſejos: que o naõ fizéra por cauſa da ſua doença; mas como eſtava melhor, e naõ queria dar-lhe incommodo, lhe pedia ſe deixaſſe eſtar quieto em ſua caſa, que elle já ſe punha em marcha a ir viſitallo. Era vulg.

O Meſtre de Sant-Iago com eſte aviſo pedio ao de Alcantara, e aos Fidalgos Andaluzes o reforçaſſem, e pelo meſmo trombeta reſpondeo ao Condeſtavel, que o eſperava. Entrou elle por Caſtella com 7300 homens, que mandavaõ nos ſeus lugares reſpectivos Martim Affonſo de Mello, D. Lourenço Eſteves, Mem Rodrigues, e Gonçalo Annes de Abreu, e aſſim marchou até Villa-Boa, onde o inimigo ſe poſtava, que logo nos mandou intimar o dia do combate. O Condeſtavel alegre por encontrar tantos ſentimentos de valor, e humanidade nos Senhores Caſtelhanos, lhes enviou a dizer pelo trombeta que ſe ſoubeſſe, que elles eſtavaõ no campo, ſe fizéra hum merecimento de os prevenir para o encontro, que deſejavaõ, e elle iria buſcar

Era vulg. car no ſeguinte dia a frente dos ſeus meſmos alojamentos. Aſſim o praticou o Condeſtavel, que na ſua face eſteve de piquete dous dias, ſem que elles deſceſſem da vantajoſa poſtura da montanha para acceitarem o deſafio, de que tinhaõ feito paſſar palavra. Toda a corage do Meſtre de Sant-Iago ſe deſaffogou em mandar ſatisfações ao Condeſtavel, deſculpando-ſe da violencia com que fizéra a ſua entrada no Alem-Téjo: que elle naõ queria dar-lhe batalha, e pedia que da ſua parte a ſuſpendeſſe, por ſer a ſua intençaõ hum ajuſte, ou huma tregoa taõ firme, que pareceſſe paz.

Tiveraõ os noſſos por eſtratagema as boas intenções do Meſtre, e reſoluto o Condeſtavel a inveſtillo, foi rodeando a ſerra, chegando-ſe ás ſuas trincheiras para vêr ſe de envergonhado o obrigava a ſahir dellas. O Meſtre lhe tornou ſegundo recado, para que os deixaſſe, e naõ quizeſſe mais gloria, que a adquirida naquelles tres dias com tanta affronta ſua; que lhe mandaſſe peſſoa habil, com quem conferir ma-

materias importantes. Fernaõ Domingues, criado do Condeſtavel, foi o Emiſſario, que voltou com a reiteraçaõ dos proteſtos de paz, que o Meſtre deſejava, e da conſtancia firme de naõ ſahir das trincheiras a combater. Com eſta certeza retrocedeo o Condeſtavel para fazer no exercito a Prociſſaõ do Corpo de Deos defronte dos muros de Safra, viſinho ao campo contrario, com admiraçaõ ſua pelo ſocego de animo deſte homem inimitavel. De Safra, e Burguilhos veio a Xeres dos Cavalleiros, rebanhando quanto apparecia em campanha taõ fertil, que lhe forneceo huma das prezas mais importantes, que entaõ ſe fizeraõ em Caſtella. Era vulg.

El-Rei deſgoſtado da perda das Villas de Bragança, Vinhaes, e Mogadouro, que os Fidalgos rebeldes, e fugidos entregáraõ a Caſtella, e muito mais da morte de tantos vaſſallos de valor affogados no Minho. Elle repaſſou eſte rio para exercitar a caridade nos ſeus ſuffragios, e enterro dos cadaveres, que appareciaõ nas ſuas margens,

Era vulg. gens, e o eſtimulavaõ a proſeguir a empreza, ſenaõ por vingança, como reſentimento. Outra vez vadeou o rio com mais cautela, e rendendo Salvaterra ſem trabalho, appareceo ſobre Tuy, que governava o meſmo Payo Serodia com muitos Fidalgos, preſidio numeroſo, e abundancia de provimentos para huma larga defenſa. Elles a ſuſtentáraõ com valor admiravel, e quanto da noſſa parte creſciaõ os trabalhos, mais os ſitiados dobravaõ o vigor para os arruinar nas ſahidas frequentes, que emprehendiaõ. Eſta meſma corage fazia, que a noſſa obſtinaçaõ ſe avantajaſſe á ſua, e a diminuiçaõ das ſuas trópas começou a derramar o medo entre elles, obrigando-os a pedir ſoccorros ao ſeu Rei com a ancia de quem ſe achava no ultimo aperto.

Entaõ publicou o Rei de Caſtella, que elle vinha em peſſoa ſoccorrer Tuy: que elle mandava invadir-nos pelo Infante D. Diniz, condecorado com o titulo de Rei de Portugal pela renuncia, que nelle fizera do ſeu direito

tó a Rainha D. Brites, e com elle todos os Fidalgos Portuguezes, que andavaõ em Caſtella: que a ſua armada naval vinha ſobre Lisboa, e o Meſtre de Sant-Iago paſſava a aſſolar o Alem-Téjo, para que o Meſtre de Avís, atacado por tantas partes, deſiſtiſſe do empenho temerario de querer ſer Rei. Naõ foraõ imaginarios eſtes ameaços; porque eſtando o Condeſtavel no Alem-Téjo, teve aviſo do Rei, para que marchaſſe a Tuy a achar-ſe na batalha, que vinha dar-lhe o Rei de Caſtella; e partindo de Monte-Mór para ajuntar a ſua gente em Evora, lhe eſcreveo da Beira o Governador da Provincia, Gonçalo Vaſques Coutinho, que o Infante D. Diniz havia feito nella grandes eſtragos; que naõ ſe demoraſſe em ſoccorrello. Ao meſmo tempo lhe mandáraõ noticia, que o Meſtre de Sant-Iago tinha ordens para entrar no Alem-Téjo; que de Biſcaya, e Sevilha entráraõ em Lisboa quarenta, e duas náos, e galés, mandadas pelo Almirante D. Diogo de Mendoça, com treze embarcações li- Era vulg.

Era vulg. geiras, para aſſolarem as margens do Téjo.

Quando apparato ſemelhante poderia conſternar qualquer eſpirito, o do Rei ſe moſtrou taõ firme, que diſſe em público nada ſería baſtante para o fazer mudar a reſoluçaõ da conquiſta de Tuy. O do Condeſtavel, reveſtido da ſua natural conſtancia, a tudo quizera acodir, ſe a maior neceſſidade da Beira lhe permitiſſe divertir as forças; mas até para as unir encontrou difficuldades no deſabrimento dos animos, que duvidavaõ arriſcar-ſe tantas vezes ſem premio, ſem agradecimento, até ſem ſoldo do ſeu Rei. A eſta ultima parte occorreo a generoſidade de Martim Affonſo de Mello, que da ſua fazenda pagou ás tropas; as duas primeiras adoçou o Condeſtavel, e juntos eſtes dous Chéfes, que leváraõ comſigo o Prior do Crato, fugido da prizaõ de Coimbra para o reconciliarem com o Rei, ſe fizeraõ na volta da Beira, que o Infante D. Diniz com Martim Vaſques da Cunha, Joaõ Fernandes Pacheco, e mais Fidalgos deſcontentes deſtruiaõ,

dei-

deixando viver as ſuas trópas á diſcriçaõ. Era vulg.

O Condeſtavel deſpedio de Caſtello-Branco hum criado ſeu com huma carta ao Infante, em que lhe dizia, que a noticia da ſua vinda áquella Provincia com o titulo de Rei de Portugal, o trouxera a ella para lhe moſtrar, que nelle ſe levantava hum teſtemunho: que vinha muito mal aconſelhado por Portuguezes trahidores, por Caſtelhanos liſongeiros, e que o eſperaſſe mais tres dias no campo, que elle já partia a fazello conhecer o ſeu engano. Naõ chegou eſta carta á maõ do Infante, porque baſtou aos Caſtelhanos ouvirem dizer, que D. Nuno Alvares eſtava na Provincia, para os obrigarem a retirar-ſe com precipitaçaõ a Caſtella. Com eſta certeza ordenou a Martim Affonſo foſſe para Alem-Téjo eſperar o Meſtre de Sant-Iago, que tinha mudado de parecer; e por Lisboa eſtaria ſem ſuſto da armada, desfeito eſte grande apparato, que tinha ſuſpenſas as attenções, quando o Condeſtavel queria ir ajudar a El-

Era vulg. Rei no ſitio de Tuy, ſoube do rendimento da Praça.

1398 Conſtante perſeverou elle ſobre as armas, em quanto o Condeſtavel ſe occupou nas expedições referidas, continuando os aſſaltos com hum vigor, que ſe naõ concebe. Informado, que o Meſtre de Alcantara deixára a invaſaõ do Alem-Téjo para ſe ajuntar com o Condeſtavel D. Ruy Lopes de Avalos, e que eſtavaõ huma legoa do ſeu campo; com tanta firmeza os eſperou, que elles voltáraõ caras, e ſe abrigáraõ em Ponte-Vedra. Aqui ſe encontráraõ com o Arcebiſpo de Sant-Iago, D. Joaõ Garcia Manrique, ſentido do ſeu Rei, por haver mandado prender o Duque de Benavente, D. Fradique, contra a palavra, que lhe déra: Reſentimento taõ grande para o honrado Arcebiſpo, que veio para Portugal, aonde naõ ſó foi Biſpo de Coimbra; mas gozou as honras devidas a taõ alta peſſoa, ornada de qualidades illuſtres. Os da Praça ſem eſperança de ſoccorro, capituláraõ ſalvas as vidas. El-Rei entregou o governo

no della a Lopo Vaſques, Commendador Mór de Avís, e veio para o Porto, aonde o eſperava a Rainha, e chegou o Condeſtavel para o congratularem da victoria. Era vulg.

1399 Succedendo ao Rei as couſas conformes aos ſeus deſejos; feliz nas ſuas conquiſtas; cobertos de confuſaõ os ſeus inimigos, o Rei de Caſtella já queria eſcuſar-ſe a ſer participante da deſgraça de ſeu pai. Tanta impreſſaõ lhe fez a perda de Badajoz, de Salvaterra, e de Tuy, que para renovar a paz, rota por cauſa da ſua pouca exactidaõ, mandou a Portugal com o caracter de Miniſtro ao Genovez Ambroſio Marini, que a propôz ao Rei. Eſte Principe lhe fez entender, que as idéas de ſeu Amo eraõ ganhar tempo para ſe reforçar, e renovar a guerra: que era da ſua obrigaçaõ evitar eſte inconveniente, e nada acreditar, em quanto ſe lhe naõ deſſem ſeguranças effectivas, mais firmes, que as paſſadas. Como as inſtrucções do Miniſtro naõ vinhaõ taõ amplas, que elle podeſſe decidir as dúvidas, que ſe

lhe

Era vulg. lhe propunhaõ; contentou-ſe com conſeguir tres mezes de ſuſpenſaõ de armas para os dous Reis contratantes nomearem Plenipotenciarios, que trataſſem as condições do ajuſte. Em conferencias gaſtáraõ o tempo, da noſſa parte o Biſpo de Coimbra, e o Condeſtavel, da dos Caſtelhanos o Meſtre de Sant-Iago com hum Juriſconſulto; mas ſendo exorbitantes as propoſtas do ſeu Monarca, o noſſo rompeo a negociaçaõ para continuar a guerra.

Elle ajuſtou com o Condeſtavel marcharem ambos na teſta de quatro mil cavallos, e huma groſſa infantaria a encher Caſtella de terror, e ſe lhe foſſe poſſivel expugnar a Praça de Alcantara; conquiſta de importancia, que daria alta reputaçaõ ás noſſas armas.
1400 A 15 de Maio ſe plantáraõ elles ſobre a antiga povoaçaõ, que pela ſua grandeza foi honrada pelo Imperador Trajano com o nome de Norba Ceſarea, e mandou fabricar no Téjo, que a banha, a ponte famoſa, que a illuſtra. Em quanto ſe avançavaõ os trabalhos, e abria a trincheira, tres cór-

córpos ſeparados do exercito, hum que mandava o Condeſtavel, outro Martim Affonſo, e o terceiro D. Lourenço Eſteves, novo Prior do Crato, em lugar de D. Alvaro Gonçalves Camello, fugido para Caſtella, penetrárão muitas legoas pelo interior do Paiz, e ſe recolhêrão com todas as riquezas daquelles contornos, havendo ſacrificado ao fogo as reliquias, em que não pode cevar-ſe a cubiça. Junto todo o exercito, ſe meditárão as impoſſibilidades da empreza; foſſe pela falta das barcas para a noſſa paſſagem; foſſe pela Praça eſtar bem fortificada, e melhor defendida; foſſe por não podermos impedir o ſoccorro, que em hum grande exercito lhe trazia o Condeſtavel de Caſtella, nós nos contentamos de aſſolar a fertil campanha viſinha, que forneceo aos ſoldados huma importante preza, com que voltárão ricos para a Pátria. Era vulg.

Aſſolações tão laſtimoſas, e de duração tão longa, obrigárão o Rei D. Henrique a penſar ſériamente nas propoſtas, que havia fazer a Portugal para

Era vulg. ra dar aos ſeus póvos huma paz perduravel. Entaõ renovou elle os poderes aos meſmos Plenipotenciarios, que ficaõ nomeados, que com effeito concluíraõ huma trégoa de dez annos; obrigando-ſe a entregar mutuamente as Praças a hum meſmo tempo; a naõ dar o Rei de Caſtella favor a algum dos pretendentes á Coroa de Portugal, em prejuiſo do Rei D. Joaõ; a ſer geral o armeniſticio ás duas Nações belligerantes, que reſtituiriaõ de ambas as partes os priſioneiros, ficando perdoados os que tiveſſem tomado as armas contra os ſeus Principes naturaes. Aſſim deſcançáraõ os eſpiritos das fadigas da guerra diuturna, reſtabelecida plenamente a tranquillidade nos dous Reinos, naõ havendo no de Portugal couſa memoravel no eſpaço dos dez annos deſta trégoa, do qual daremos hum ſalto ao anno de 1411 com a noticia da paz geral, e de algumas providencias civís, que lhe precedêraõ, e ſe lhe seguíraõ.

CA-

CAPITULO VI.

Era vulg.

Trata-se da paz com Castella, e outros acontecimentos até a conquista de Ceuta.

A RAINHA de Castella D. Catharina, que era irmã de D. Filippa, Rainha de Portugal, anciosamente desejava que a trégoa concluida entre as duas Coroas fosse huma paz, que désse socego perpetuo a ambos os Póvos. No melhor destes desejos, e correndo o anno de 1406 falleceo seu marido o Rei D. Henrique; e ainda que este incidente mudou a face dos negocios, naõ fez mudança alguma nas intenções desta Princeza. Seu filho o Principe D. Joaõ ficou na idade de menos de dous annos, e naõ faltáraõ Grandes, que offereciaõ o Reino a seu cunhado, o Infante D. Fernando. Em nome delles lhe levou este recado o Condestavel D. Rui Lopes de Avalos, ingrato ao Rei defunto, que de simples Fidalgo particular o elevara ás honras mais subli- 1411

mes

Era vulg. mes de Caſtella. O Infante juſto, e attento á Regencia do Principe ſeu ſobrinho, que lhe ficára encarregada juntamente com a Rainha, repellio o ſugeſtor, entaõ mais digno da Coroa, quando aſſim a regeitava. Deos lhe remunerou a equidade, fazendo-o Rei
1411 de Aragaõ; a ſeu filho D. Affonſo Rei de Napoles; ao ſegundo filho D. Fernando Rei de Navarra, depois de Aragaõ, ao terceiro D. Joaõ pai de D. Fernando o Catholico, no qual todas eſtas Coroas, e a de Caſtella recaíraõ.

No quinto anno da Regencia da Rainha D. Catharina, que era o de 1411, com as meſmas condições da trégoa, ella a converteo em paz, que encheo ambas as Nações de alegria. Grande era o ſeu deſejo, de que El-Rei ſe obrigaſſe por hum dos artigos a ajudar os Caſtelhanos na guerra contra os Mouros; mas elle aſſegurou, que eſtes ſoccorros ficavaõ ao ſeu arbitrio, e que nelles ſería taõ effectivo, como as experiencias o moſtrariaõ. Quiz a Rainha examinar a ſinceridade deſta offer-

ferta, e por huma carta cheia de attenções lhe pedio dez, ou doze Galés, que El-Rei lhe affirmou eſtarem promptas com o reſto das ſuas forças, e a peſſoa propria, quando os negocios de ſeu filho o neceſſitaſſem. Naõ ſe approveitou a politica Caſtelhana da candura deſte offerecimento, como tambem o naõ fez a do Rei D. Henrique na propoſta dos caſamentos das duas Coroas, a que ſe inclinava ſeu irmaõ, o Infante D. Fernando, para firmar a paz por eſte meio da uniaõ. O meſmo ſuccedeo a reſpeito do matrimonio da noſſa Infante D. Iſabel, depois Duqueza de Borgonha, que quando ſe tratava o ajuſte com ſeu primo D. Joaõ II. de Caſtella, o atalhou as tres mortes ſucceſſivas, do Rei D. Henrique, ſeu pai, a do Infante D. Fernando, ſeu tio, a de ſua mãi a Rainha D. Catharina: que parece naõ queria entaõ a Providencia ſe eſtreitaſſem em laços de amor as vontades de duas Nações, que havia tantos annos ſe derramavaõ o ſangue ſem compaixaõ. Era vulg.

El-Rei D. Joaõ, que com tanta gloria,

Era vulg. ria, ſuſtentára na cabeça a Coroa ſem mais ſoccorros, que o do ſeu valor: vendo agora, que o Reino reſpirava a aura benigna da paz, poſtas em ſocego as armas, elle ſe applicou a illuminallo com muitos Regulamentos a beneficio da Juſtiça, e da Economia. A averſaõ natural, que concebêra aos homicidios, o arrebatava a perſeguir inexoravelmente eſtes flagellos das vidas humanas, proporcionando-lhes penas bem conformes á gravidade dos crimes. Como entaõ era grande a authoridade dos Senhores nas ſuas terras, e o uſo continuo das armas tinha neceſſidade de homens, elles amparavaõ eſtes facinoroſos deſtemidos, que devendo ſer olhados como inimigos da Republica, obrigáraõ o Rei a promulgar Leis ſevéras contra os Fidalgos, que lhes deſſem protecçaõ, e ordenar aos Magiſtrados, que neſta materia tiveſſem huma vigilancia a mais exacta.

Depois do Rei aſſegurar aſſim a tranquillidade pública, ſe fez inſtruir em todos os impóſtos, com que nos

an-

annos antes ſe haviaõ gravado os generos, eſpecialmente os mais neceſſarios á vida, e os moderou de modo, que ſem attençaõ ás ſuas utilidades, foſſem ellas todas dos vaſſallos. Com a meſma equidade avançou o Patrimonio Real, que pelas muitas mercês dos Reis ſeus predeceſſores eſtava baſtantemente diminuido, já por meio de compra, já por novas acquiſições, a que precedia a gratificaçaõ dos benemeritos, que todos ficavaõ ſatisfeitos, e muitos com tanto exceſſo, que a economia ſe moſtrava derrotada pela liberalidade. O Doutor Joaõ das Regras foi hum dos que teve a melhor parte nas graças da Corte. Eſte grande homem havia caſado com D. Leonor da Cunha, filha herdeira de Martim Vaſques da Cunha, e de ſua mulher D. Conſtança, filha baſtarda do Rei D. Henrique de Caſtella. Como Martim Vaſques paſſou para eſte Reino, e perdêra os bens, que tinha em Portugal; o Rei o caſtigou com dar todos a ſua filha, que era o meſmo, que elle podia deſejar. Joaõ das Regras Era vulg.

gras

Era vulg. gras, taõ rico, e taõ honrado, teve de ſua mulher unica filha a D. Branca da Cunha, que caſou com ſeu tio D. Affonſo de Caſcaes, filho baſtardo do Infante D. Joaõ, e neto do Rei D. Pedro, e da Rainha D. Inez, dos quaes tambem naſceo unica filha D. Iſabel, mulher de D. Alvaro de Caſtro, primeiro Conde de Monſanto, que ſeguio na Caſa dos Marquezes de Caſcaes, extinta nos noſſos dias.

Tanta beneficencia do Principe elle a acompanhava da grande affabilidade, com que honrava os ſeus aulicos, quaſi ſempre de hum ar taõ honeſto, taõ condeſcendente, que ſó o reſpeito com que era tratado, o fazia parecer Rei. Tantos modos de obrigar traziaõ a todos ſatisfeitos, em igualdade de fortuna, proporcionada á virtude, á qualidade, o merecimento. Elle honrava os vaſſallos dignos, chamando-os pelos ſeus nomes, dando-lhes lugar na ſua meza, e nos ſeus paſſeios. Inimigo da liſonja, os que lhe diziaõ, e ſabiaõ dizer as verdades eraõ os depoſitarios dos ſeus ſegredos, os homens

do

do ſeu Conſelho. Quando eſta politica lhe inclinava os corações, a facilidade, que tinha em admittir as gentes; as audiencias frequentes, que lhes dava; a equidade das reſpoſtas, que percebiaõ, tudo eraõ huns quilates novos, que elle cada dia deixava vêr no caracter de Rei. Se as couſas, que lhe pediaõ, ſe deviaõ conceder, elle deſterrava a lentidaõ, que ſempre affligе aos que eſperaõ, e que deſmaia aos que tem razaõ para eſperar. Era vulg.

Floreſceo no ſeu tempo a Juſtiça, ſem ſe dizer, que as ſolicitações, ou os donativos a corrompiaõ; e como os cargos ſe davaõ em remuneraçaõ dos merecimentos, aquelles que os occupavaõ, naõ ſe conduziaõ pelos caminhos eſcuros, e vergonhoſos, nem ſe propunhaõ outro fim na deciſaõ dos negocios, que o de julgar a favor do partido mais juſto, naõ attendendo para differir ao mais poderoſo, ou ao mais acreditado. Eſta maxima ſeguida nos Tribunaes, era a meſma da Corte, que eſcuſava os rógos aos que tinhaõ as qualidades dignas para occuparem

Era vulg. os lados do Principe; e como eſte conhecia os homens, rara vez ſe enganava nas eleições. Daqui lhe naſcia a intolerancia ainda para as menores deſordens daquelles, que ſerviaõ no Paço, de que he boa prova Fernando Affonſo de Santarem, que cortejando com ternuras de amante huma das Damas da Rainha, a protecçaõ deſta Senhora, o naſcimento, e ſerviços de Fernando Affonſo, nada baſtou para elle deixar de morrer, e ella de ſer deſterrada.

Para dar ſegurança no futuro ao Tratado da paz com Caſtella, que pela menoridade do Rei D. Joaõ II. ainda naõ eſtava firmado por elle, e podia ſer perturbado, em razaõ das morte da Rainha D. Catharina, e do Infante D. Fernando, Rei de Aragaõ, ſeus Garantes: Elle renovou com Henrique IV. de Inglaterra a meſma alliança, que fizera com Ricardo II., e com ſeu ſogro, o Duque de Lancaſtro D. Joaõ de Gante, correndo o anno de 1404, pelos ſeus Embaixadores, Joaõ Gomes da Silva, e o Doutor

Mar-

Martim Docem. Na eleiçaõ dos primeiros Miniſtros para o ſeu deſpacho brilhava igualmente a prudencia illuminada de El-Rei. O primeiro que elle nomeou depois de acclamado Regente, e Defenſor do Reino, foi o Arcebiſpo de Braga, D. Lourenço Vicente, natural, e Senhor da Villa da Lourinhã, que eſtudando nas Univerſidades de França, e depois em Bolonha com o famoſo Baldo, veio illuſtrar a Pátria com os ſeus muitos talentos: Prelado eminente, taõ digno da attençaõ Real, que quando ſe deo parte ao Rei da ſua mórte, diſſe que perdêra hum dos olhos da ſua cara. Ella foi taõ precioſa, como prováraõ os repetidos milagres, obrados no ſeu ſepulchro, para ſerem indicios da ſua ſantidade, aſſim como foi a dò ſeu corpo incorrupto no anno de 1663 ſem mais ſinal da mortalidade, que vêr-ſe hum homem immovel, com os veſtidos debaixo da terra taõ intactos, como lhos tinhaõ poſto havia 266 annos. Era vulg.

O ſegundo Miniſtro, que D. Joaõ

Era vulg. nomeou depois de Rei, foi Joaõ Affonſo da Azambuja, que o Papa Joaõ XXIII. criou Cardeal do Titulo de S. Pedro ad Vincula, e de Santa Eudoxia, a trez de Junho deſte anno, ſendo nelle Arcebiſpo de Lisboa. Eſte Cardeal, foi filho de Affonſo Eſteves Cavalleiro, Repoſteiro Mór del-Rei D. Pedro, Senhor de Salvaterra de Magos, e irmaõ de Joaõ Eſteves, Alcaide Mór de Lisboa, chamado o Privado pelo ſer dos Reis D. Pedro, e D. Fernando. Ainda que o appellido de Eſteves era illuſtre, Joaõ Affonſo quiz tomar o de Azambuja para enobrecer a Villa deſte nome, ſua Patria; e porque a reputaçaõ de ſeu pai tinha ſido fructo de muitas acções heroicas, o merecimento do filho, collocado no Collegio dos Cardeaes, naõ lhe procurou gloria inferior. Elle governou ſucceſſivamente as Dioceſes de Evora, Porto, Coimbra, Lisboa, e fez terceira viagem á Italia, aonde foi hum dos Padres do Concilio de Piſa, que poz fim ao trabalhoſo Sciſma do Anti-Papa Pedro de Luna, que tantos

annos molestára a Igreja. Voltando para Lisboa, o Cardeal fez caminho por Flandres para visitar a Duqueza de Borgonha, mas adoecendo em Bruges, falleceo a 23 de Janeiro de 1415 com estimação da Igreja, e do Estado. Era vulg.

Como El-Rei tinha aproveitado o beneficio da paz em tantas acções illustres, e prudentes para a felicidade dos seus Reinos, e casado seus filhos naturaes D. Affonso com D. Brites Pereira de Alvim, filha unica do Condestavel, de que darei larga noticia, se Deos permittir, que chegue a escrever a successaõ a este Reino da Casa Real de Bragança, que delles descende, e de sua filha D. Brites com Thomaz, Conde de Arondel em Inglaterra. Elle entrou nos desejos de armar Cavalleiros os outros Infantes legitimos, que pelas qualidades heroicas das suas pessoas já se faziaõ dignos desta ceremonia honrosa, e indispensavel naquellas idades. Como ella regularmente naõ se practicava, senaõ em tempo de guerra, á face dos inimigos, ou depois de algum combate;

os Infântes bem inſtruidos nos uſos antigos, naõ queriaõ devêr a honra da cavallaria ſó ao naſcimento, e ao eſtado, ſem que ſe aſſignalaſſem em alguma acçaõ glorioſa, que lhes mereceſſe a diſtinçaõ devida aos Heróes. Occupados deſtes deſejos, pedíraõ ao Rei ſeu pai quizeſſe differir a ſua promoçaõ á Ordem da Cavallaria, até que a primeira guerra lhes deſſe occaſiaõ de moſtrar que naõ a recebiaõ por favor, e entaõ foraõ elles os primeiros, que lhe fizeraõ a abertura da conquiſta de Ceuta, que vai ſer a materia do Livro ſeguinte.

Era vulg.

LIVRO XXIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Das disposições que precederaõ á conquista da Cidade de Ceuta, em Africa.

GOZAVA Portugal o beneficio de huma tranquillidade profunda, quando os Infantes propozeraõ a seu pai a conquista da Cidade de Ceuta, e os soldados, que tantos annos vivêraõ ricos com os despojos da guerra, costumados ás fadigas da campanha aborreciaõ o ocio, e com ardor naõ menos vivo desejavaõ occasiões de se assignalar pelas armas. O Rei, que depois de o ser, se impôz a si mesmo a regra de nada emprehender sem muita justiça, assentou que ella havia dar a resposta ás razões, com que os Infantes o atacavaõ para condescender na empreza, 1414

que

Era vulg. que pretendiaõ. Depois de ouvir ſobre ella os votos dos maiores homens do Reino em ſciencia, conſciencia, e ſegredo; ſe reſolveo a propôr as ſuas dúvidas aos filhos, e entre elles ao Conde de Barcellos, que com vigor igual o perſuadia inſtado dos Infantes ſeus irmãos. Elle lhes ponderou a pouca gente experimentada de mar, e guerra, que havia no Reino, para de repente formar dous exercitos, hum terreſtre, outro naval, que naõ podiaõ eſcuſar-ſe: que o número das náos, galés, e embarcações de tranſporte devia ſer muito creſcido, e naõ ſe acharía em todos os portos da Monarquia: que o Erario eſtava exauſto pelos grandes gaſtos precedentes, e naõ ſería facil arbitrar fundos correſpondentes para as deſpezas enormes, que eraõ indiſpenſaveis em hum projecto taõ vaſto: que penſaſſem bem eſtas difficuldades, que a ſerem venciveis, elle eſtava prompto a concorrer com a peſſoa, e o ſangue para gloria de Deos na exaltaçaõ da Fé, e credito do Reino na reputaçaõ das armas.

O receio de que tomada Ceuta ſe quebraſſem as forças do Rei de Granada, que por aquella Cidade recebia os ſoccorros de Africa contra o Rei de Caſtella, eſte Principe mais forte com a fraqueza do outro, ſe faria temivel aos ſeus viſinhos: era outro motivo ponderoſo para a noſſa circunſpecçaõ na conjunctura, em que todos os avances de Caſtella ſerviaõ de padraſto ás noſſas vantagens. Os Infantes ſe retiráraõ da preſença Real melancolicos, por naõ terem que reſponder: mas Deos, que queria ſervir-ſe para inſtrumentos da ſua gloria deſtes Principes, que pelas ſuas idades immaturas podiaõ naõ dar eſperanças de muitas ſábias reflexões, elle pôz na bocca do Infante D. Henrique tantas das ſuas palavras de convicçaõ, que ſem deixar a El-Rei razaõ de duvidar, lhe ordenou aviſaſſe a ſeus irmãos, que eſtava reſoluta a jornada de Ceuta, e que do peſo dos ſeus annos elle tirava a agilidade para os acompanhar em peſſoa. Beijou D. Henrique a maõ a ſeu Pai pela mercê eſpecial, que tanto deſeja-

Era vulg.

ja-

Era vulg. java, e dando parte aos mais Infantes, voltáraõ todos a fazer a meſma demonſtraçaõ do ſeu prazer reſpeitoſo.

Deo-ſe o primeiro paſſo para a expediçaõ, que foi o modo induſtrioſo de mandar ſondar o fundo do mar na viſinhança da Praça; examinar o ſitio mais proprio para o deſembarque; notar a fortaleza dos muros, a quantidade de artilharia, o número, e eſtado da guarniçaõ, com tudo o mais, que era neceſſario ao conhecimento do paiz, e da Praça, que haviaõ ſer invadidos. Para eſte fim ſe eſquipáraõ com magnificencia duas galés, em que embarcáraõ o Prior do Crato, D. Alvaro Gonçalves Camello, outra vez reſtituido á graça do Rei, e Affonſo Furtado, Capitaõ Mór do mar, para que, repreſentando o caracter de Embaixadores mandados a Sicilia para tratarem com a Rainha D. Branca, Viuva do Rei D. Martinho, o caſamento do Infante D. Pedro, aportaſſem em Ceuta, e fizeſſem as obſervações, de que hiaõ encarregados. Tudo elles executáraõ com igual cautela, e exactidaõ:

daõ: diligencia, que tornáraõ a repetir na volta de Sicilia sem a conclusaõ do imaginario casamento, que cobrio esta primeira manobra. Era vulg.

A informaçaõ, que os Embaixadores deraõ a El-Rei do negocio, que se lhes encarregára, elles a revestíraõ de huma pouca de celebridade. Affonso Furtado muitas vezes instado para dar a conta das suas observaçõe, fechava-se, e só respondia ao Rei: Que a Cidade era sua. Naõ podendo já escusar-se de dar a razaõ desta resposta assertiva, disse: Que sendo elle rapaz fora com seu pai a Ceuta mandado pelo Rei D. Pedro: que passando por hum chafariz, aonde bebiaõ os cavallos, paráára pela curiosidade de os ver: que hum velho veneravel lhe perguntára de que naçaõ era, e dizendo-lhe que Portuguez, lhe pedio o informasse de quantos filhos tinha o seu Rei: que nomeando-os todos, menos a elle D. Joaõ, o velho lhe instára se lembrasse bem, porque entendia lhe faltava algum: que elle entaõ lhe dissera ser o seu Rei, pai de outro filho natu-

Era vulg. tural, chamado D. Joaõ, que era Meſtre de Avis: noticia, que ſobprendêra o velho, e lhe provocára lagrimas, e ſuſpiros: que perguntando-lhe a cauſa da ſua commoçaõ, elle lhe reſpondêra com eſta noticia, que todos os que eſtavaõ vivos em Portugal viraõ verdadeira:

Sabei, diſſe o velho, que as minhas lagrimas naõ naſcem das calamidades, que de preſente padece a minha Patria, ſenaõ das futuras, que lhe eſpero. Temos huma tradiçaõ, de que voſſo Rei D. Pedro naõ ha de viver muito. Por ſua morte ſerá Rei D. Fernando, que caſará com huma vaſſalla ſua. Morto elle pela ambiçaõ, e induſtria deſta mulher, padecerá o Reino grandes trabalhos, e antes delles ſe paſſaráõ para Caſtella os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz ſeus cunhados: auſencia, que dará cauſa para ſer acclamado Rei ſeu meio irmaõ D. Joaõ, Meſtre de Avis, que vós nomeaſtes. Eſte, depois de fadigas glorioſas, ſe eſtabelecerá no Reino, que lhe ha de invadir o Rei de Caſtella; mas obriga-

gado a fazer a paz, o Rei D. Joaõ com grande poder virá ſobre Ceuta, que facilmente ganhará aos Mouros, e naquelle meſmo chafariz, que vós eſtais vendo, haõ de dar de beber aos ſeus cavallos. Iſto ſupoſto, Senhor, (continuou Affonſo Furtado) ſe quanto o velho me diſſe, eſtá cumprido, e ſó falta a ultima parte da promeſſa; que mais reſpoſta tenho eu de dar-vos, ſenaõ que he voſſa a Cidade de Ceuta? Era vulg.

Seguio-ſe a fallar o Prior do Crato, e affirmou, que elle nada podia dizer, em quanto lhe naõ mandaſſe vir duas cargas de arêa, huma peça de fita, meio alqueire de favas, e huma eſcudella. El-Rei ſe reveſtio de circunſpecçaõ, e ordenou com ſeveridade ao Prior reſpondeſſe a propoſito ſobre as circunſtancias concernentes ao eſtado da Cidade. Porfiou o Prior naõ lhe ſer poſſivel fazello, ſem lhe porem promрto o que pedia. El-Rei voltando-ſe para os Infantes, lhes diſſe: Que entendia ter mandado eſpiar Ceuta por dous homens ſabios, de graduaçaõ, e autho-

Era vulg. thoridade ; mas que hum voltára Aſtrologo, o outro Magico. Em fim, a rogos dos Infantes, que conheciaõ o fundo dos talentos dos dous Fidalgos, perſuadíraõ a ſeu pai mandaſſe vir o que o Prior pedia, e lhe ſeria neceſſario para explicar melhor a ſua idéa. Aſſim ſe fez, e o Prior fechado ſó em hum quarto do Paço, formou da area o monte, aonde a Cidade eſtá fundada, e que elle plantou com a ſua meſma figura: Servio-ſe da fita para a cingir, repreſentando a muralha, aonde aſſinalou a diviſaõ das Torres: com as favas marcou as caſas, e ruas, indicando em tudo com demonſtrações os lugares fortes, e fracos da Cidade. O meſmo fez entaõ de palavra Affonſo Furtado a reſpeito de tudo o que tocava á marinha, e á viſta deſtes deſenhos ficou El-Rei completamente informado das circunſtancias todas, que queria ſaber.

Reſtava para vencer outra difficuldade conſideravel na repugnancia, que ſe receava da parte da Rainha, que os Infantes, pelo que a elles tocava, podê-

dêraõ reduzir com modos ternos, honrosos, e insinuantes a conceder-lhes faculdade; mas quando soube, que o Rei determinava acompanhallos, nada era bastante a socegar o seu espirito, que fluctuava no temor das contingencias, no intoleravel da premeditada saudade. Se estes motivos naõ foraõ os que lhe abreviáraõ a vida; a morte, que lhe sobreveio antes, a livrou dos sustos. Principiáraõ com lentidaõ os aprestos, assim da parte do Almirante Carlos Peçanha, pelo que respeitava á armada, como da dos Officiaes destinados á dinumeraçaõ, e listas da gente, que havia servir. Sem prejuiso de seus donos, foi o Rei tomando a si toda a prata do Reino, menos a das Igrejas; reformou os gastos da sua Casa; arrematou as rendas Reaes, e sem impôr tributo algum, ajuntou em breve tempo quanto lhe era necessario para huma empreza de tanto gasto. Era vulg.

Desejoso de consultar o Condestavel, voto de tanto peso, quanto era o da sua authoridade, e experiencia, com o pretexto de huma caçada da ou-

tra

Era vulg. tra banda, ſe lhe fez aviſo, para que vieſſe a Monte-Mór, aonde o Rei tinha que lhe communicar hum negocio de igual importancia, e ſegredo. Sahio elle de Arrayolos, e recebido em Monte-Mór com as honras coſtumadas, o Rei lhe communicou o negocio, que teve do Condeſtavel naõ ſó a approvaçaõ, mas os altos elogios, que merecia hum projecto taõ cheio de magnanimidade. Depois determinou convocar o conſelho em Torres-Vedras, aonde foraõ chamados entre outros Fidalgos, o Conde de Barcellos, o Condeſtavel, os Meſtres das tres ordens Militares, o Prior do Crato, Gonçalo Vaſques Coutinho, Martim Affonſo de Mello, e Joaõ Gomes da Silva. O Condeſtavel aconſelhou a El-Rei, que quando fizeſſe a propoſta naõ foſſe em modo de quem pedia os votos para ſe deliberar; mas que como negocio já reſoluto, ſó perguntaſſe os meios, de que ſe havia ſervir para o executar.

No dia decretado, o Rei, Infante, e mais Senhores ouvíraõ a Miſſa ſo-

ſolemne do Eſpirito Santo, e vindo Era vulg.
para a Sala do Paço, todos ſuſpenſos eſperavaõ ouvir o grande caſo, para que os chamaria El-Rei, que em tom de Mageſtade rompeo o ſilencio com eſtas vozes: O que eu venho a propôr-vos, e o modo por que o farei, vos cauſará novidade. O voſſo primeiro reparo ſerá, que conhecendo eu a voſſa fidelidade, vos mando jureis naquelle livro dos Santos Evangelhos, que me guardareis ſegredo inviolavel no que hei de referir-vos, porque as circunſtancias do caſo pedem todas as cautelas. Tomado o juramento, naõ ſó ſem repugnancia, mas com goſto, continuou El-Rei: Pois, Amigos, ſabei que chegou a hora feliz de mim ſempre deſejada: a hora de parar a effuſaõ de ſangue na guerra entre Chriſtãos, que ſempre ſuſtentei violento, fiz neceſſitado, defendi-me conſtrangido; mas graças ao Senhor dos Imperios, que me concedeo paz glorioſa. Nós eſtamos em harmonia concorde com Caſtella, até agora noſſa inimiga; que fazemos ocioſos? Vamos

edi-

Era vulg. edificar o Mundo com o noſſo zelo pela Fé em guerra ſanta ; marchemos a ſalpicar as Meſquitas dos Infieis com o ſeu ſangue barbaro , e ſirvaõ eſtas victimas da impiedade, ao meſmo tempo que para a expiaçaõ dos noſſos peccados , para hum culto de gratidaõ a Deos pelos beneficios innumeraveis , evidentes , ſenſiveis , que nos faz ha tantos annos. Ha muito tempo que diſcorro, qual ſería a qualidade deſte culto, deſta expiaçaõ, de que ao meſmo tempo reſultaſſe á Pátria utilidade , e gloria. Lembrou-me a conquiſta de Ceuta , que tenho determinado ; porque della reſulta fazermos ſerviço a Deos , emprehender huma acçaõ digna do noſſo valor , fechar as portas aos barbaros para as invasões em Heſpanha, para os ſeus inſultos nos mares. Tenho informaçaõ do eſtado da Praça ; já diſpuz os meios para a empreza : agora eſpero me aponteis os mais neceſſarios para a conſeguir, e que todos vos prepareis para me acompanhardes.

Como á Oraçaõ do Rei ſe ſeguio a acclamaçaõ do Condeſtavel , e do In-

Infante D. Duarte, que beijárao a mao a El-Rei pela heroicidade do seu pensamento : toda a Assembléa o approvou, e deo demonstrações vivas da sua honrosa complacencia. Começárao depois a laborar as idéas para cobrir os fins dos preparos extraordinarios, e entendeo o Rei nao as havia mais proprias, que fingir-se descontente de Carlos o Atrevido, Conde de Flandres, e publicar que dous dos seus navios tinhao aprisionado hum Portuguez; que nao era possivel conseguir delle a restituiçao, tantas vezes reclamada, e nao havia outro remedio, senao mandar a Fernando Fogaça, seu Enviado em Hollanda, lhe declarasse a guerra. Em audiencia particular communicou este Ministro as intenções de seu Amo ao Conde, que fez alta estimaçao do Rei de Portugal fiar delle hum segredo de tanta importancia; e para o cobrir melhor, ajustou com o Enviado, que na presença dos Grandes da Corte lhe daria audiencia pública, em que podia fallar arrogante para elle lhe responder feróz, e ficarem todos na in- Era vulg.

 tel-

Era vulg. telligencia, que a guerra era inevitavel entre os dous Eſtados.

Aviſou o Conde a ſua Corte para ouvir, e depois reſolver ſobre os Officios do Enviado, que fallou bem á Portugueza em lingoa eſtranha, com ſom taõ alto, e taõ ſubido, tanto em tom de guerra, e deſafio, que pode provocar no Principe cólera taõ real, como ſe nada tivera de fingida. Elle ordenou ao Miniſtro ſe retiraſſe, e diceſſe ao Rei, que naõ ſe deixaſſe occupar tanto do orgulho pelos bons ſucceſſos das guerras paſſadas: que elle naõ era Principe, a quem ſe mandaſſe ameaçar, e advirtiſſe que todos os inimigos naõ tinhaõ o meſmo caracter: que ſe fez tremer Caſtella, naõ havia aballar Holanda: que vieſſe com eſſe poder, que opprimia o Téjo, e punha em ſuſpenſaõ a Europa: que elle lhe promettia ir eſperallo ao caminho, para que hum Rei taõ grande entraſſe nos ſeus dominios bem acompanhado: que entaõ viría, como o Conde de Flandres tinha vaſſallos naõ menos valeroſos, que o Rei de Portugal. Sahio o

Mi-

Miniſtro da audiencia com o bom deſpacho, que deſejava; e voltando de noite ao Paço, o Conde o recebeo com as maiores honras, e lhe entregou a carta para El-Rei, em que agradecia a eleiçaõ, que fizera da ſua peſſoa para depoſitária do ſegredo, de que a Deos, e á Chriſtandade reſultaria honra, e gloria. Era vulg.

Tirado o rebuço para os apreſtos com a publicidade deſta negociaçaõ, o Rei continuou nelles com o ardor de quem eſtava para entrar em huma guerra. Entaõ ſe mandáraõ fretar navios a Inglaterra, Galliza, Biſcaya, e ſe preparáraõ os que havia nos pórtos do Reino, em eſtado de ſervir; ſendo Cabos da expediçaõ os Infantes D. Pedro, e D. Henrique. Ainda que o ſucceſſo de Flandres indicava, que contra elle ſe encaminhava o raio da guerra, os juizos do povo, e o temor dos Reis viſinhos o entendiaõ eſtratagema para cobrir o deſignio verdadeiro. Fallava a plebe quanto lhe propunhaõ os ſeus diſcurſos vágos, e ſó o Judeo Judas Negro, criado da Rainha, ſe jactava

Era vulg. de que pelos ſeus calculos Aſtrologicos penetrára, que as noſſas armas iriaõ deſcarregar o golpe em Ceuta; mas como tal expediçaõ naõ paſſava pelo penſamento ainda da gente menos vulgar, todos tinhaõ os prognoſticos do Judeo por taõ falliveis, como a ſciencia, em que elle os firmava.

Entre os Principes, o que entendeo ter mais razões para ſe aſſuſtar, foi o de Caſtella, e ſua Mãi, a Rainha Regente, que governava ſó, por eſtar já Rei de Aragaõ ſeu cunhado, o Infante D. Fernando, e depois de vários conſelhos, ſeguio o prudente que propôz. Como naõ ſe devia fazer movimento, nem deſconfiar da fé do Rei de Portugal, ſem que primeiro ſe lhe mandaſſe huma Embaixada, pedindo ratificaſſe as pazes: que ſe o fizeſſe, nada havia, que temer, e ſe naõ o praticaſſe, taõ bem nada havia, que eſperar. Foraõ nomeados Embaixadores o Biſpo de Mondonhedo, e Dia Sanches de Benavides, que marcháraõ com a deſconfiança de toda Caſtella, na intelligencia, de que o armamento

de

de Portugal tinha por objecto a Sevilha, e mais Praças de Andaluzia. Elles mudáraõ de conceito, logo que entráraõ na fronteira, aonde os esperava hum criado del Rei, que lhes fez os gastos da jornada até Lisboa, e chegados á Corte experimentáraõ tantos agrados, tantas condescendencias ás suas propostas, recebêraõ gratificações taõ consideraveis, que igualmente admirados da affabilidade, e grandeza del Rei, enchêraõ de prazer os animos consternados da sua Monarquia. Era vulg.

Com o bom successo da negociaçaõ de Castella, o Rei de Aragaõ se deixou tocar das mesmas suspeitas, que ella teve; e como cada Principe sempre tem razões particulares para temer hum Rei respeitavel, e poderoso, D. Fernando, que na eleiçaõ á Coroa de Aragaõ, preferio a D. Jayme, Conde de Urgel, receou que este Principe, por causa do seu casamento com huma filha do Rei de Aragaõ, D. Pedro, houvesse trazido a favor dos seus interesses ao Rei de Portugal, e que este quizesse com a guer-

ra

Era vulg. ra abalallo no Throno, a que acabava de ſubir. Tanto que os Miniſtros Aragonezes informáraõ ao Rei das inquietações do eſpirito de ſeu Amo, elle lhes ordenou ſe recolheſſem, e lhe diceſſem: Que lhe affirmava pela ſua Real palavra, como os ſeus apreſtos nada prejudicariaõ á ſua peſſoa, ou aos Reinos de Aragaõ, e Sicilia: que antes eſtava prompto para o ajudar com as meſmas forças á conquiſta de outro qualquer Eſtado, a que tiveſſe o meſmo direito: que ſe o ſeu ſegredo fora revelavel, a elle ſó o fizera; mas que brevemente lhe moſtraria a experiencia a candura das ſuas intenções, e a verdade, com que o tratava.

Iſto que no Aragonez naõ paſſou de ſuſpeita, no eſpirito de Joſé, Rei de Granada, foi verdadeiro temor. Eſte Principe Mouro, inquieto depois que El-Rei recuſou acceitar a offerta das ſuas trópas para a guerra de Caſtella, ſe perſuadio que eſta repugnancia ſe fundava na differença da ſua Religiaõ, e que o Rei fazendo entaõ eſcrupulo de confundir os Chriſtãos com

os

os Mouros no meſmo exercito, agora quereria lançallos das terras de Granada para eſtabelecer nellas o Chriſtianiſmo. Occupado deſta idéa, mandou tambem Plenipotenciarios a Portugal, que foraõ recebidos com particular diſtinçaõ; mas nas inſtancias dos ſeus Officios, que fizeraõ ás peſſoas do Rei, da Rainha, e do Infante D. Duarte, elles recebêraõ as reſpoſtas em termos vágos, e indifferentes, que já deſterravaõ, já naõ deſtruiaõ o ſeu temor, e com eſte deſengano ſe retiráraõ confuſos com eſperanças. Era vulg.

Depois da partida deſtes Miniſtros chegou a Lisboa o Infante D. Henrique com a fróta do Porto, que conſtava de vinte náos groſſas, e de ſete galés, em que vinhaõ embarcados, além da ſua Real Peſſoa, ſeu irmaõ D. Affonſo, Conde de Barcellos, D. Fernando de Bragança, filho do Infante D. Joaõ, o Marechal Gonçalo Vaſques Coutinho, Joaõ Gomes da Sylva, Alferes Mór, Vaſco Fernandes de Ataide, Governador da Caſa do Infante, Gomes Martins de Lemos, D. Pe-

Era vulg. Pedro de Castro, filho do Conde D. Alvaro Pires, Gil Vasques da Cunha, Pedro Lourenço de Tavora, Diogo Gomes da Silva, Joaõ Rodrigues de Sá, Joaõ Alvares Pereira, Gonçalo Annes de Sousa, Martim Lopes de Azevedo, Martim Affonso de Sousa, Fernaõ Lopes de Azevedo, Luiz Alves Cabral, e seu filho Fernando Alvares, Estevaõ Soares de Mello, Mem Rodrigues de Refoyos, Garcia Moniz, Payo Rodrigues de Araujo, Vasco Martins de Alvergaria, Alvaro da Cunha, Alvaro Fernandes Mascarenhas, e Ayres Gonçalves de Figueiredo, os primeiros sete destes Fidalgos commandantes das galés, e os mais das náos de alto bordo. Com vista alegre entrou o Infante pela barra, donde sahio a recebello o Infante D. Pedro, seu irmaõ, com oito galés brilhantes, huma que elle mandava, e nas mais o Condestavel, o Mestre da Ordem de Christo, D. Affonso, filho do Infante D. Joaõ, o Prior do Crato, o Almirante, o Capitaõ Mór do mar, e Joaõ Vasques de Almada, com outros

tros muitos Fidalgos magnificamente luzidos. Era vulg.

CAPITULO II.

Morte da Rainha D. Filippa, e continuação da jornada de Ceuta.

HUM exercito numeroſo em Lisboa, huma armada poderoſa, ſurta no Téjo, proxima a occaſiaõ da partida, eraõ circunſtancias, que já naõ conſentiaõ recatar mais tempo á Rainha o ſegredo, que El-Rei lhe guardava com tanta cautela, de ſer elle em peſſoa o Chéfe da expediçaõ. Elle lhe declára, que o intereſſe da Religiaõ, a ſua meſma gloria, a ſegurança de Heſpanha dependiaõ da ſua paſſagem a Africa com os Infantes; que elle naõ devia deixar eſcapar eſta occaſiaõ de aſſignalar o ſeu zelo, e de extender o Dominio com a conquiſta de Ceuta, que elle marchava a emprehender na teſta do ſeu exercito. Ella, que até entaõ eſtava certa, de que o projecto era dos Infantes, e duvidava ſe intereſſaſſe nelle a peſſoa do 1415

Rei,

Era vulg. Rei, auſencia, que ſe lhe fazia inſoportavel; agora empregou para o perſuadir ao contrario tudo, quanto o ſeu coraçaõ, e a ſua ternura lhe inſpiravaõ de mais tocante. Os movimentos do amor conjugal a enſinárão a fallar huma nova lingua; os ſuſtos das contingencias, a lembrança da heroicidade em cada periodo lhe cortavaõ as vozes, mudavaõ os ſentidos, dizia, e naõ ſe explicava. Combatida de tantos ſentimentos differentes, a vivacidade da alma ſempre a inclinava a fazer entender os perigos, a que hum Rei ſe expunha; que ella ficava ſem marido, ſem filhos, o Eſtado ſem ſucceſſor, e tal vez ſem Soberano.

Foſſe originado da triſteza, ou do contagio, que laborava em Lisboa cauſado do concurſo de tantas gentes; no meſmo dia da entrada do Infante com a fróta do Porto, adoeceo a Rainha. Quizera ella ter o goſto de vêr armar cavalleiros aos Infantes ſeus filhos, antes de ſe embarcarem; mas cheia deſte eſpirito de ſobmiſſaõ, que devemos ás ordens Divinas, ella ſe reſignou para

ra

ra todas as diſpoſições da Providencia, que tudo governa. Como o mal engravecia, depois de ſe preparar para huma morte ſanta, chamou o Rei, e os Infantes. Ella rogou ao primeiro amaſſe aos ſeus filhos, como penhores precioſos do ſeu amor conjugal, lembrando-ſe do reſpeito, e da ternura, que ſempre tivera por elle deſde o inſtante, em que a aſſociou ao Throno. Voltando-ſe para os ſegundos, os exortou a defender a expenſas da propria vida os intereſſes da Religiaõ, e da honra; a conſervar ſempre o meſmo reſpeito á peſſoa do Rei ſeu pai; a ſuſtentarem entre ſi com firmeza a uniaõ fraternal, em que ella os educára do tempo da ſua mininice; e perguntando-lhes, que vento fazia, ſendo entaõ proprio para a jornada de Africa, reſpondeo: Que bom tempo eſte para a voſſa partida! Seja Deos bemdito, que me nega o goſto de a vêr; mas eu a verei de lugar mais alto, e naõ eſtorvará a minha morte a voſſa jornada, que fareis dia de Sant-Iago.

Era vulg.

Pareceo eſte dito hum delirio, em

ra-

Era vulg. razaõ de faltarem ſó oito para o dia marcado; mas o effeito moſtrou, que fora illuſtraçaõ da alma, que vaticinára ao meſmo tempo a morte do corpo, e a hora da jornada. He tradiçaõ conſtante, que no ſeu tranſito ſuccedido aos 19 de Julho, com 56 annos de idade, lhe apparecêra Maria Santiſſima, e a confortára para levar com goſto a morte, que era precioſa nos olhos de Deos. Foi eſta Princeza devota, e obſervante da Religiaõ; diligente, e generoſa na Caridade; attenta, e reverente no reſpeito ao Rei; vigilante, e activa na educaçaõ dos filhos; firme e conſtante nas adverſidades; moderada, e ſobria na fortuna; effectiva nas reſoluções, ponderoſa nos conſelhos, ſem altiveza grave, ſem abatimento humilde, ſem vaidade liberal, ſem affectaçaõ modeſta, em tudo hum bello exemplar das peſſoas do ſeu ſexo, e caracter. O lugar de Odivellas foi o da ſua morte, e o Convento da Batalha he o da ſua ſepultura, aonde foi gravado o Epitafio, que refere Fr. Luiz de Souſa na

pri-

primeira parte da Historia de S. Domingos, Liv. 3. pag. 384. Era vulg.

Cobrio-se a armada de lutos para participar dos que estavaõ vestidos os animos; affligia a peste, que grassava em Lisboa, e ainda atemorisava o eclypse espantoso do Sol, que precedêra á morte da Rainha. Tantos contratempos parecia, que desconcertariaõ ao Rei nas medidas, que tinha tomado, e se esperava que em lugar de executar o designio de Africa, elle o encarregaria a algum dos Infantes associados de bons Generaes; mas querendo conduzir-se com a madureza, que em tudo costumava, mandou ouvir os do Conselho. Dividíraõ-se, e empatáraõ-se os votos, que elle houve de decidir, e o fez com esta elegante falla: Muito me admiro, que haja quem intente dissuadir huma empreza tanto da gloria de Deos: empreza toda do seu serviço, igualmente justa, e pia. Esses successos tragicos, que vos assustaõ, saõ os mesmos, que a mim me animaõ. Mandanos Deos a peste, para que nos acaute-

Era vulg. telemos os vivos, recorrendo a elle, emendando as vidas. Nós o faremos aſſim, empenhados na guerra ſanta, e a pureza das noſſas conſciencias ſerá o primeiro inſtrumento das noſſas victorias. Eclipſou-ſe o Sol, fenomeno vulgar da natureza, que naõ nos indica querer dar ás meias Luas barbaras as ſuas luzes, ſenaõ divertir os ſeus raios para nós combatermos á ſombra. Morreo a Rainha: as ſuas orações lhe abbreviariaõ a vida para ſoffrer antes a morte, que a ſaude; ellas agora mais puras, mais viſinhas á Divindade, conſeguiráõ do Deos dos Exercitos mande em noſſo ſoccorro muitas das ſuas eſquadras, que nos faraõ invenciveis. Se o mundo alterna os goſtos, e os pezares; eſtes eſtaõ ſoffridos; agora vamos ter a complacencia de vêr adorar o Deos verdadeiro na terra dos barbaros, e de fazer celebrar os Sacrificios de expiaçaõ nas Meſquiſtas de Ceuta.

O meſmo foi repetir o Rei eſtas palavras, que deſapparecer o luto da armada, içarem as flamulas, e galharde-

detes, ſoarem os clarins, e trombetas para annunciar aos Póvos, que o Téjo banha, que eſtava determinada a empreza de Africa, com deſpreſo de todos os agouros. Quiz El-Rei partir dentro em quatro dias; mas alguns Fidalgos contemplativos pediaõ mais hum mez de demóra para ſe fornecer a armada de muitas couſas, que neceſſitava. O Infante D. Henrique ſe oppôz a eſta demanda, dizendo a ſeu pai: Senhor, o que falta na armada, he que vós vos embarqueis; que ella leve as ancoras, e largue as vélas. Aſſim ſe executou effectivamente, e no dia 25 de Julho, como a Rainha prediſſéra, levantou ferro toda a armada, compoſta de 59 galés, 33 náos de alto bordo, e 120 navios de tranſporte, em que embarcáraõ 50ↀ homens: armada a mais conſideravel, que até áquelle tempo havia ſaido dos pórtos de Heſpanha, aſſim no número das náos, e da gente, como na qualidade della. Além da peſſoa do Rei, e de ſeus tres filhos os Infantes D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, e do Era vulg.

Con-

Era vulg. Conde de Barcellos, D. Affonſo, irmaõ natural dos Infantes, hiaõ D. Fernando, e D. Affonſo, filhos do Infante D. Joaõ, o Condeſtavel D. Nuno, a melhor nobreza do Reino, e os Meſtres das Ordens, menos Fernaõ Rodrigues de Sequeira, que o era da de Avís, por ficar encarregado do governo do Reino, e das peſſoas dos Infantes D. Joaõ, e D. Fernando, pelas ſuas idades tenras incapazes da dureza da guerra.

De várias partes da Europa acodíraõ para ſe acharem neſta glorioſa empreza muitos Fidalgos com armas, e gente á ſua cuſta, entre os quaes devemos lembrar o Inglez Mondo, que ſendo hum dos mais ricos homens do ſeu Reino, veio ſervir-nos com quatro, ou cinco náos bem eſquipadas, e guarnecidas de trópas Inglezas, que pagou da ſua bolça todo o tempo, que durou a expediçaõ. Tal era o brado, que as gentilezas de D. Joaõ I. tinhaõ dado no mundo, que movia as Nações a largar a Patria para ter a honra de ſe aliſtar debaixo das ſuas vi-

ćto-

ctoriosas bandeiras. Este foi o apparato formidavel, que no dia referido sahio da barra de Lisboa, sem que até agora Escritor algum duvidasse do número das nossas náos, excepto Mariana, que empenhado em deprimir a nossa gloria, só conta 120 entre todas. No seguinte, que era Sabbado, chegou a armada a ancorar defronte de Lagos no Algarve, aonde El-Rei declarou a todos, que marchava a conquistar Ceuta, e foi publicada pelo Padre Fr. Joaõ de Xira em hum elegante Sermaõ a Cruzada, que para esta guerra dos Infieis havia concedido o Papa Joaõ XXIII. Com ventos prosperos continuou a viagem, naõ sem susto dos pórtos maritimos de Andaluzia, até que toda a armada em conserva ferrou o porto de Tarifa. Era vulg.

Governava esta Praça, por El-Rei de Castella, Martim Fernandes Portocarreiro, tio do nosso Conde D. Pedro de Menezes, que logo fará alta figura nesta Historia. Aquelle Fidalgo Portuguez, sabendo que El-Rei vinha na armada, lhe mandou por seu filho Pe-

Era vulg. dro Fernandes Portocarreiro hum refresco magnifico, que o Rei naõ quiz acceitar, e o delicado Governador, para que ninguem se servisse do presente, que tinha sido offerecido a hum Rei de Portugal, mandou degollar os gados, e espalhar pela praia em pedaços todos os generos, de que elle se compunha: acçaõ del Rei taõ estimada, que elle, e os Infantes a remuneráraõ com preciosos donativos. Circunstancias differentes obrigáraõ a usar de outra politica com os medrosos Mouros das Algeziras, vassallos do Rei de Granada, aonde a armada veio dar fundo para occultar os designios. Vendo elles no seu porto tantas forças, em nome do seu Rei mandáraõ ao de Portugal outro refresco, pedindo com termos humiliantes quizesse elle declarar ao Monarca seu amigo o destino da jornada. El-Rei fez responder aos Enviados: Que mal poderia elle descobrir-lhes o segredo, que escondêra ao seu Rei; mas que para lhes mostrar a sua condescendencia, acceitava o presente.

Das Algeziras ſe fez a armada na volta de Ceuta, Cidade ſituada na entrada do Eſtreito de Gibraltar para a parte do Mediterraneo, edificada em huma lingua de terra, que além do Continente ſe dilata da parte do Nórte, e que curvando-ſe para a do Levante, fórma huma eſpecie de Peninſula. Pomponio Mela lhe chamou Septa, em razaõ dos ſete montes, que a cercaõ, e os antigos Ceit, nome de hum neto de Noe, que ſignifica Princípio de formoſura. Os Romanos a diziaõ Cidade por anthonomaſia, e era a Capital da Provincia de Habat, no Reino de Féz, ou da Mauritania Tingitana, eſtimada de Ortellio pela Eſſiliſſa, ou Exiliſſa de Ptolomeo. Quer Procopio, que os Godos a ganhaſſem aos Romanos; mas vindo a pertencer aos Reis Mouros de Granada, ſobre elles a tomáraõ os de Marrocos com o ſoccorro das armas de Aragaõ. Neſte tempo a governava o Mouro Zalá Benzalá, Senhor de Tangere, de Arzila, e de outros muitos Lugares, em qualidade illuſtre, como deſcendente Era vulg.

Era vulg. dos Reis Benemerines, no valor provado, no talento diſtincto, capaz de ſe lhe encarregar a ſegurança da chave de Africa, e de Heſpanha.

Quando Zalá Benzalá vio que a armada eſtava no Eſtreito, naõ pode duvidar, de que Ceuta era o lugar do ſeu deſtino: idéa conſtante, que o obrigou a conduzir trópas de todas as partes para reforçar a ſua numeroſa guarniçaõ, que chegou a contar cem mil homens. El-Rei entrou no porto de Barbaçote, que fica ao Oriente da Praça, para eſperar a maior parte da fróta deſgarrada com huma tormenta. Elle ſe deteve mais dias do que penſava, eſperando a reuniaõ dos navios, que com algumas galés mandou conduzir pelo Infante D. Henrique dos portos de Heſpanha, aonde haviaõ arribado. Elles chegáraõ; e quando ſe entendeo, que tudo contribuia para os progreſſos deſenhados, tomadas as medidas para o deſembarque, tempeſtade mais violenta, que a primeira, outra vez ſeparou a armada, e pôz o Rei em eſtado de nada emprehender

ſem

ſem outra reuniaõ das ſuas forças. Neſtes intervallos, os Mouros que vieraõ de ſoccoro, tendo por impoſſivel, que El-Rei podeſſe fazer huma ſegunda tentativa ſobre a Cidade por cauſa da continuaçaõ do temporal, alguns delles ſe retiráraõ antes de tempo. Era vulg.

Porém unida a eſquadra nas Algeziras, quando já ninguem penſava, que terceira vez ſe intentaſſe a expediçaõ de Ceuta, o Rei chamou os Principes, e Generaes a conſelho. Os primeiros naõ queriaõ deſiſtir da empreza; os ſegundos renovavaõ a memoria dos agouros, e tinhaõ por melhor a retirada para Lisboa. El-Rei com huma pouca de ſeveridade á viſta das dúvidas, mandou que a armada ſe fizeſſe á véla, e que a ſeu tempo lhes daria a reſpoſta. Chegados á Ponta do Carneiro, que fica fóra da enſeada, publicou El-Rei: Que a reſpoſta, que tinha de dar ás indeciſões dos conſelhos tomados nas Algeziras, era que as proas ſe pozeſſem em Ceuta para ſe fazer o deſembarque pela parte de Almina: e chamando ao Infante D. Hen-

Era vulg. Henrique, lhe fallou assim á vista de todos:

Eu vos naõ respondi, quando em Lisboa me pedistes vos permitisse seres o primeiro, que no desembarque, que vamos a intentar, pozesses o pé em terra. He chegada a occasiaõ de differir a huma rogativa taõ justa, para animar a todos com o risco, a que exponho gostoso a vossa Pessoa ao serviço de Deos. Tendes licença para saltar em terra antes de todos, naõ só como nosso camarada, mas como Chéfe principal, a quem eu encarrego esta expediçaõ, bem instruido no fundo dos vossos talentos. Com todas as náos, que trouxestes do Porto, ide ancorar junto a Almina; que o resto da armada vai dar fundo da outra parte, para que alli acudaõ com mais vigor os Mouros na intelligencia, de que alli he o desembarque; e ouvido o signal, que vos dér, postai-vos em terra com a vossa gente; obrareis o que de vós espero, e Deos vos ajude. O Infante, naõ podendo reprimir o prazer, beijou a maõ ao Rei seu pai, e par-

partio a executar as ordens com a felicidade, que diremos no Capitulo seguinte. Era vulg.

CAPITULO III.

Como foi investida, e ganhada a Cidade de Ceuta.

ZALÁ Benzalá, penetrando pelas manobras da armada, que sem dúvida era investido, para se defender nada teve que ajuntar ás ordens, que antes havia dado. A sua guarniçaõ era muito numerosa, os armazens estavaõ bem providos, e reparadas na fortificaçaõ ainda as mais pequenas roturas. O seu zelo se affervorava á vista da face do perigo, quando soou o signal para o desembarque. O Infante D. Henrique antes de sahir da sua galé, pôz na borda della ao seu Capellaõ Mór, Martim Paes, com o Santissimo em huma Costodia, rodeado de todos os Padres, que em preces continuas, em quanto durasse o ataque, lhe estivessem rogando se mostrasse aos filhos propicio,

aos

Era vulg. aos Infieis inexoravel. A esta vista adoravel, plantada sobre as agoas barbaras do Freto Herculeo, sahio pelos olhos dos nossos destilado em lagrimas o fogo da Fé, e do zelo, que lhes ardia nos coraçōes. Desta demora pia, que observava na galé do Infante, tomou occasiaõ Joaõ Fogaça, Védor da Casa do Conde D. Affonso, para a toda a voga ferrar a praia, aonde o primeiro, que saltou, foi Ruy Gonçalves, depois Commendador de Canha, que com os poucos que o seguíraõ, mostrou aos Mouros os preludios elegantes da fatalidade, que os esperava.

O Infante D. Henrique, que estava mais longe da terra, se lançou em hum batel com Estevaõ Soares de Mello, e o seu Alferes Mór, Mem Rodrigues de Refoyos, que marcháraõ a carregar os innumeraveis Mouros, de que estavaõ bordadas as praias. O Infante D. Duarte, que observava o espirito denodado, com que seu irmaõ andava de envolta com os Mouros, sahio á terra acompanhado de Martim

Af-

Affonſo de Mello, de Vaſco Annes Era vulg. Corte Real, e outros, que com os mais, que tinhaõ deſembarcado, faziaõ por todos cincoenta, que com golpes incriveis foraõ rechaçando os barbaros até a porta de Almina, por onde entráraõ com elles Vaſco Annes Corte Real, logo o Infante D. Duarte, e depois deſtes dous Aventureiros, mais trezentos dos noſſos, que ſeguiaõ ao Infante, e foraõ levando os Mouros até as portas da Cidade. Aqui ſe formáraõ elles em batalha, quando o Infante D. Henrique, já vencidos os tropeços do campo, ſe uníra a ſeu irmaõ D. Duarte, e conſiderando que de envolta com os Mouros poderiaõ entrar pelas portas da Cidade, como o fizeraõ pela de Almina, ſe reſolvêraõ a atacallos com valor extremo.

Aſſim o fizeraõ os Infantes na téſta deſtes, e dos mais ſoldados, que vinhaõ chegando, defendendo-ſe os Mouros amparados da muralha com corage deſmedida; mas elles a perdêraõ, quando víraõ que Vaſco Martins de Albergaria atraveſſára hum Mouro monſ-

truo-

Era vulg. truoſo, todo negro, e nu, que na ſua frente deſpedia pedras, que pareciaõ raios. Elles ſe retíraõ, e de tropel os vaõ ſeguindo 500 dos noſſos, que entraõ com elles na Cidade, ſendo o primeiro o meſmo Vaſco Martins, que abrio aos Infantes, e a ſeu irmaõ o Conde de Barcellos o caminho, pelos levar perfilados de peito á eſpalda na ſua retaguarda. Aqui foi arvorado o Eſtandarte do Infante D. Henrique, que era o Chéfe da acçaõ por eſta parte, e á ſua viſta todos ſe fizeraõ firmes para eſperar os camaradas, que vinhaõ chegando, e ſegurar as portas, naõ ſuccedeſſe, ſe os Mouros as fechaſſem, ficar elles dentro, e naõ poderem entrar os defora. Excede todo o encarecimento o valor dos noſſos neſte lance, e a conſtancia com que peleijavaõ. Zalá Benzalá, que do alto do Caſtello obſervava todos eſtes movimentos, e vio levar ferro a armada del-Rei do lugar, que elle entendia do deſembarque, e reforçára com maior numero de gente, para lançar a ſua em terra no primeiro lugar do ataque;

naõ

naõ perdeo o acordo, e ſem faltar á defenſa da Cidade, determinou eſperar no Caſtello o repelaõ mais violento. Era vulg.

Vaſco Fernandes de Ataide, naõ contente ſó com huma porta, a troco do ſeu, e de alheio ſangue, ſeguido de huns poucos, com arrojo de valor, que naõ he facil conceber-ſe, abrio ſegunda, aonde elle, ſeu tio Gonçalo Vaſques Coutinho, e outros ſequazes do ſeu exemplo, e da ſua corage ſe mantiveraõ, como columnas de marmore, eſperando os bravos aventureiros, que corriaõ em ſeu ſoccorro. Entrou o Védor da Fazenda, Joaõ Affonſo, que aconſelhou aos Infantes eſta empreza, e aviſtando-os taõ gentis, cobertos de ſangue, de pó, e de gloria, lhes diſſe: Ah! Senhores, em viſtoſas feſtas vos metti; bem mereceis nellas ſer armados Cavalleiros. Depois da lingua entráraõ a obrar as mãos, levando eſte alentado homem diante de ſi pelas ruas de Ceuta muitos Mouros já cortados igualmente do temor, e do ferro. Em quanto elle, Martim

Af-

Era vulg. Affonſo, e outros Fidalgos com a muita gente, que hia entrando, deſpejavaõ as ruas a golpes, os dous Infantes marcháraõ intrepidos a ganhar huns altos, donde os Mouros nos podiaõ fazer damno. Sobre elles ficou plantado o Infante D. Duarte, que coroou o mais eminente chamado o Ceſto; e o Infante D. Henrique tornou a deſcer ás ruas para augmentar a carnagem dos barbaros, que os noſſos faziaõ horroroſa.

El-Rei, que ainda eſtava embarcado com o groſſo da gente, vendo correr a todos para a parte de Almina, mandou pelo Infante D. Pedro dizer ao Infante D. Duarte, que ſaltaſſe em terra, ſuppondo-o ainda a bórdo; mas informado, que no principio da acçaõ ſe incorporára com o Infante D. Henrique, diſſe para os ſeus: Meu filho como me vê velho, entendeo que o naõ poderia acompanhar, e ajuntou-ſe com ſeu irmaõ, que he mais agil: Eu dou graças a Deos de lhe ter cumprido os deſejos. Immediatamente mandou arvorar a Bandeira Real pelo ſeu

Al-

Alferes Diogo de Ceabra, e tocando Era vulg. a desembarcar, pisou a terra Africana todo o exercito Portuguez. O prazer deste formoso dia, entre tantos mil homens, só o sabia disfarsar o Rei magnanimo, que no meio das fortunas, e das desgraças, conservou sempre inalteravel o mesmo semblante.

Naõ foi menos vigorosa a defensa dos barbaros neste lugar, que o Rei atacou com o maior número das suas armas. Elle correo o mesmo perigo, que os seus capitães, que os seus soldados: Principe, Chéfe, camarada em todos os lances, e ainda que gravemente ferido em huma perna ao desembarcar, taõ insensivel á dôr, quanto sensivel á gloria. Chegado á Cidade, reservou para acçaõ sua a expugnaçaõ do Castello, e ordenou ao Infante D. Pedro marchasse a unir-se com seus irmãos para acabar de alimpar as ruas de Ceuta das immundicies de Mafoma. Entaõ o Infante, o Condestavel, o Mestre de Christo, e muitos Fidalgos, entráraõ com varios destacamentos, como correntes rápidas, que levavaõ enrolada to-

Era vulg. toda a reſiſtencia, que ſe lhes punha diante. A velhice reſpeitoſa do Condeſtavel naõ lhe embaraçava moſtrar-ſe o meſmo homem dos dias dos Atoleiros, de Aljubarrota, e de Valverde. Ruy de Souſa, ſobrinho do Meſtre de Chriſto, largo eſpaço brigou ſó, como Leaõ, contra hum groſſo de Mouros junto a hum poſtigo, a que deraõ o ſeu nome em memoria deſta gentileza, até que foi ſoccorrido: e os barbaros cortados em poſtas.

Alvaro Gonçalves de Figueiredo, hum Fidalgo de noventa annos, todo o dia armado, e naõ ceſſando de vibrar já a lança, já a eſpada, foi hum dos eſpectaculos viſtoſos deſta acçaõ. Eſtando El-Rei aſſentado a huma porta, novo Ceſar, que em hum dia veio, vio, e venceo, chegou a elle o ſeu Eſcrivaõ da Puridade, Gonçalo Lourenço, que todos acclamavaõ hum monſtro de valor, e lhe pedio, que em premio do que acabava de obrar, alli meſmo o armaſſe Cavalleiro, o que El-Rei fez ſem demóra, cheio de huma complacencia, que ſenaõ

po-

podia ſer nelle invejoſa, foi agradecida. Era vulg.

Em todas as partes durava o combate; e o Infante D. Henrique, como ſe quizeſſe para ſi ſó toda a gloria da tomada de Ceuta, ainda naõ ſatisfeito com tantas victorias na duraçaõ longa de hum combate, marchava ſobre o Caſtello, quando foi atacado por hum grande corpo de Mouros, que pareciaõ renaſcer das ſuas meſmas ruinas. Elle os foi levando com dezaſete ſoldados, que o ſeguiaõ, por huma rua eſtreita, aonde lhe deitáraõ aos pés o ſeu Eſcudeiro, Fernaõ Chamorro; e porque o ſuppôz morto, depois de duas horas de peleija, a renovou com tal ardor, que os metteo pela porta da Villa, toda murada, e defendida de muitos inimigos, entre os quaes entrou elle ſó com quatro companheiros, que foraõ os valeroſos Alvaro Fernandes Maſcarenhas, Vaſco Eſteves Godinho, Gomes Dias de Goes, e Fernando Alvares, homens pela ſua fidelidade dignos de ficarem os ſeus nomes gravados nos bronzes immortaes.

Já

Era vulg. Já todos ſuppunhaõ morto ao Infante, que naõ apparecia; e deſejoſo ſeu pai de o averiguar, ſe offereceo a eſte arriſcado empenho o animoſo Vaſco Fernandes de Ataide, que demandando a porta, por onde o Infante entrára, huma grande pedra deſpedida do alto, lhe tirou a vida, que reſpira eternidades de fama. Com igual valor, e melhor ſucceſſo logrou eſte intento Garcia Moniz, criado do meſmo Infante, que lhe eſtranhou reſpeitoſo o exceſſo, com que ſe arriſcava, e o obrigou a retroceder com perigo naõ menor na retirada, que na peleija. Ao meſmo tempo recebeo aviſo do Infante D. Duarte, para que lhe foſſe fallar na Meſquita maior, aonde o eſperava com o Infante D. Pedro. Quando elle queria obedecer a eſte recado, ſoube que a gente deſte ultimo Infante ſuſtentava outro ataque contra innumeraveis Mouros, e voltando ſobre elles, diſſe ao meſſageiro, que da ſua parte diſſeſſe a ſeus irmãos, que dia ſemelhante naõ era para ſe perder. A toda a preſſa veio outra ordem, para

ra que deixaſſe a refrega, e ſe reco- Era vulg.
lheſſe á Meſquita, como fez com o goſto de encontrar vivo a Fernaõ Chamorro. Naõ he explicavel o alvoroço, com que os Infantes recebêraõ nos braços ao heroico irmaõ, e pouco depois ſeu pai, que largo eſpaço ſe eſteve revendo neſte duas vezes filho da ſua natureza, e diſciplina.

O Governador Zalá Benzalá, rodeado das gentes, que haviaõ eſcapado, quiz fazer-ſe fórte no Caſtello; mas vendo a Cidade toda perdida ſobre a marcha, immediatamente depois do deſembarque, naõ cuidou em ſeguir o meio mais honrado, ſenaõ o mais ſeguro. Naquella noite pôz elle em cobro ſuas mulheres, e filhos com as riquezas, que podéraõ levar as peſſoas da ſua familia, e conſultando com o medo o que faria no dia ſeguinte, reſolveo naõ o vêr amanhecer dentro do Caſtello de Ceuta. Elle montou hum cavallo, e fugindo acceleradamente, toda a ſua guarniçaõ lhe ſeguio os paſſos, deixando deſamparado o Caſtello, aonde havia riquezas

Era vulg confideraveis, que El-Rei deixou livres para as faquear Joaõ Vafques de Almada com a fua gente, que delle tomou poffe, e arvorou a bandeira de S. Vicente, Patrono de Lisboa, na mais alta das fuas Torres. Reftava examinar as cafas, onde eftavaõ occultos muítos Mouros, que naõ fe attreviaõ a defamparar a fua Cidade, que fendo entaõ hum dos Emporios, que illuftravaõ o Univerfo, tinha em fi riquezas infinitas em ouro, e generos preciofos, que eftimulavaõ a cubiça.

Finalmente, a fortuna delRei em hum fó dia defembarcou, e conquiftou a famofa Cidade de Ceuta, defendida de huma guarniçaõ numerofa, que nella deo tantas batalhas, quantas foraõ as pórtas, os paffos, as ruas, que difputou aos noffos, e nos vendeo a troco mais de fadigas, que de fangue. Faz-fe incrivel que, no meio de tantos perigos, fó morreffem oito dos noffos, cinco na porta, que rompeo Vafco Fernandes de Ataide, e trez dentro na Cidade, que foraõ o mefmo Ataide, o Alferes D. Henrique

de

de Noronha, e hum ſoldado ordinario. O número dos Mouros, que faltáraõ he incerto, ainda que alguns dizem dez mil, que os noſſos naõ gaſtáraõ o tempo em contar, ſenaõ em lançar ás ondas a grande multidaõ dos ſeus cadaveres, que bordavaõ as praias do deſembarque, e eſtavaõ amontoados por todas as ruas da Praça, para evitarem os effeitos da corrupçaõ. Seguio-ſe o ſaque, em que a trópa, mais tranſportada do furor, que da cubiça, eſtragou generos, drogas, e eſpeciarias precioſas, de que eſtava recheada huma Cidade, que era o porto univerſal do Commercio, aonde as Nações da Europa vinhaõ buſcar as producções eſtimaveis do Oriente, que alli ſe conduziaõ de Alexandria, de Damaſco, de Egypto, da Libia, e de outros lugares apartados, entaõ deſconhecidos aos habitadores do noſſo continente. Era vulg.

Tanto que El-Rei ſe vio ſenhor da Cidade, mandou dar parte da ſua victoria ao Governador de Tarifa Martim Fernandes Portocarreiro, que fez

Era vulg. a mais alta eſtimaçaõ deſta benignidade Real, e quiz vir a Ceuta em peſſoa para agradecella. O meſmo aviſo fez a D. Fernando, Rei de Aragaõ, inſinuando-lhe quanto deſejava acompanhallo na guerra dos Mouros com as ſuas armas, eſpecialmente ſe elle emprehendeſſe a conquiſta do Reino de Granada. A meſma attençaõ teve com o Rei de Caſtella; e dadas eſtas novas de tanto goſto, e intereſſe para a Chriſtandade de Heſpanha, no dia ſeguinte ao do rendimento da Praça, determinou El-Rei purificar a Meſquita Maior das expiações barbaras, e ridiculas dos Agarenos para dar nella graças a Deos por tamanha victoria, ſuccedida a 21 de Agoſto. Eſta acçaõ pia ſe interrompeo, e naõ pode ſer executada, ſenaõ no Domingo ſeguinte, 25 do meſmo mez, por apparecerem á viſta da Praça numeroſas partidas de Mouros, que os noſſos ſahiaõ a receber; mas obſervando, que os ſeus deſignios naõ eraõ outros, que os de dar á Pátria as ultimas deſpedidas, elles ſenaõ movêraõ mais, e cuidáraõ

 em

em practicar os devidos actos de Religiaõ, como cultos de agradecimento ao Senhor dos exercitos. Erà vulg.

Feita huma solemne Procissaõ, se entrou a purificar a Mesquita, que depois foi Cathedral, com as ceremonias, que a Igreja determina, e foi dedicada ao Mysterio da Assumpçaõ da Senhora. Assistíraõ a estes actos, e ao *Te Deum*, que foi cantado por todo o Clero revestido de ornamentos riquissimos, El-Rei, os Infantes, e toda a Nobreza, no fim dos quaes feriraõ os ares os instrumentos bellicos, e se seguio huma Homilia eloquente, propria da acçaõ, que recitou o Mestre Fr. Joaõ de Xira. Depois foi celebrado o Sacrificio da Missa com tantas lagrimas de ternura dos Principes, e de todos os assistentes, que bem mostravaõ serem os Portuguezes huns homens taõ sensiveis, quando prostrados aos pés de Deos, quanto inexoraveis no furor das armas sobre os inimigos do seu nome. Concluio-se a acçaõ com a brilhante ceremonia de serem armados Cavalleiros por El-Rei, segundo a ordem

Era vulg. dem dos naſcimentos, os Infantes, e o Conde de Barcellos. Depois todas eſtas mãos Reaes ſe occupáraõ, e cançáraõ todo aquelle dia em conferir a meſma honra a tantos Fidalgos, e Officiaes benemeritos, quantos na conquiſta de Ceuta haviaõ coroado com heroicidade as ſuas façanhas precedentes.

Que deſtino ſe havia dar a Praça taõ importante, foi o aſſumpto, que principiou a occupar os penſamentos do Rei, e quiz ouvir os do ſeu Conſelho. Naõ foraõ poucos os que impugnáraõ a ſua conſervaçaõ em huma terra de inimigos, muito apartada de Lisboa; que pedia huma guarniçaõ fórte, deſpezas groſſas, e contínuas. Prevaleceo porém o voto, a que ſe encoſtáraõ o Rei, e os Principes: Que aquella conquiſta ſe emprehendêra para gloria de Deos; que por eſſa meſma razaõ ſe devia conſervar: que diria o mundo, quando depois de tantas fadigas, tantos perigos, tantos gaſtos, o Rei de Portugal ſe aballára com todo o poder dos ſeus Reinos para

ra arrasar quatro paredes em Africa? Era vulg.
Como seria possivel, depois de ter na sua maõ a Chave desta parte do Mundo, e das portas de Hespanha, abandonalla aos inimigos para lhes deixar a elles a entrada franca, para a fechar aos Christãos, que a Providencia em alguma Época quereria fazer senhores daquellas terras barbaras?

Estes, e outros semelhantes modos de pensar, fizeraõ resolver El-Rei a conservar Ceuta, que quizera encarregar ao valor, e experiencias do Condestavel, ou de Gonçalo Vasques Coutinho; mas ambos modestamente se escusáraõ: o primeiro, porque avançado em annos, já andava resoluto a abater as vaidades do seculo, enterrandose em vida no Convento do Carmo de Lisboa: o segundo com o mesmo pretexto da velhice, acompanhada de muitos achaques. Pôz El-Rei os olhos em Martim Affonso de Mello, que sugerido por dous criados seus, destes que nas casas dos senhores fazem o papel de valídos, naõ acceitou a mercê Real; mas os criados, que dissua-

Era vulg. ſuadíraõ o amor, porque naõ queriaõ ficar em Ceuta, foraõ os primeiros nomeados para a ſua guarniçaõ. O bravo D. Pedro de Menezes, Conde de Viana, que ſoube quanto El-Rei paſſára com eſtes Fidalgos, ſe veio offerecer para governar a Praça, que diſſe lhe baſtava para a defender hum páo de zambujo, que acaſo levava na maõ. Ao exemplo do Conde, ſe offereceo tambem para o acompanhar o valeroſo Ruy de Souſa com 40 homens ſeus, e depois outros Fidalgos, que na aula daquelle grande Meſtre, encantoados neſta lingua de Africa, obráraõ em muitos annos tantas gentilezas, que o mundo ainda as ouve com veneraçaõ, e vaõ occupando em todas as idades as cem boccas da Fama.

Depois del Rei agradecer ao Conde, e a Ruy de Souſa o ſeu zelo com expreſsões mais ſignificantes das que ſaõ proprias de hum Rei para os ſeus vaſſallos, nomeou 300 homens, que encarregou ao Monteiro Mór, Lopo Vaz de Caſtello-Branco, e ordenou aos Infantes eſcolheſſem da ſua gente

a

a que lhe parecesse mais habil para ficar de guarnição em Ceuta. Os dous Infantes D. Duarte, e D. Henrique nomeárão cada qual outros 300 homens, que o primeiro entregou ao commandamento do mesmo Conde, e o segundo ao de João Pereira o Agostim. O Infante D. Pedro deixou 250 a cargo de Gonçalo Nunes Barreto, parente do Conde, que em acções de grande valor desempenhou bem a qualidade do seu illustre sangue. Os outros córpos destinados á defensa da Praça, e tirados do commum do exercito, foi a melhor gente do Alem-Téjo ás ordens de Manoel Mendes Cerveira: seis centos Bésteiros, que mandava o seu Anadel Mór, Alvaro Annes Cernache, e aos Fidalgos voluntarios se encarregárão com outras partidas as guardas das pórtas, das torres, e lugares de mais perigo; de sórte que no número, e na qualidade ficou respeitavel a guarnição de Ceuta. Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Como dispostas as cousas de Ceuta, El-Rei se fez na volta de Portugal, e dos mais successos deste tempo.

ENCARREGADO o Conde D. Pedro de Menezes do governo de Ceuta, que a 5 de Março de 1421 foi criada Episcopal pelo Papa Martinho V., e nomeado seu primeiro Bispo Fr. Aymaro, que o era titular de Marrocos, e fora Confessor da Rainha D. Filippa. Fez El-Rei aprestar a armada, que havia partir para Lisboa no dia dous de Setembro. Elle se esqueceo da Magestade para se despedir derramando ternuras sobre os vassallos dignos, que deixava mettidos em occasiões de tanta honra, e lhes quiz anticipar com a muita, que lhe fez. Embarcáraõ os que haviaõ partir, e dado o sinal de levar, soltáraõ as vélas com saudade dos que ficavaõ, invejas dos que hiaõ, e com viagem feliz, toda a armada deo fundo sobre a barra da Cidade de Ta-

Tavíra, no Algarve. El-Rei ſaltou em terra com os Infantes, que foraõ recebidos entre acclamaçõẽs; e deſpedida a armada para Lisboa, elles fizeraõ por terra a jornada de Evora, aonde os eſperavaõ os Infantes D. Joaõ, D. Fernando, e D. Iſabel com o Meſtre de Avís, Governador do Reino, a quem elles ficáraõ encarregados. Era vulg.

A primeira acçaõ del Rei neſta Cidade, que ſe deixára occupar de júbilos extremos, foi a de aſſiſtir na ſua Cathedral ás públicas acçõẽs de graças, que os ſeus votos encaminháraõ ao Ceo, pelos beneficios recebidos em huma expediçaõ, para elle de tanta gloria, que aos titulos de Rei de Portugal, e do Algarve, ajuntou o de Senhor de Ceuta. Theatro famoſo de acçõẽs militares até a perda da liberdade do Reino, e unica das noſſas Praças, que depois da Acclamaçaõ do Rei D. Joaõ IV. ficou no poder de Heſpanha, naõ ſó pela razaõ de eſtar entaõ governada por hum Official Caſtelhano; mas porque o Marquez de Eliche na Paz de 1668, ſendo Plenipoten-

Era vulg. tenciario de Filippe IV., e tendo inſtrucções ſecretas para convir na ſua reſtituiçaõ, fez os Officios com tanta dexteridade, que conſeguio ficar no dominio de Heſpanha, que com acções glorioſas a tem conſervado, e poſſue até ao preſente com outros preſidios em Africa.

Para tratar daqui em diante individualmente as acções ſublimes, que no eſpaço de 22 annos obrou em Ceuta o Conde D. Pedro, Progenitor da Caſa de Villa Real, Heróe ſuperior a muitos, nas façanhas ſó a ſi igual; aſſim como as fez a ſua inimitavel eſpada, era neceſſario, que as eſcreveſſe huma ſingular penna. Aſſim que os Mouros viraõ levar a armada, cuidáraõ tanto em lhe naõ dar ſocego, que no dia ſeguinte vieraõ muitos ſobre a Cidade, donde foi preciſo ſahir para lhe moſtrarmos, que naõ os temiamos, nem os noſſos braços ſe haviaõ occupar em defender-ſe nos muros, ſem virmos caſtigar-lhe as ſuas confianças no campo. Bem o experimentáraõ elles nos dous primeiros encontros,

em

em que o cedêrão ao nosso valor, tão coberto de mortos, e regado de sangue, que algum tempo se abstivêrão de medir as armas, que quanto mais multiplicavão o número, maior reputação davão ás nossas victorias. Era vulg.

Então o Conde, para desembaraçar a campanha, sahio em pessoa a cortar nos redores da Praça os arvoredos, que podião facilitar as emboscadas; a arrasar os muros, e vallas das fazendas, que impedião os passos; a demolir hum Palacio, que tinhão de recreio os Reis de Féz. Estrago dos Mouros tão sentido, que vinte dias contínuos o quizerão despicar com assaltos sobre a Cidade, lastimados da perda, ou sentidos da injúria. Não podérão conter-se os Portuguezes sem lhes mostrarem a sua corage fóra dos muros, aonde o alentado Abú, que mandava os Mouros, depois de se conduzir como bom Official, tanto se deixou penetrar da morte, que demos a seu sobrinho o bravo Almançor, e aos melhores dos seus soldados, que nos deixou nas mãos huma gloriosa vi-

cto-

Era vulg. ctoria, e a Praça desassombrada de tantas impertinentes visitas.

Coroárao os nossos Fronteiros de Africa os successos deste anno, que vou tratando, com a tomada dos dous Lugares de Val de Laranjo, e de Bulhões, donde se recolhêrao reputados, e ricos. Á expediçao do primeiro marchárao cem homens escolhidos, que assaltárao a povoaçao no maior silencio da noite, e quando se recolhiao com huma preza importante de gados, e outros generos, forao atacados com o vigor pelos moradores dos Póvos visinhos. Elles vierao na marcha sustentando a defensiva com toda a ordem, até que forao soccorridos por Gil Lourenço de Elvas, e depois pelo mesmo Conde, que os conduzírao á Praça com todos os despojos, sem a perda de hum só homem. O Lugar do Valle de Bulhões era o mais principal, povoado de Mouros illustres, que outros cem dos nossos investírao em huma madrugada com morte de muitos, prisao de alguns, e fugida dos mais. Avisado Abú deste insulto, correo em seu

soc-

ſoccorro, e pôz em grande conſternaçaõ na retirada aos noſſos, que ſendo ſoccorridos por Gonçalo Nunes Barreto, Pedro Gonçalves Malafaya, e Joanne Annes Raposo, voltáraõ caras aos inimigos, que derrotáraõ com perda de muitos mortos, e cativos. Era vulg:

Se a conquiſta de Ceuta foi huma Época glorioſa para o Rei D. Joaõ I., naõ o he menor para o ſeu credito a aboliçaõ, que elle fez no ſeu Reino da Era de Heſpanha, maneira de contar, a que ſe ſugeitáraõ os Heſpanhoes antigos em obſequio ao Imperador Auguſto Ceſar, e que por ella datavaõ os ſeus Actos conformes aos annos do reinado daquelle Imperador. Entendem os noſſos Authores, que eſta vóz *Era* ſe deriva da palavra Latina *Æs*, que ſignifica cobre, ou moeda; fundandoſe no tributo, que os Heſpanhoes, e as outras Nações foraõ obrigadas pagar a Auguſto. Outros Eſcritores preſumem, que os antigos tinhaõ coſtume de eſcrever em abreviaçaõ eſtas palavras *Annus Erat Regnantis Auguſti*, que declaravaõ conforme ao anno, em

que

Era vulg. que elles viviaõ, pondo neſta fórma as letras iniciaes A, E, R, A, que reunidas compunhaõ a vóz Latina *Æra*, depois geralmente introduzida nos Póvos do Univerſo. Tambem ſe póde entender, que a palavra *Æra* traz a ſua origem das vozes Latinas *Ab Exordio Regni Auguſti*, como ſe aſſim quizeſſem as gentes conſagrar os primeiros annos do reinado daquelle Principe feliz.

Mas ſem eu me fatigar na diſcuſſaõ deſta origem, ſó direi pelo que pertence á minha Hiſtoria, que D. Pedro IV., Rei de Aragaõ, foi o primeiro Monarca, que no anno de 1350 abolio nos ſeus Eſtados a Era de Heſpanha; que o meſmo ſe fez em Valença no de 1358; em Caſtella no de 1383; agora em Portugal neſte de 1415, para derrotar huma Era 38 annos anterior ao modo de contar de todos os paizes Chriſtãos. Como era mais conveniente, e honroſo aos Póvos, que tinhaõ recebido o Evangelho, datar os ſeus Actos pelo ponto da Época luminoſa do Naſcimento de Chriſto,

to, ſegundo o coſtume da Igreja Romana, que naõ pela Era de Auguſto Ceſar: El-Rei ordenou ſe ſeguiſſe eſte methodo, que evitava hum grande número de embaraços, inevitaveis nos negocios, e no Commercio entre as Nações. Era vulg.

Naõ eſtavaõ ocioſos os Fronteiros de Ceuta, que nos trez annos primeiros depois da ſua expugnaçaõ ſopportáraõ com conſtancia incrivel o peſo de huma guerra impertinente, em que o número dos combates excedia o dos dias. Ordinariamente elles principiavaõ na Praça repelões, que no campo acabavaõ batalha, com tanta reputaçaõ do Conde, e gloria das noſſas armas, que de muitas Nações da Europa vinhaõ bravos Aventureiros matricular-ſe em Ceuta nas noſſas Aulas militares. Entre a multidaõ deſtes encontros até ao primeiro ſitio da Praça, que logo eſcreveremos, foraõ célebres o da expugnaçaõ da Aldea de Albegual, aonde deſpicamos a perda de Pedro Lopes de Azevedo, e de Vaſco Riocaldo, que nos matáraõ, ataſca- 1418

Era vulg. dos os ſeus cavallos em hum atoleiro, com a morte de cem Mouros, correndo o anno de 1416. As ſucceſſivas eſcaramuças, com que em 1417 derrotamos hum corpo de 25$000 infantes, e 2$000 cavallos, que por vezes inveſtírao a Praça, e outras tantas vencemos no campo com igual perda ſua, e honra noſſa. Depois em todo o Verao as ſahidas contínuas, com que inſultamos os Mouros viſinhos, ſempre com grande perda das ſuas vidas, e fazendas.

Informado della o Rei de Féz, e que neſtes combates ſempre o damno era dos Mouros, reſolveo-ſe a mandar hum Capitao famoſo, que com exercito conſideravel refreaſſe o noſſo orgulho, em quanto elle nao ſe punha em eſtado de vir ſobre a Praça em peſſoa. A maior parte deſta gente ſe ſoblevou na marcha, e matou o Chéfe; ficando o campo livre para invadirmos, e ſaquearmos o lugar de Almarca. Quizerao os noſſos deſcançar das fadigas da marcha, do peſo dos deſpojos, e o fizerao ſem ordem fiados no reſ-

peito da victoria, como se no Paiz inimigo a arte militar consentisse esta relaxaçaõ da disciplina, que nos custou a vida de quarenta e dois homens, com rotura do respeito das nossas armas, até entaõ estimadas invenciveis. Souberaõ os Mouros derrotados aproveitar-se do nosso desacordo para reunir-se, e causar-nos hum dia fatal, quando podera ser o mais feliz, se a ambiçaõ, ou a inveja, naõ tivesse a melhor parte neste primeiro infortunio em Africa. Intentou despicallo o Conde, que sahio com hum grosso destacamento; mas talando cinco legoas de terra, que achou despovoada, se recolheo sem cativos, nem despojos, sentido de lhe faltar conjunctura para lisongear o valor de hum grande Senhor Allemaõ, parente do Imperador Sigismundo, que atrahido do estrondo da fama do nosso Chéfe, veio a Ceuta com muitos Fidalgos da sua Naçaõ aprender com aquelle grande Mestre os rudimentos da guerra. Erá vulg.

As discordias civis entre os Mouros, especialmente as que tinhaõ o

Era vulg. Rei de Féz, e hum de ſeus irmãos, haviaõ ſido até agora a cauſa delles naõ admittirem a alliança com o Rei de Granada, que lhes propunha a reſtauraçaõ de Ceuta; que lha largariaõ, porque elle a podia defender melhor por mar, e terra, e que por eſta Praça lhes daria hum equivalente vantajoſo. Como tinhaõ ceſſado as revoltas, o partido de Granada foi acceito, e em Africa, e Heſpanha principiavaõ a mover-ſe armas innumeraveis contra o noſſo preſidio, que tinha na ſua téſta hum Heróe, que conhecendo o medo para o deſprezar, nada o aſſuſtava o ruido de tanto poder conjurado para o ſeu damno. Elle, com roſto alegre, animou os companheiros da ſua fortuna, contando-lhes o número dos Mouros, que quanto foſſe mais creſcido, tanto mais lhes multiplicaria trofeos deſpedaçados para varrerem a campanha de Ceuta. A 11 de Agoſto principiáraõ os Mouros a ſer viſtos da Praça; e porque o Conde deſejava informar-ſe das ſuas forças, mandou embarcar a Diogo Vaſques Porto-

car-

carreiro para ir ſaltar nas faldas de hum monte, ſobir ao cume, que deſcobria todo o campo dos barbaros, e informallo do que obſervaſſe. Elle voltou com a informaçaõ, de que os Mouros naõ tinhaõ número; que parecia ſe deſpovoára Africa; que todos animaſſem o valor na certeza, de que lhe ſobrariaõ occaſiões para ſe fazerem honrados. Era vulg.

CAPITULO V.

Do ſitio, que os Mouros pozeraõ ſobre a Praça de Ceuta, que foraõ obrigados a levantar pelo valor do Conde, e ſoccorro dos Infantes.

NAÕ podiaõ ſopportar os Mouros o peſado freio, que havia tres annos lhes deitamos com o rendimento de Ceuta, que naõ podêraõ levar por meio de tantas ſobprezas intentadas, e reſolvêraõ ſitialla por terra com todas as ſuas forças, auxiliadas no mar pelas do Rei de Granada. O incançavel Conde, depois de prevenir quanto era preci-

ci-

Era vulg. ciſo para ſe defender dos Africanos, guarneceo o porto de Almina, por onde eſperava o deſembarque dos Granadinos. Quando os primeiros principiavaõ a dar-nos violentos repelões, appareceo a armada dos ſegundos, que naõ quizeraõ perder tempo em provar a noſſa corage, geralmente aſſaltada por todas as forças unidas. Neſta primeira occaſiaõ moſtráraõ os noſſos aos barbaros o que tinhaõ, que eſperar delles em todas as futuras. Como a chuſma era monſtruoſa, eſpecialmente a que inveſtio a porta da Barreira, a noſſa artelharia já entaõ bem ſervida, e as muitas armas de arremeço, que mandou arrojar, e diſparar o Conde, fez nelles tal eſtrago, que os montes dos mortos podiaõ ſervir de eſcada aos vivos.

Vencido o deſembarque, ſe fez mais geral o aſſalto, que paſſou a eſpantoſo na torre de Féz, e ſobre a Couraça, que defendia Gonçalo Velho, depois Commendador de Almourol. Eſte bravo Fidalgo com hum ſó camarada ſe fez forte em hum alto con-

tra

tra todo o poder dos Mouros por aquella parte, donde foi ſoccorrido pelo Conde, que tresbordando alegria, ſe receava de vêr correr o ſeu illuſtre ſangue. Entaõ recobrou Gonçalo Velho o poſto, que ſuſtentou todo o dia, naõ ſó rodeado de valentes Cavalleiros; mas de Damas eſpecioſas, que enganando o ſexo com o trage, e o valor, nada as diſtinguia dos Heróes. A noite apartou os combatentes dos combatidos, eſtes cheios de reputaçaõ, e gloria, aquelles cobertos de ignominia, e affronta. Era vulg.

Hum dia deſcançáraõ os Barbaros para apertar as feridas; e no da Aſſumpçaõ da Senhora, ſempre fauſto para El-Rei D. Joaõ I., ſe preparou o theatro para outra repreſentaçaõ brilhante. Guiava os Barbaros hum Mouro noſſo, que fugíra da Praça pelo cano della, que dava lugar a ſahirem dous homens de pé perfilados de hombro a hombro. Taõ violento foi o aſſalto de terra, que os Béſteiros deſampáraraõ os muros, e foi neceſſario, que os Fidalgos, e os Cavalleros correſ-

Era vulg. reſſem a ſupprir a ſua falta. O Mouro deſertor, que obſervava eſtas manobras, correo a buſcar o cano com muitos dos mais valeroſos; mas encontrando a oppoſiçaõ de Affonſo Pires, Eſcudeiro do Conde, os deteve ás lançadas, eſperando mais gente, que os rechaçou com mórte dos que ſe tinhaõ avançado até a entrada da Praça. Já alguns dos Mouros haviaõ ferrado os muros della, quando paſſava Martim de Caſtro, que com valor proprio do ſeu ſangue, ſe lançou a elles com fortuna igual á reſoluçaõ; mas a eſte tempo tinhaõ elles vencido o deſembarque, que augmentou o temor no corpo da Praça.

O Conde ſe valeo entaõ da induſtria de mandar perſuadir á guarniçaõ, que elle conſentíra no deſembarque dos Mouros para os colher juntos ſem dividir a gente, que eſperava fizeſſe nos ſeus póſtos a defenſa, que ſe promettia de companheiros taõ honrados. Approveitou eſta diligencia, como ſe podia deſejar; porque animados todos, e lançando-ſe aos perigos, Joaõ Lopes

pes de Azevedo, e Ruy Vaſques Pereira rechaçáraõ o aſſalto pela parte do mar, fazendo embarcar os Mouros ſem acordo; e os que pelo da terra ſobiaõ aos muros, ſe foraõ retirando com a perda de 3000 vidas, e de innumeraveis feridos. O Conde, e os bravos Cavalleiros, que o dia inteiro ſuſtentáraõ o peſo dos Barbaros, matizáraõ a victoria com o ſeu ſangue, e nella, entre outras Heroinas, ſe fizeraõ célebres Leonor Affonſo, Catharina de Sant-Iago, e eſpecialmente a mulher de Ruy Gomes, que ao lado de ſeu marido, o ajudou em todos os combates com mortes de alguns Mouros, que deixáraõ a vida nas mãos valeroſas do ſeu ſexo fragil. Elles ſe retiráraõ ainda mais corridos, que cortados, deixando no campo o que naõ conſummiraõ com o fogo. Era vulg.

Retirado com taõ pouca reputaçaõ hum exercito formidavel, o Conde cuidou em ſe preparar para nova viſita, que eſperava com maiores forças, de que fez logo aviſo á Corte para ſer ſoccorrido a tempo, por cauſa da ſitua-

Era vulg. tuaçaõ mais critica, em que se achavaõ os negocios pela resoluçaõ de Zalá Benzalá, que se havia declarado vassallo do Rei de Granada. Tanto que em Lisboa foraõ recebidas as Cartas do Conde, ordenou El-Rei aos Infantes D. Duarte, e D. Henrique preparassem o soccorro para Ceuta, que o segundo destes Infantes quiz commandar em pessoa. Quando elle dava todo o calor á jornada, veio noticia, de que os Mouros outra vez se deixáraõ vêr, e que contentes com fazer sobre a Praça algumas evoluções militares, tornáraõ a retirar-se. Entaõ se determinou, que fossem reforçar a guarniçaõ seiscentos homens, que mandava D. Joaõ de Noronha, e com elle se embarcáraõ seu irmaõ D. Fernando, que depois foi Conde de Villa-Real, e genro do Conde Governador de Ceuta, Pedro Vasques de Almada, seu irmaõ Joaõ Vasques da Cunha, Luiz Gonçalves, depois Védor da Fazenda, e Rico-Homem, com outros Fidalgos, que quando chegáraõ á Praça, já encontráraõ nella a Fernaõ de Sá,

Al-

Alcaide Mór do Porto, com alguma gente, e com parte da do Algarve a Carlos Peçanha, filho do Almirante, e a Affonso Vaz da Costa, igualmente attrahidos do fervor do zelo, e do desejo da gloria. Era vulg.

Como passou hum mez sem apparecerem os Mouros, D. Joaõ de Noronha notava o Conde de demasiadamente circunspecto depois do sitio, e resolveo embarcar-se para o Reino com a sua gente. Elle o fizera se o vento contrario o naõ impedíra, especialmente quando o Conde o avisou para pôr em terra o soccorro, porque víra naquella noite muitos fogos nas montanhas visinhas, que entendia ser o exercito, que vinha sobre a Praça. Zombava D. Joaõ deste recado, arguindo o Conde por se assustar com o fogo, que faziaõ os Pastores na entrada do Inverno, quando da bahia de Gibraltar vio sahir a númerosa fróta de Granada, que navegava em soccorro do exercito de terra. Em quanto D. Joaõ se postava em fórma de resistir, o Almirante Mulei Zaide pojava a ar-

ma-

Era vulg. mada ſobre a ponta de Almina para chamar alli toda a defenſa, e facilitar o deſembarque no porto do Barbaçote. Elle logrou o projecto como o penſou, e ſem difficuldade pôz em terra 15ↀ000 homens; mas atacados por Luiz Gonçalves de Albergaria, Joaõ das Aguias, Affonſo Pereira, e Nuno de Barros, paráraõ a marcha na face deſtes quatro gigantes de valor. Creſciaõ tanto os Mouros, que os rodeáraõ, quando os noſſos os ſoccorriaõ; e elles animados rompêraõ o centro do eſquadraõ inimigo, ainda que a troco da vida de Joaõ das Aguias, e de huma grande ferida de D. Joaõ de Noronha, de que veio depois a morrer em Almodovar, havendo já degolado ſete Mouros pela ſua maõ.

Soube o exercito de terra, que os noſſos ſe retiravaõ de Almina, e com furor barbaro atacou a Cidade por todas as partes com huma tal multidaõ de homens, que cauſava eſpanto. Muitas vezes ſe vio ella perdida neſte aſſalto temeroſo de cinco horas, em que o meſmo valor ſem deſcanço reſiſtia

com

com milagres de eſpirito aos Mouros, que a cada inſtante ſe reveſavaõ. Em fim, taõ cançados elles de ſe vêr morrer, como nós de os matar, ſuſpendêraõ por aquelle dia o combate para continuarem o ſitio com outras formalidades. O impavído Conde, em quanto elle durou, andava pelo muro taõ alegre, que baſtava o ſemblante para animar os homens; o deſpreſo dos perigos para ſe conhecer o valor da gloria; a ſerenidade do animo para multiplicar os triunfos. Sabido no Reino o aperto de Ceuta, os Infantes D. Henrique, e D. Joaõ ſe embarcáraõ em huma groſſa armada para a ſoccorrer, e o Infante D. Pedro foi mandado com ſeu irmaõ D. Duarte ao Algarve para eſtarem mais viſinhos ás occurrencias de maior neceſſidade. O Rei de Granada eſtava em Gibraltar com a reſoluçaõ de ir em peſſoa ao ſitio, quando embocou o Eſtreito a noſſa armada, de que fez aviſo aos ſitiantes com muitos fogos, que elles contáraõ por outro tanto número de navios Portuguezes: conceito, que pôz o ſeu campo Era vulg.

no

Era vulg. no maior desacordo, e a Mulei Zaide no cuidado de salvar a sua fróta.

Os nossos, que pelo movimento dos Mouros entendêraõ lhes chegava o soccorro, contra o parecer do Conde, sahíraõ muitos pela parte de Almina, e travárao huma pesada escaramuça, em que Mulei Zaide teve a vantagem de nos fazer recuar duas vezes. Ignorava o Conde a nossa retirada, quando se resolveo a vir com D. Joaõ de Noronha, e o grosso da gente ao campo, aonde entaõ acabou batalha a que principiou escaramuça. Obráraõ os nossos proezas inauditas, e o Conde, rota a lança, e morto o cavallo, brigava a pé com a espada na maõ, como leaõ indomito, que se fazia invejar de amigos, e contrarios. Sueiro da Costa, que foi Alcaide Mór de Lagos, naõ lhe fazia falta huma maõ cortada, para com a outra deixar de dar golpes espantosos. Assim se conduziaõ os mais cavalleiros, e soldados, até que a morte de Mulei Zaide declarou a victoria. De todo o seu exercito apenas pode huma galé levar

cin-

cincoenta homens a Gibraltar; que o resto, ou se lançou ás ondas, que o tragavaõ, ou foi passado aos fios das nossas espadas. Como as galés haviaõ ido áquella Praça para conduzir o Rei de Granada, os navios ligeiros buscáraõ a contra-costa de Almina, aonde os atacáraõ as nossas fustas, que rendêraõ muitos.

Era vulg.

Acabada a funçaõ chegáraõ os Infantes, que immediatamente desembarcáraõ, víraõ o campo coberto de grande número de cadaveres, e tiveraõ o gosto de assistir á entrada na Praça de 1ȼ900 prisioneiros, que fizemos no combate; mas contrapezados de naõ se acharem em pessoa neste honrado feito. O alentado Abú, que quiz soccorrer os de Granada, tambem perdeo a vida; e como os barbaros de Africa tinhaõ todas as esperanças nos Granadinos destroçados, depois de quatorze dias de trincheira aberta, aterrados da sua ruina, levantáraõ com precipitaçaõ o sitio da terra. Rodeado desta gloria, e cheio de reputaçaõ acháraõ os Infantes ao Conde, que

Era vulg. com o rendimento mais humiliante lhes offereceo as chaves do Caſtello, que elles naõ quizeraõ acceitar, proteſtando que na ſua maõ valeroſa eſtavaõ com tanta dignidade, como nas ſuas Reaes, e que os Infantes de Portugal naõ eſcolhiaõ outro quartel em Ceuta, ſenaõ a caſa do ſeu Chéfe, que acantoado em huma ponta de Africa, honrava a Pátria com o pregaõ da Fama em todo o mundo. O Conde eſtimou eſta mercê dos Infantes como devêra, e no ſerviço de taõ altos hoſpedes moſtrou, que a ſua liberalidade tinha a meſma eſtatura do ſeu valor.

Deſejavaõ os Infantes aſſignalar-ſe em alguma empreza, por naõ chegarem a tempo de ſer authores do levantamento do ſitio, e ſe reſolvêraõ a atacar Gibraltar, ſem haver inſtancia que os deſviaſſe deſte projecto. Huma tempeſtade no Eſtreito, que por muitos dias deſgarrou a armada, foi o unico obſtaculo; porque voltando a Ceuta para ſe refazerem, acháraõ ordens apertadas del Rei ſeu pai, que mandava ſe recolheſſem ſem demora.

Ce-

Cedeo o valor á obediencia, e na viagem os aſſaltou outra tormenta, em que ſe perdêraõ dous navios com morte de baſtante gente, e do Alcaide Mór de Alenquer, Ruy Gomes de Azevedo: primeiro enſaio do Oceano, que no diſcurſo dos ſeculos tinha de ſer ſepultura de innumeraveis Portuguezes, como ſe delles ſe quizeſſe vingar em caſtigo de lhe devaçarem os ſeus recoſtos, golfos, e enſeadas mais remotas; navegaçaõ a que nós vamos dar principio no Capitulo ſeguinte debaixo dos auſpicios do Infante D. Henrique, juntamente com a retirada, que o Condeſtavel fez do mundo para o Clauſtro. Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Primeiro descobrimento do Infante D. Henrique na vida del Rei seu pai, e retiro do Condestavel para o Convento do Carmo de Lisboa.

1419 NAS duas viagens que fez a Ceuta o Infante D. Henrique, Duque de Viseo, Mestre da Ordem de Christo, Principe taõ santo, sábio, e amante do Reino, que todos os obsequios, que se tributaõ á sua memoria, saõ agradecimentos mal talhados para a corpulencia da nossa dívida. Elle se informou dos Mouros de Féz, e Marrocos, da Costa, e continente de Africa, das gentes, e Nações, que os habitavaõ até ao Cabo de Naõ, aquelle Promontorio taõ horroroso, que já entaõ se dizia em Hespanha: Quem for ao Cabo de Naõ ou voltará, ou naõ. Neste mesmo anno, que foi o em que elle se recolheo do soccorro, que levou a Ceuta, fiado nas illustrações sublimes do seu espirito, que naõ se accom-

commodava ás opiniões dos antigos, Era vulg.
ignorantes da habitaçaõ dos Paizes além da Linha, mandou descobrir a Costa de Africa com instrucções de se passar além do Cabo de Naõ. Gil Eanes, que mandava esta expediçaõ, como se dirá em seu lugar, montou o Promontorio, e com admiraçaõ de Hespanha dobrou o Cabo Bojador, que assim se chama por começar a incurvar a terra de muito longe; e como a respeito da Cósta atraz descoberta, lança, e boja para aloeste perto de quarenta legoas, deste muito bojar se lhe deo o nome de Bojador.

Occupado destes designios, o Infante, com beneplacito del Rei, mudou a sua residencia para o Algarve, lugar proprio para as navegações, e para a vocaçaõ do espirito, que queria occupado nas abstracções, no estudo, na applicaçaõ dos meios para os seus intentos sublimes. Elle escolheo o sitio mais alto do Promontorio Sacro, já chamado de S. Vicente, donde nada occulta o Horisonte sensivel, e que leva a vista sobre toda a circunferencia

Era vulg. do Oceano, até onde parece que elle ſe une com o Ceo. Aqui fez edificar a Villa de Sagres, que muitos annos foi chamada a Villa do Infante, para proſeguir della os deſcobrimentos além do Cabo Bojador, muito adiante dos ſeus 26 gráos, e 23 minutos de Latitude, e dos quatro gráos de Longitude. Joaõ Gonçalves Zarco, e Triſtaõ Vaz, dous cavalleiros da Caſa do Infante, que ſabiaõ os deſejos de ſeu Amo, ſe lhe offerecêraõ para os executar a todo o riſco, como inſtrumentos para a gloria de Deos na abertura do caminho, que levaſſe aos Infieis a ſua palavra.

Embarcáraõ-ſe os dous Argonautas em hum pequeno navio, demandando a Cóſta de Africa; mas antes de chegar a ella, o mar empolado os conduzio á deſcriçaõ a huma Ilha deſerta, que elles chamáraõ do *Porto Santo*, por ſer o lugar que os livrou do naufragio, ſituada aos 33 gráos, e ſete minutos de Latitude, e aos dous gráos, e 10 minutos de Longitude, com cinco legoas de comprido, e duas de

lar-

largo, dez legoas ao Nordeſte, e pouco mais ao Leſte da Ilha da Madeira. Era vulg.
Daqui voltáraõ elles ao Reino, trazendo nas plantas, hervas, e outras producções os ſinais da nova terra, que deixavaõ deſcoberta, e que o Infante eſtimou como preſagio feliz de mais avançados progreſſos. Os meſmos Fidalgos ſe offerecêraõ para tornar a ella, e povoalla, mais animados com a informaçaõ, que lhes déra hum Piloto Caſtelhano, chamado Joaõ de Morales, de outra Ilha, aonde o Inglez Machim ſe ſalvou com a ſua Dama dos perigos do mar para acabarem laſtimoſamente fugitivos a Tragedia dos ſeus amores, que deo aſſumpto a huma das Epanaphoras elegantes de D. Franciſco Manoel.

Para a meſma viagem ſe offereceo 1420
Bartholomeo Pereſtrello, Fidalgo qualificado da Caſa do Infante D. Joaõ, cada hum dos tres em ſeu navio, acompanhados do meſmo Piloto Joaõ de Morales, e com viagem feliz chegáraõ á Ilha do Porto Santo. Dizem, que Bartholomeo Pereſtrello depois de traba-

lhar

Era vulg. lhar algum tempo na ſua povoaçaõ, voltára ao Reino, e que o Infante lhe déra a capitanía da meſma Ilha sómente na ſua vida: mercê, que paſſou a perpetua no anno de 1446, e continuou nos deſcendentes de Pedro Correa, genro de Bartholomeo Pereſtrello. Joaõ Gonçalves, e Triſtaõ Vaz, que inferiaõ ſer terra huma grande ſombra, que deſcobriaõ do Porto Santo, apenas chegáraõ foraõ em ſua demanda, com a felicidade da achar a eſtimavel Ilha da Madeira, aſſim chamada em razaõ dos ſeus muitos, e copados arvoredos, taõ fertil em grãos, fructos, e bons vinhos, que por muito tempo lhe déraõ o nome de Rainha das Ilhas. Antes de chegar a ella os deſcobridores, aviſtáraõ hum Cabo, que chamáraõ de S. Lourenço em memoria deſte Santo, que invocáraõ para Protector da ſua expediçaõ, aonde deſembarcáraõ, cada qual por ſeu lado da meſma ponta da terra para a penetrarem.

Joaõ Gonçalves Zarco foi dar a huma lapa, em que ſe recolhiaõ os lobos

ma-

marinhos, que foi dita *Camara de Lobos*. Appellido, que tomáraõ os ſeus Deſcendentes, e hoje comprehende muitas das caſas illuſtres de Portugal. A parte principal deſta Ilha he a do Funchal, que olha para o Sul, e tomou o nome do muito funcho, que alli criava a terra antes de ſer cultivada, e do grande incendio, em que o fogo achou materia para arder ſete annos contínuos. El-Rei D. Affonſo V. mandou no anno de 1451 fundar a Villa do Funchal, que D. Manoel fez Cidade a 21 de Agoſto de 1508. Triſtaõ Vaz pela ſua parte foi dar a Machico, aonde eſtava a ſepultura, e Epitaphio eſcrito na cortiça das arvores do Inglez infeliz Machim; e o Infante, em attençaõ aos ſerviços deſte honrado Fidalgo, que em nada merecia menos que Joaõ Gonçalves Zarco, no anno de 1441 lhe fez mercê da Villa de Machico, que depois delle poſſuíraõ ſeu filho, e neto, ambos chamados Triſtaõ Teixeira, dos de Villa Real, e ultimamente ſeu biſneto Diogo Teixeira, que morrendo ſem ſucceſ- Era vulg.

ceſ-

Era vulg. cessaõ, El-Rei D. Joaõ III. a deo entaõ a Antonio da Silveira em premio da defensa gentil, que fez na Praça de Dio, e hoje anda na casa dos Marquezes de Valença, assim como a Capitanía do Funchal na dos Condes da Calheta.

Neste mesmo anno começou a Ilha a ser povoada, e depois se mostrou taõ fertil, que só de vinhos se embarcaõ cada anno mais de 20$000 pipas, e em 150 engenhos de assucar se tiravaõ de quinto 60$000 arrobas. Para dizer neste lugar tudo o que pertence a esta Ilha, o Infante mandou fundar em Machico a Igreja do Salvador, por ser ella do Mestrado de Christo, no mesmo sitio aonde se acháraõ os ossos dos dous amantes Inglezes Roberto Machim, e Anna de Harfet. A segunda da parte do Funchal, foi a de Nossa Senhora da Natividade, que chamaõ do Calháo, por estar fundada junto ao mar na margem de hum rio, no mesmo lugar aonde desembarcou Joaõ Gonçalves Zarco, que tambem fundou a Ermida da Senhora da Concei-

cei-

ceiçaõ, depois Convento de Religiosas de Santa Clara, feito a expensas de seu filho. Ha na Ilha 139 Igrejas Parrochias, entrando a Cathedral, sete Collegiadas, e mais de 250 Templos, e Ermidas, comprehendidos quatro Conventos de S. Francisco, hum Hospicio de Carmelitas, dous Mosteiros de Claristas, hum recolhimento, quatro Casas de Misericordia, e hum Collegio, que foi dos Jesuitas. Ha nella mais de 10$500 fógos, que se repartem por 40$000 pessoas maiores, e povoaõ o seu terreno espaçoso de dezoito legoas de Leste a Oeste, e oito de Nórte a Sul, ainda que em algumas partes se estreita. Era vulg.

Em 1514 o Papa Leaõ X., á instancia do Rei D. Manoel, criou primeiro Bispo da Ilha da Madeira a D. Diogo Pinheiro, Vigario de Thomar, ou seu D. Prior, que tinha jurisdiçaõ sobre as terras da Ordem de Christo, em que entravaõ as descobertas, e conquistadas, assim nesta Época, como nas seguintes: Jurisdiçaõ, que veio a extender-se ás Ilhas de Porto-San-

Era vulg. Santo, Madeira, Deſerta, dos Açores, Cabo Verde, Coſta de Africa, e Guiné, Arguim, S. Jorge da Mina, Congo, Angola, S. Thomé, India Oriental, e ultimamente ao Braſil. Em tempo do Rei D. Joaõ III. o Biſpado do Funchal foi erecto em Arcebiſpado por Bulla de Clemente VII., que confirmou Paulo III., paſſada em 1539, e deſtinados para ſeus Suffraganeos quatro Biſpados, que foraõ o de Angra, o de Cabo Verde, o de Santo Thomé, e o de Goa. D. Martinho, irmaõ do primeiro Conde do Vimioſo, foi o primeiro Arcebiſpo do Funchal; mas no reinado do meſmo D. Joaõ III., e anno de 1550, por Bulla de Julio III. ſe ſeparáraõ deſte Arcebiſpado todas as terras ſnffraganeas, que ficáraõ ſugeitas ao de Lisboa, em quanto ſe naõ erigiaõ as Metropoles da Bahia, e de Goa. Por eſta nova fórma tornou o Funchal a ficar Biſpado, que ſó comprehendia as Ilhas da Madeira, Porto-Santo, Deſerta, e Arguim, que hoje naõ nos pertence.

Os Portuguezes, já inſtruidos pelo In-

Infante D. Henrique a governar as ſuas Era vulg.
navegações pelo curſo dos Aſtros, e conforme o uſo do Aſtrolabio, de tal ſórte ſe aperfeiçoárao, que nós iremos vendo nos ſeus lugares chronologicos os grandes deſcobrimentos, e conquiſtas, que elles vierão a fazer na Cóſta de Africa, nas Ilhas do Oceano, nos dous Continentes vaſtos da Aſia, e America, com huma extenſaõ taõ longa de Paizes, que ſe faz incrivel os podeſſe render, e conſervar tantos annos com reputaçaõ, e gloria huma Naçaõ das de menos número, encantoada nos fins da terra em hum dos recoſtos mais pequenos da Europa.

Quando os Portuguezes aſſim tra- 1423
balhavaõ por ſobmetella, o ſeu heroico Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira cuidava em deſpreſalla. Foi grande a impreſſaõ, que cauſára no ſeu eſpirito a extemporanea mórte de ſua filha, a Condeça D. Brites, mulher do Conde de Barcellos, D. Affonſo, que acabára em Chaves, e a que elle fóra authoriſar as honras da ſepultura em Villa de Conde. Deſde entaõ ſe deſ-

pe-

Era vulg. pegáraõ de todo os ſeus cuidados do mundo, e retirado a Villa-Viçoſa fazia contínua a ſua converſaçaõ no Ceo. Deſte retiro doce o arrancáraõ as ordens do ſeu Rei, quando quiz conſultar com elle a jornada de Ceuta; quando o inſtou para o acompanhar nella, querendo entretello com o governo daquella importante Cidade. Mas os annos avançados, as fadigas da guerra immenſas, os achaques muitos, ſobre tudo a alma abſorta em Deos, já naõ queria vencer em outros combates, que nos da carne contra o eſpirito. Elle ſe embarcou com El-Rei em Ceuta, acompanhou-o de Tavira, aonde deſembarcou, até Evora, aonde ſe deſpedio; e vivendo comſigo no antigo apartamento de Villa-Viçoſa, ſe foi diſpondo para o retiro total do ſeculo.

Com a idéa de ſeguir o conſelho do Evangelho para ſer perfeito, elle traçou aquella diſpoſiçaõ dando tudo, e reſervando para ſi a eſperança de poſſuir cento por hum na Caſa do Senhor. Depois de repartir todo o ſeu movel,

e

e groſſas quantias pelos pobres, tendo de idade 63 annos, e dous mezes, deixou ao mundo, o que era do mundo. A ſua neta a Infante D. Iſabel, mulher do Infante D. Joaõ, deo as terras de Louſada, Paiva, e Tendães, a Villa de Almada, e as rendas de Loulé: a D. Affonſo, Conde de Ourem, ſeu neto, largou quanto poſſuia na Provincia da Eſtremadura com os ſeus Paços de Lisboa: a D. Fernando, Conde de Arrayollos tambem ſeu neto, tudo o de que era ſenhor no Alem-Téjo. Perdoou as dividas, que lhe deviaõ; gratificou a todos os criados, que o ſervíraõ, e no anno de que vou tratando, a 15 de Agoſto, para o ſeu Rei, e para elle, dia ſempre fauſto, veſtindo hum pobre Habito da illuſtre Religiaõ do Carmo, deo o ultimo vale ao Mundo, e ſe recolheo no Convento, que elle fundára em Lisboa, ſem conſentir mais nome, que o de Nuno, nem querer outro alimento, que aquelle que pediſſe de eſmóla. Era vulg.

Affirma-ſe que El-Rei, e o Infante

Era vulg. te D. Duarte informados da auſterida-
de com que D. Nuno ſe tratava, o viſitáraõ, e perſuadíraõ a moderar-ſe, e a acceitar huma renda tenue, que lhe arbitráraõ para a ſua paſſagem; mas que naõ foi poſſivel deſiſtir da reſoluçaõ de ſer chamado Nuno de Santa Maria, como practicou até a morte. O ſeu abatimento profundo, daqui em diante, correo ſolto por todos os ambitos da humildade nos exercicios mais abjectos da Religiaõ, aonde nunca quiz ordenar-ſe de Sacerdote, proteſtando que era indigno. As diſciplinas, e cilicios eraõ contínuos; as lagrimas o ſeu paõ de cada dia, que ſuppriaõ o pouco de que uſava para alimento, ſatisfeito com ſe perguntar aonde eſtava o ſeu Deos. Na Caridade ardia; na Oraçaõ ſe abraſava, e batendo o ſeu eſpirito eſtas duas azas, ſe remontava cada dia ao Throno de Deos, e do Cordeiro, aonde o fumo dos ſeus incenſos era levado pelas mãos dos Anjos. Neſta vida de delicia para a alma, quanto penoſa ao corpo, elle perſeverou ſem esfriar oito annos,

e 75 dias até o de 1431, em que foi Era vulg.
receber no Ceo a coroa de juſtiça, que correſpondia aos ſeus merecimentos, tendo de idade 71 annos, quatro mezes e ſete dias. Em fim, morreo o Grande Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira: eternamente vive Nuno de Santa Maria.

Todas as Peſſoas Reaes honrárão as ſuas magnificas Exequias: a ſua rara humildade eſcolheo huma ſepultura raza na Capella Mór do Convento, aonde eſpera a reſurreição o Herói, que vive immortal na Fama, hoje trasladados os ſeus oſſos ao Presbyterio em hum tumulo ao lado do Evangelho, depois de eſtar cem annos brilhando em milagres no primeiro lugar da ſua ultima vontade. Ao meſmo tempo ſe fez a trasladação dos oſſos de ſua mãi Eria Gonçalves do Carvalhal da Capella dos Fieis de Deos para outro monumento immediato ao de ſeu filho com o Epitaphio: Aqui jáz a muito honrada, e virtuoſa D. Eria Gonçalves, Madre do Santo Conde, que mandou fazer eſte Moſteiro. Foi D. Nuno homem

Era vulg. homem de mediana eſtatura, e agigantadas forças; o roſto comprido, e a côr branca; os olhos vivos, e nas feições proporcionado; liberal ſem affectaçaõ, e juſto nos projectos; em todos os lances prudente, ainda que no valor arrojado; fideliſſimo ao Rei, e á Pátria, propugnador zeloſo da ſua honra; ornato brilhante da Naçaõ Portugueza, em todas as idades merecedor do noſſo reſpeito.

Já diſſemos que de ſua mulher D. Leonor de Alvim, além de dous filhos, que morrêraõ mininos, teve a D. Brites Pereira, que caſou com D. Affonſo, Conde de Barcellos, filho natural del Rei, de quem naſceo a Infante D. Iſabel, que caſou com ſeu tio o Infante D. Joaõ: D. Affonſo, Conde de Ourem, Marquez de Valença, que pelo ſeu grande talento foi eleito para conduzir a Allemanha a Infante D. Leonor, mulher do Imperador Frederico III.: D. Fernando, Conde de Arrayolos, que ſuccedendo na Caſa a ſeu irmaõ, veio a ſer Conde de Barcellos, e Ourem, Marquez de Villa-

la-Viçosa, e Duque de Bragança, e casou com D. Joanna de Castro, filha de D. João de Castro, Senhor do Cadaval, Progenitores da maior parte das Testas Coroadas, e da mais alta Nobreza de Europa. Entre estes netos, a Infante D. Isabel era as delicias de seu Avô o Condestavel, que esquecendo tudo depois que se escondeo no Claustro do seu Convento, ella lhe levou sempre huma grande parte do cuidado, que respirava a ternura da saudade na doçura do termo *A minha linda Isabel.* Era vulg.

As virtudes heroicas do Condestavel confirmadas com a continuação de muitos milagres, em que entrárão nove mortos resuscitados, e com os exemplos sublimes da sua vida, não só lhe dérão em todas as idades a denominação de Santo; mas forão os fundamentos principaes da supplica, que os Estados do Reino fizerão ao Papa Urbano VIII. para o beatificar, quando elles se ajuntárão em Cortes no anno de 1641, e depois no de 1674 repetírão a mesma supplica a Clemente X.

Era vulg. todos os nossos Bispos, justamente empenhados em dar a Deos esta gloria, ao Santo Condestavel culto público, á Pátria esta honra. Nos sagrados Monumentos, que fez levantar a sua piedade, especialmente o Convento da Senhora do Vencimento do Carmo em Lisboa, e a Ermida á mesma Senhora, com o Titulo da Victoria no campo de Aljubarrota, e lugar, aonde no dia da batalha esteve arvorada a sua bandeira, vive immortal a sua memoria, e elles saõ outros tantos Padrões, que perpetuaõ a fama das suas acções illustres.

CAPITULO VII.

Em que se trata das peregrinações do Infante D. Pedro, e outros successos, com a noticia dos casamentos dos Infantes.

1424 O INFANTE D. Pedro naõ era menos inclinado ás viagens, que seu irmaõ D. Henrique aos descobrimentos. Como elle tinha huma casa poderosa, com

com os titulos de Duque de Coimbra, Era vulg. Senhor de Tentugal, e outras muitas terras do Infantado, como immediato ao mais velho, e a natureza o dotára do engenho ſublime, que ſe deixa vêr nas muitas obras, que compôz: elle entrou nos deſejos de viajar a Europa, e ſatisfazer os que tinha de ir adorar na Aſia os Lugares, que conſagráraõ os Pés do Redemptor. Havida licença do Rei ſeu pai, acompanhado de doze criados eſcolhidos, e na idade de 32 annos, elle partio de Portugal com o deſtino em Conſtantinopla, aonde chegou depois de vêr, e notar as Cortes dos Eſtados, por onde fez a jornada. Naquella Cidade, e na de Babylonia, Corte do Soldaõ, foi recebido com civilidades, e magnificencias: paſſou á Paleſtina, e depois de adorar com culto religioſo os Lugares Santos de Jeruſalem, e mais ſitios, que Deos Homem ſantificára, veio a Italia, e em Roma nada teve que ſentir o ſeu caracter no modo honroſo, com que o diſtinguio o Papa Martinho V., que entaõ lhe concedeo o Motu pro-

Era vulg. prio para os Reis de Portugal ſe ungirem, e coroarem, como os de França: Graça, que o Papa Eugenio IV. confirmou a El-Rei D. Duarte no anno de 1436.

Em Allemanha deo o Infante marcas diſtinctas do ſeu valor, ſervindo ao Imperador Sigiſmundo nas guerras de Hungria, de Dacia, e depois contra os Venezianos, com tanta ſatisfaçaõ de Sigiſmundo, que o inveſtio no Dominio da Marca Treviſana, depois cedida a Veneza no ajuſte da paz. De Allemanha veio elle a Inglaterra, que ſendo Pátria da Rainha D. Filippa, ſua mãi, excedeo a todos os outros Eſtados nos cortejos rendidos ao noſſo Infante. O Rei Henrique VI. depois de apurar quanto havia de delicado em honras, feſtejos, e obſequios a taõ alto Parente, o reveſtio das Deviſas de Cavalleiro da Jarreteira. Com as meſmas attençoẽs foi eſtimado nas Cortes de Navarra, e Caſtella, donde ſe recolheo a Portugal, depois de quatro annos de peregrinaçaõ. Ella cauſou huma impreſſaõ taõ viva na ſimplicidade innocente daquelles tempos, que o

noſ-

noſſo vulgo ſe explicava com dizer, Era vulg.
que o Infante D. Pedro tinha corrido as ſete Partidas do Mundo.

Sentia o Reino por tantas occaſiões de groſſas deſpezas, e pela continuação da guerra de Ceuta, que neſtes annos andava bem acceza, ſempre incançavel o bravo Conde D. Pedro em ſuſtentalla, huma grande falta de dinheiro, que o genio de alguns Miniſtros propunha ſe reparaſſe batendo em moeda a prata das Igrejas. Naõ foi neceſſario uſar da violencia, porque o Cléro zeloſo, ſabendo a cauſa juſta da neceſſidade, a offereceo toda, dizendo que o cabedal conſagrado a Deos naõ ſe gaſtava menos bem em ſoccorrer os que defendiaõ os Altares, que em ſuſtentar aquelles, que os ſerviaõ. Depois moſtrou El-Rei o ſeu zelo na 1425
continuaçaõ da boa adminiſtraçaõ da Juſtiça, que entendeo neceſſitava da promulgaçaõ de novas Leis; mandando ſe guardaſſem as reſoluções de Bartholo nas que compozera em idioma Portuguez ſeu Diſcipulo o célebre Juriſconſulto Joaõ das Regras.

Con-

Era vulg. Contrahindo-me aos negocios de Ceuta neſtes annos depois do levantamento do ſitio, o Rei de Granada ſentio tanto a perda do ſeu exercito, que ſe confederou com o Rei de Tunes para deſpicar a ſua affronta; mas impedida a marcha das trópas daquelle Principe pelo de Féz ſeu inimigo, o de Granada naõ pode lograr os intentos. Varios encontros particulares entre as partidas houvéraõ eſtes tres annos; mas os Barbaros naõ tiráraõ delles mais fructo, que chorar as ſuas perdas, augmentar a reputaçaõ dos noſſos, e ſobir o Conde invencivel ao parallelo com os primeiros Heróes. Quiz elle por algum tempo vir á Pátria colher as palmas de tantos triunfos, e havida licença do Rei, encarregado o governo da Praça a Ruy Gomes da Sylva, Alcaide Mór de Campo Maior, e Ouguela, marido de ſua filha natural D. Iſabel, elle ſe embarcou, e huma tormenta o mette deſtroçado pela barra de Setuval. El-Rei, que teve eſta noticia em Almeirim, mandou a Alvaro Vaz de Almada, depois Conde de

de Abranches, que com toda a Nobreza o fosse conduzir para Lisboa. Era vulg.

As Religiões, e o Cléro foraõ em Procissaõ assistir na Ribeira ao desembarque deste Escudo da Fé na terra dos barbaros, e o levaraõ á Sé para dar graças de tantas victorias ao Deos das Batalhas. No seu Adro estavaõ preparados os cavallos del Rei para marchar a Santarem sem demóra; achando os Fidalgos da Casa do Infante D. Duarte em troços por todo o caminho para o congratularem da parte de seu Amo, e ao mesmo Principe fóra da Villa para o levar nos braços entre os clamores festivos de innumeravel povo. No dia seguinte foi a Almeirim beijar a maõ a El-Rei, que naõ sentio embaraço no peso da authoridade, e dos annos para sahir da sua antecamera a receber com alvoroço hum tal vassallo. Elle se vio enriquecido por huma beneficencia de natureza taõ nova, que impressaõ alguma lhe faria o titulo de Conde de Villa Real, que entaõ lhe foi conferido, sem a restituiçaõ dos bens, que perdêra em Portugal, quando

Era vulg. do paſſou com a Condeça ſua irmã a ſervir a Rainha D. Leonor a Caſtella.

Nove mezes do anno de 1424 ſe deteve o Conde em Portugal; obrigando-o a recolher-ſe a Ceuta, acompanhado de D. Fernando, de D. Sancho de Noronha, ſeu irmaõ, e de outros Fidalgos com alguns navios de ſoccorro, o aviſo, que lhe fez Ruy Gomes, de que o Rei de Tunes ſe preparava para vir ſitiar a Praça. Como a vóz foi falſa, os Fidalgos ſe recolhêraõ, e o novo Conde de Villa Real naõ deſpio as armas em todo o anno de 1425; ſendo continuos os combates com groſſos deſtacamentos, que vinhaõ encontrar o ſeu eſtrago no noſſo esforço. Naõ foraõ menos glo-
1426 rioſos os ſucceſſos militares do anno ſeguinte, eſpecialmente o do dia 18 de Agoſto, em que o Conde depois de matar todos os Mouros em huma porfioſa batalha, houve de a repetir várias vezes com as muitas partidas, que de outros lugares ſahiaõ a inquietallo na marcha em deſpique do deſtroço dos ſeus payzanos. Taõ glorioſo foi eſte

dia

dia para o Conde, que naõ podendo Era vulg.
ſoſter a complacencia, andava pelo campo armando Cavalleiros aos bravos camaradas, conſortes felizes da ſua ventura em tantas acções admiraveis.

Como as muitas guerras, e viagens, 1428
que eu deixo eſcritas, naõ podiaõ até agora dar tempo ao Rei para cuidar no eſtabelecimento dos Infantes ſeus filhos, com eſpecialidade o ſeu Primogenito, D. Duarte; elle agora pôz os olhos na Infante D. Leonor, filha do Infante de Caſtella D. Fernando I., Rei de Aragaõ, e de ſua mulher a Rainha D. Leonor, chamada la Rica-Hembra. Para eſte effeito mandou elle em qualidade de Embaixador Extraordinario a D. Pedro de Noronha, Arcebiſpo de Lisboa, que tratou a nova alliança, taõ agradavel ao Rei, que a acceitou no meſmo acto de propoſta. Todas as couſas neceſſarias para o matrimonio, que ſe concluio a 22 de Setembro, ſe preparáraõ em Aragaõ, ſendo dotada a Infante com a quantia de 200$000 florins de ouro. Quantia avultada para aquel-

Era vulg. aquelles tempos; mas notavelmente inferior á menor das qualidades da Infante, que era reſpeitada por huma das Princezas adoraveis do ſeu ſeculo. Ella chegou com ſequito magnifico a Portugal, aonde o Rei lhe fez render todas as honras devidas em qualidade de Rainha, que eſtava bem proxima a tomar eſte titulo. A peſſoa da Infante, cheia de merecimentos, deo hum novo luſtre á noſſa Corte, e a Naçaõ na publicidade, e pompa dos feſtejos lhe manifeſtou o jubilo dos ſeus corações obſequioſos.

1429 Tanto que eſtes ceſſáraõ, ſe fallou no caſamento do Infante D. Pe-Pedro, que veio a ajuſtar-ſe com D. Iſabel, filha mais velha de D. Jayme, Conde de Urgel em Catalunha, e de ſua mulher a Condeça D. Iſabel, filha de D. Pedro III., Rei de Aragaõ. Deſte matrimonio feliz naſcêraõ filhos: D. Pedro, que foi Condeſtavel de Portugal, depois da mórte do Infante Santo, D. Fernando, Principe brilhante, que na idade de quinze annos foi em ſoccorro do Rei de Caſtella contra os Infan-

tes

tes de Aragaõ, aonde ſe conduzio com a meſma prudencia, que moſtrou ſingular em annos mais creſcidos nas conjuncturas infauſtas, ſuas, e de ſeu pai, ultimamente reconhecido pelos Catalães de Aragaõ: D. Joaõ, chamado de Coimbra, hum dos primeiros da nova Ordem do Tuſaõ, que caſou com Carlota, filha herdeira de Joaõ, e dizem huns que morrêra em Borgonha, outros que em Chipre, e que jáz ſepultado na ſua Corte de Nicoſia: D. Jayme, que foi virtuoſo Arcebiſpo de Lisboa, e Cardeal do Titulo de Santo Euſtachio, criado pelo Papa Calixto III. Principe taõ amante da pureza, que ſe deixou morrer em caſa de ſua tia a Duqueza de Borgonha por naõ contaminar a caſtidade, que os Medicos lhe aconſelhavaõ como unico remedio da ſua queixa, e jaz em Florença: a Rainha D. Iſabel, mulher de ſeu primo, o Rei D. Affonſo V. de Portugal, de quem fallaremos a ſeu tempo: D. Brites, que depois da mórte infeliz de ſeu pai, a caſou em Flandres a Duqueza ſua tia, com Adolfo, Senhor Era vulg.

de

Era vulg. de Raveſtain, filho do Duque de Cleves, e ſobrinho do de Borgonha, ſeu marido: D. Filippa, que viveo em Odivellas, ſem eſtado, com grande applicaçaõ ás letras, e virtudes, humas que a fizeraõ eſtimavel na vida, as outras que lhe merecêraõ precioſa morte.

Pelo que reſpeita aos outros Infantes, D. Henrique viveo ſempre no eſtado do celibato, exercitando as virtudes mais heroicas, e fazendo á Pátria aſſignalados ſerviços, como iremos vendo ainda no diſcurſo deſta Hiſtoria. De D Joaõ, Condeſtavel do Reino, e Adminiſtrador do Meſtrado de Sant-Iago, que morreo de 42 annos no de 1442, já diſſemos que caſou com ſua ſobrinha, D. Iſabel, filha de ſeu meio irmaõ D. Affonſo, Conde de Barcellos, e que teve a D. Diogo, ſem geraçaõ; a D. Iſabel, mulher del-Rei D. Joaõ II. de Caſtella; e a D. Brites, que caſando com o Infante D. Fernando, filho do Rei D. Duarte, veio a ſer mãi do Rei D. Manoel, ambas eſtas Princezas explendor lumino-

noſo de muitos Sceptros. Do Infante Era vulg. Santo D. Fernando diremos o que lhe pertence no ſeu lugar devido; porque paſſamos a eſcrever em outro Livro as ultimas acções do Rei D. Joaõ I. até a ſua morte ditoſa, écco correſpondente ao brado da ſua vida.

LIVRO XXIV.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-ſe do caſamento da Infante D. Iſabel, filha del-Rei, com Filippe o Bom, Duque de Borgonha; eſcreve-ſe em reſumo a vida deſta Princeza, e alguns ſucceſſos em Ceuta.

Era vulg. POR toda a Europa ſoavaõ os éccos das qualidades brilhantes, de que a natureza, e a graça dotáraõ a Infante D. Iſabel. Éccos, que chegando aos ouvidos de Filippe o Bom, Duque de Borgonha, Conde de Flandres, e Senhor dos vaſtos dominios da ſua caſa, mandou por Embaixador a Portugal o ſeu Camariſta Adriaõ Thoulongeon, correndo o anno de 1428, para em nome de ſeu Amo a pedir por eſpoſa a El-Rei D. Joaõ I., ſeu pai. Ajuſtadas as condições do Tratado, em huma for-

formosa esquadra Flamenga vieraõ conduzir a Princeza, que foi acompanhada por seu irmaõ, o Infante D. Fernando, o Senhor de Rombais, Gil de Escornay, Preboste de Harlebec, e outros muitos Fidalgos da sua Corte, e Estados. A 10 de Janeiro deste anno, em que vamos fallando, se celebráraõ as vodas na Cidade de Bruges; e no meio das solemnidades, que duráraõ oito dias com assistencia dos Principes, e Grandes, em que entráraõ o Duque de Luxemburg, o Conde de S. Paul, o de Horn, o Bispo de Liege, as Duquezas de Lorena, de Berthfort, e de Cleves, as Condeças de Namur, de Conversano, e outras muitas Senhoras. O Duque noivo por demonstraçaõ de prazer pela nova alliança com Monarca taõ poderoso, e respeitado, como era o de Portugal, instituio a Ordem Militar do Tusaõ de Ouro, que até hoje se conserva na Europa com o seu explendor primitivo. Era vulg.

Foraõ nomeados vinte e quatro Cavalleiros da primeira Grandeza, que recebêraõ o collar da maõ do Duque, de-

Era vulg. debaixo dos auſpicios da Auguſta Virgem Maria, e do Apoſtolo Santo André. Quanto pertence a eſta Ordem eu eſcrevi no *Tomo II.* da minha *Aula da Nobreza*, aonde remetto os Leitores ambicioſos de mais larga noticia. O número dos ſeus Cavalleiros foi differente pelo diſcurſo do tempo. O meſmo Duque ſeu primeiro Graõ-Meſtre, o augmentou ao de trinta e hum. O Imperador Carlos V. no Capitulo Geral, que celebrou em Bruxellas no anno de 1516 lhe accreſcentou mais vinte; e como a Ordem ſe fez commua a todos os Principes da Caſa de Auſtria, deſcendentes de Maria de Borgonha, filha de Carlos o Atrevido, os Reis de Heſpanha, e os Imperadores conſervaõ a gloria de ſer os ſeus Chéfes. Elles a ſuſtentaõ na reputaçaõ do ſeu naſcimento, pelo que diſtinguem nas peſſoas a quem a conferem, ſem a envilecer com a multidaõ.

As experiencias adquiridas com o trato obrigáraõ o Duque a fazer taõ alta eſtimaçaõ da Duqueza, ſua mulher, que naõ emprehendia acçaõ alguma de im-

importancia ſem ſer o ſeu voto o primeiro, que conſultaſſe, talvez por lhe conſtar, que tambem ſeu pai fazia o meſmo, depois que conheceo a ſublimidade do ſeu talento. Na paz era ella o refugio dos vaſſallos; na guerra o conforto dos exercitos; nas jornadas longas inſeparavel do lado de ſeu marido; vinculo da uniaõ com os Principes amigos; medianeira efficaz nas diſcordias com os contrarios, que buſcava, movia, e com elles negociava. Entre outros deſtes lances, he memoravel o que lhe ſuccedeo com Carlos VII., Rei de França, que no dia deſtinado para a Audiencia, vendo a ſua cadeira fóra do lugar devido, com tanta advertencia, como corage, a mandou metter debaixo do docel; e fallando com igual força, e doçura, levou de ſórte as attençoẽs daquelle Principe, que em hum meſmo acto conſeguio delle as honras, que ſe deviaõ á Soberania, e os intereſſes, que ſolicitava para o Eſtado. Era vulg.

O ſeu coraçaõ pio ſe penetrou de tal anguſtia, quando os Turcos ſe fi-

Era vulg. zeraõ ſenhores de Conſtantinopla, que da propria letra eſcreveo a todos os Principes Catholicos exhortando-os, para que unindo as ſuas armas com as de Flandres, quizeſſem marchar á reſtauraçaõ do Emporio reſpeitavel da Grecia, offerecendo-ſe a ſer ella quem cobriſſe a téſta do primeiro eſquadraõ. O eſtrondo ouvido deſtas, e outras ſemelhantes virtudes, depois a communicaçaõ, e o trato, que o Imperador Frederico III. teve em Flandres com a ſua Real Peſſoa, que moſtrou maior a ſabedoria viſta, que o rumor ouvido, de tal ſórte o cativáraõ, que lhe proteſtou caſaria em Portugal, como Paraiſo fertil, que produzia Princezas, que realmente pareciaõ Divindades; o que com effeito executou depois na eleiçaõ, que fez para eſpoſa, de ſua ſobrinha a Infante D. Leonor, filha de ſeu irmaõ o Rei D. Duarte. Em fim, Borgonha foi o theatro das virtudes da Infante Duqueza D. Iſabel; da caridade na cópia das eſmólas, da magnificencia nas fundações brilhantes; da juſtiça nos premios ao merecimento;

da

da liberalidade nas gratificações aos dignos; em tudo columna dos ſeus Póvos, e mãi univerſal dos ſeus vaſſallos. Era vulg.

Deſte feliz matrimonio naſcêraõ tres filhos. Os dous primeiros, que no naſcimento foraõ a conſolaçaõ do Duque, antes caſado duas vezes ſem ſucceſſaõ, vieraõ a ſer a ſua afflicçaõ dobrada pela morte, quando apenas principiavaõ a ter vida. Guardou a Providencia a do terceiro chamado Carlos, que pelo ſeu valor diſſeraõ o Atrevido, e foi pai da Imperatriz Maria, mulher do Imperador Maximiliano, que por eſte caſamento deixou á poſteridade de ſeus filhos Flandres, Borgonha, e Heſpanha, para acabar de deſempenhar a verdade do conceito, que perſuade dever a Caſa de Auſtria mais obrigações á formoſura de Venus, que á vivacidade de Marte. Com dôr inconſolavel dos ſeus Póvos morreo a noſſa Infante, como eu já diſſe, a 17 de Dezembro de 1471 na ſua Corte de Bruges, donde os ſeus oſſos, juntamente com os do Duque ſeu marido, foraõ traslada-

Era vulg. dos para a Cartuxa de Dijon, Capita de Borgonha.

Em quanto as altas allianças, que eu acabo de referir, davaõ hum respeitavel tom de grandeza ao nosso Reino; a continuaçaõ das acções heroicas do Conde D. Pedro em Ceuta, o enchiaõ de reputaçaõ em todo o Orbe. Elle, que naõ merece a menos titulo ser chamado, o Pai das façanhas, como foi depois o Grande Affonso de Albuquerque, tendo já feito vida da guerra, naõ podia viver sem ella. Hum divertimento de Martim Affonso de Miranda o obrigou a sahir ao campo, quando elle o naõ pensava; e foi este dia hum dos mais plausiveis da sua vida, porque vio que nos tyrocinios da idade, seu filho D. Duarte de Menezes descobria os elementos vistosos, que lhe haviaõ merecer a estimaçaõ de Heróe com a anthonomasia de Grande. A complacencia de vêr obrar o filho pôz o pai taõ absorto, que naõ sentio rodearem-o setenta cavallos inimigos. O mesmo foi perceber elle o perigo, que inflammar-se o valor mons-

truo-

truoſo para levar aos Barbaros diante de Era vulg.
ſi ás cutiladas, ajudado de alguma da ſua gente. Já marcado com eſta victoria ſingular, concorreo a concluir a que tinhaõ começado Martim Affonſo, e ſeu filho D. Duarte, que elle armou cavalleiro á inſtancias dos ſeus ſoldados no meſmo lugar do combate.

Quando aſſim ardia a guerra em 1430
Ceuta, El-Rei interpunha a ſua authoridade veneravel para pacificar as inquietações de Heſpanha. Deſconfianças pezadas tinhaõ entre ſi os Reis de Caſtella, Aragaõ, e Navarra; incendio, que elles queriaõ apagar com diluvios de ſangue: mas o nome reſpeitoſo pelo valor, pela authoridade, pelas allianças, e pelos annos do Rei D. Joaõ, teve tanta força mediando para compôr os Principes mal avindos, como elle o podéra fazer na téſta de hum exercito formidavel, combatendo. Naõ paſſou o Eſtreito eſta concordia; porque os Mouros obſtinados no deſejo da reſtauraçaõ da ſua amavel Ceuta, naõ nos davaõ tempo de deſcanço. Elles quizeraõ ſobprendella por hum podero-

ſo

Era vulg. so destacamento, que sendo descoberto, alguns Fidalgos sahíraõ a reconhecello sem ordem do Conde. Naõ se satisfez com isso o seu valor sem investillos, naõ os embaraçando a desproporçaõ do número, ou a nota, que podiaõ adquirir de temerarios. A troco da vida de Ruy Mendes de Vasconcellos, filho de Mem Rodrigues, sustentáraõ elles o campo com alentos mais que humanos, ou para venderem caras as vidas, ou para esperarem da Praça soccorro ás liberdades.

Quizera castigar-lhes o Conde a desobediencia com a ignorancia affectada do successo; mas atacado da compaixaõ, persuadido de seu filho D. Duarte, e de seu genro D. Fernando de Noronha, que desejavaõ vêr-se no mesmo entretenimento, elle se resolveo a lançar sobre os Mouros com a gente escolhida. Os dous Fidalgos moços se arremeçáraõ a elles taõ denodados, que ambos estiveraõ perdidos, especialmente D. Fernando, que cançando-lhe o cavallo no meio de hum esquadraõ de Barbaros, e parando immovel,

vel, naõ teve mais remedio, que encomendar a ſalvaçaõ da peſſoa aos golpes da ſua eſpada para todos os lados. Correo o Conde a ſoccorrello com outro cavallo, e baſtou o ſeu ſemblante para pôr em fadiga a cavallaria contraria. Ficou no campo a Infantaria, ſendo alvo das noſſas lanças, que ſe foraõ enſopando nella, ſem mais ordem que matar. Com tanta honra ſe portáraõ os noſſos neſte encontro famoſo, em que conſeguimos com partido deſigual victoria taõ glorioſa, que o Conde mandando fazer alto aos que perſeguiaõ os fugitivos, armou muitos Cavalleiros, e entre elles dous Fidalgos Catalães, que vieraõ receber eſta honra de mãos igualmente taõ illuſtres, como valeroſas. Era vulg

Naõ perdemos neſte encontro mais que a Ruy Mendes, e Vaſco Annes, ſendo dos Mouros muitos os mórtos, e priſioneiros. Reparou o Conde em hum deſtes, que ſe diſtinguia pelo ſeu aceio, e lhe perguntou quem era. Reſpondeo elle, que hum homem diſtinto da Cidade de Tangere, que entendia

Era vulg. dia viera por curiosidade vêr a guerra; mas que agora estava certo o trouxera a Providencia Divina para se compadecer da sua miseria, arrancando-o dos abysmos do erro; porque quando elle Conde chegára ao campo, e para romper a batalha dissera *Sant-Iago*, no mesmo instante víra cobrir-se a terra, e o ar de Cavalleiros, que naõ soffriaõ resistencia: que contemplando elle, como os Christãos com huma palavra tinhaõ efficacia para mover o Ceo, e fazello baixar em seu auxilio, elle confessava a sua Fé por unicamente verdadeira, e lhe pedia o admitisse a ella, e na sua Cidade para viver entre os Christãos como hum delles. O Conde condescendeo a todos os seus rógos, e o mandou tratar em Ceuta com honras distinctas. Outro successo bizarro, ainda que naõ de tanta gloria, succedeo neste dia a Affonso da Cunha, que correndo sobre hum Mouro, lhe cahio da maõ a espada. Elle ordenou arrogante ao Mouro, que a levantasse, e lha désse, o que elle fez humilde, e o Cunha reconhecido lhe man-

mandou, que ſe foſſe. No anno ſeguinte de 1431 gozou a Praça o beneficio da tranquillidade, taõ cortados os Mouros do noſſo ferro, que em todo elle naõ ſe atrevêraõ a apparecer na campanha; e porque a Hiſtoria nos chama a ſucceſſos differentes, eu vou a tratallos em outro Capitulo na ſua ordem. Era vulg.

CAPITULO II.

Dá-ſe noticia do Tratado de Paz perpetua entre Portugal, e Caſtella no anno de 1431.

COMO os ajuſtes de paz entre as duas Coroas de Portugal, e Caſtella até agora eraõ com tempo limitado, em muitos pontos ſem deciſaõ formal, e eſte negocio he hum dos mais conſideraveis da Hiſtoria, que eſtou tratando, por ſe haver eſtabelecido a liberdade, e independencia do Reino; elle merece ſer indicado com a clareza, e percepçaõ neceſſarias. No anno de 1389 moſtrei eu como as duas Coroas ajuſtá- 1431

Era vulg. táraõ huma Tregoa por ſeis mezes. No meſmo anno outra por ſeis annos. Terceira no de 1393 eſtando na ſua menoridade o Rei D. Henrique de Caſtella, e foi prorogaçaõ da ſegunda por quinze annos, que ſe quebráraõ; mas tornando a reviver, naõ teve duraçaõ. Quarta de dez annos ajuſtada no de 1400. Ultimamente morto o Rei D. Henrique em 1407, a Rainha, e Infante Regentes cuidáraõ ſériamente na paz, que vieraõ a concluir, como fica dito, no anno de 1411; mas com a limitaçaõ de tempo até o de 1434, em que os Principes Contratantes regulariaõ o ultimo complemento della.

Lavradas as condiçóes do dito ajuſte de 1411 juſtamente occorreo a eſpecie de quem havia aſſignar o Tratado; porque El-Rei naõ contava de idade dous annos, e podia reclamallo depois de maior. Os noſſos Miniſtros propozéraõ as ſuas dúvidas ao Biſpo de Çamora, e ao Doutor Pedro Annes, que aſſentáraõ de acordo commum, que a Rainha, o Infante, os

Pre-

Prelados, os Grandes o aſſinaſſem em nome do Rei, obrigando-ſe a fazello cumprir logo que tiveſſe quatorze annos, o que com effeito foi prácticado a 31 de Outubro do dito anno. Quando D. Joaõ II. completou aquella idade, voltáraõ á ſua Corte os meſmos Embaixadores a pedir-lhe a aſſignatura do Tratado; mas como a Rainha era já morta, o Infante eſtava Rei de Aragaõ, e os mais naõ quizeraõ tomar o officio de noſſos Procuradores, talvez por conhecerem a pouca diſpoſiçaõ do Rei para o encontrarem condeſcendente, os noſſos Miniſtros voltáraõ para Portugal ſem deciſaõ nos ſeus Officios. Foraõ correndo os annos até eſte, em que fallamos, e em todos elles naõ deixáraõ de ſe inſultar as duas Nações, eſpecialmente por mar, naõ eſcapando a Cidade de Ceuta, e as ſuas embarcações das tentativas dos coſſarios Caſtelhanos. Era vulg.

Já naõ faltavaõ mais que tres annos para chegar o de 1434, em que qualquer dos dous Principes podia romper a fé eſtipulada no Tratado precedenden-

Era vulg. dente. O de Portugal, que antes da ſua morte deſejava deixar eſte beneficio aos ſeus povos, já empenhados em propagar a Fé, reſolveo antecipar-ſe ao praſo eſtipulado, e mandou a Caſtella os dous irmãos Pedro, e Luiz Gonçalves Malafaya, ambos do ſeu Conſelho, que conſeguíraõ do Rei a paz perpetua, aſſignada por elle em Medina del Campo a 30 de Outubro deſte anno, e ratificada pelo de Portugal em Almeirim a 17 de Janeiro do ſeguinte, de que eu em reſumo devo referir o Tratado, ou os ſeus principaes Artigos. Depois dos dous Reis nos ſeus plenos poderes declararem, que contrataõ huma paz perpetua, firme, amigavel, e os motivos de razaõ, juſtiça, amizade, que a iſſo os obriga, ſe paſſa a determinar:

Que ſeraõ quites, e remiſſos todos os damnos aſſim das peſſoas, como dos bens, tomadias, roubos, ainda que ſejaõ das proprias peſſoas dos Senhores Reis, ſem ſe nunca demandarem, e que os moradores dos ditos Reinos de Caſtella, e Leaõ poſſaõ entrar,

trar, eſtar, andar, e ſahirem eſtes Reinos, trazer, e levar quaeſquer mercadorias, tirando as defezas, que aqui ſe declárað, &c. Era vulg.

Que qualquer peſſoa ou Portuguez, ou Caſtelhano poſſa paſſar de hum Reino para outro com moeda de ouro, prata, ou outra qualquer, que levarem para ſua deſpeza de ida, eſtada, e tornada, ſegundo a diſtancia a que for, e eſtado que levar:

Que em todos os feitos civeis, e crimes que os Caſtelhanos em eſtes Reinos houverem daqui em diante, ſobre que hajaõ de demandar, ou ſer demandados, e haja de ſer procedido por officio de julgar, o ſejaõ aſſim, e por aquellas juſtiças, como ſe foſſem Portuguezes:

Que dos pleitos, e demandas, que os naturaes houverem nos Reinos de Caſtella, de que o dito Senhor Rei de Caſtella conhecer por ſi, ou pelos do ſeu Conſelho, e der ſentença, que de tal ſentença ſe naõ poſſa dizer nenhuma injuſtiça, nem aggravo, nem por elle ſeja feita repreſária alguma.

Que

Era vulg. Que ſe algum deſtes Reinos, e Senhorios furtarem, ou tomarem, ou entrarem Cidade, ou Villa, Caſtello, ou Lugar dos Reinos de Caſtella, ou as receberem de alguns moradores, ou naturaes delles contra vontade do Rei de Caſtella, que o Rei deſtes Reinos ſeja obrigado de proceder, e dar caſtigo aos que tal fizerem, e o dito Senhor Rei de Caſtella poſſa cobrar tal Cidade, Villa, Caſtello, ou Lugar, &c.:

Que aquelles que dos Reinos de Caſtella para eſtes ſe vierem com algumas couſas furtadas, ou com alguma mulher caſada, ſejaõ preſos, e enviados de Conſelho em Conſelho para ſe lá delles fazer juſtiça:

Que o Rei promette de nunca offender aos Reis de Caſtella, nem as ſuas gentes, nem ſubditos por mar, nem por terra, por razaõ das guerras, mórtes, roubos, forças, tomadias; nos ſeus Reinos, nem fóra delles, nem em parte alguma do mundo por nenhuma maneira:

Que os navios de Portugal, e Caſ-

tel-

tella, posto que mercadorias de inimigos levem, naõ sejaõ buscados os de Portugal pelos de Castella, nem os de Castella pelos de Portugal, salvo nos dous casos dos navios levarem córpos dos inimigos, ou se o navio for achado em porto de terra de inimigos; que entaõ poderá ser tomada qualquer cousa, que ahi for achada, que de inimigos seja: Era vulg.

Que he outorgado, que se alguns navios se armarem em Portugal, ou em outro qualquer lugar, que as justiças, e officiaes delles sejaõ theudos de tomar segurança desses, que na dita armada entrarem, que naõ façaõ nojo, nem damno a seus amigos, e daráõ para isso fiança:

Que he defeso, que os navios de Portugal se naõ lancem mais ácerca dos pórtos de Castella, nem os de Castella nos de Portugal, para dahi tomarem, e roubarem os navios seguros, e marchantes, nem possaõ ser tomados pelos naturaes, e subditos d'outros Reinos, donde sohem ser ancorados a huma legoa.

Que

Era vulg. Que he outorgado, que nenhum navio dos inimigos de qualquer dos ditos Senhores Reis, que navio dos seus subditos tomar, naõ seja acolhido em porto, nem em praia, nem lhe sejaõ dadas bitualhas algumas, nem consentindo, que hi se vendaõ, nem desbaratem, e estando em algum porto de Portugal algum navio de Castella, e temendo doutro, que hi estiver, lhe façaõ dar segurança, que naõ parta dalli:

Que he outorgado, que sendo quebrantados, ou contraditos os sobreditos Capitulos, ou qualquer delles por qualquer causa, ou razaõ que seja por El-Rei de Castella, ou seus herdeiros, incorra em pena de perjuro, e nas outras deste Contrato, e com todo a dita paz ficará firme:

Que saõ havidos por nenhuns todos os outros contratos, e Escrituras, que ante os ditos Senhores Reis, e seus Successores sejaõ feitos, e passados, e que naõ valhaõ senaõ estes:

¶ Que o Senhor Rei de Portugal approva, firma, e ratifica todos estes Capi-

pitulos, e cada hum dellos, e prometteo de os cumprir, e naõ ir contra elles: Era vulg.

Que o dito Senhor Rei de Portugal jura por firmeza desta paz, e amizade, e de a cumprir, e guardar, e naõ pedir, nem impetrar restituiçãõ, nem *integrum relatum* contra elle:

Que sobre o Castello, que se chama de Portelho ácerca da Villa de Monte Rei, fique cada hum dos ditos Senhores Reis seu direito salvo, nem por ello estes Capitulos, nem cada hum delles se entenda ser derrogado, nem renunciado:

Que se suppre, e he supprido qualquer falescimento, que de direito necessario for para esta paz, e amizade ser firme, e valiosa:

Que a estas pazes antigas foi concordado pelos Senhores Reis accrescentar de novo, que entregaráõ de parte a parte todas las Cidades, Villas, Lugares, e Fortalezas, que huns dos outros tiverem tomadas, em que entrará a Villa Dalcolea no Reino de Aragaõ:

Era vulg. Que foi concordado de livrar, e ſoltar D. Luiz, filho do Conde de Benavente, e D. Joaõ de Menezes, e todos os Cavalleiros, Fidalgos, e Eſcudeiros, e outros que preſos ſejaõ de huma parte, e da outra:

Que foi acordado que os ditos Senhores Reis de Caſtella dem perdaõ a todos de ſeus Reinos, que publicamente eſtiveraõ com os ditos Senhores Reis, e Principes de Portugal em todas las couſas paſſadas, e ſejaõ reſtituidos a todas as ſuas terras, e poſſaõ ir, e vir viver, e morar em todos os ditos Reinos de Caſtella, e querendo, viver em Portugal:

Que foi acordado, que os ditos Rei, e Principe de Portugal, nem ſeus Succeſſores naõ poſſaõ acolher, nem receber em ſeus Reinos nenhumas guardas, nem Cavalleiros dos Reinos de Caſtella contra elles, nem contra peſſoa alguma para lhes fazer guerra, e eſſo meſmo de Portugal em Caſtella:

Que quitaõ, remittem de parte a parte todos os damnos, perdas, roubos,

bos, &c., que por azo, ou cauſa das ditas guerras foraõ feitos, e comettidos: Era vulg.

Que foi acordado, que os ditos Senhores Reis façaõ derribar todas as fortalezas, que novamente ſejaõ feitas em os ditos ſeus Reinos na raya, depois que o dito Rei de Portugal entrou em Caſtella:

Que outorgáraõ os ditos Senhores Reis, que quaeſquer ſeus ſubditos, e naturaes, e outros, que no mar, cóſta, praias, portos, e abras fizerem algum damno, ou damnos, ou roubos a outros naturaes, e ſobreditos, ſejaõ preſos, e trazidos a cada hum dos ditos Reinos, contra cujos naturaes taes couſas fizerem para hi ſerem ouvidos ſegundo Leis, e punidos:

Que o dito Senhor Rei de Caſtella promette naõ tornar, nem moleſtar ao dito Senhor Rei de Portugal a poſſe, e quaſi poſſe, em que eſtá de todos los tratos, terras, e reſgates de Guiné com as ſuas minas de ouro, Ilhas, Cóſtas, e Terras, que ſe declaraõ, e outras deſcobertas, ou por

 deſ-

Era vulg. deſcobrir, nem as peſſoas, que os ditos tratos negociarem, nem ſe intremeterá de entender na conquiſta del Rei de Féz:

Que os ditos Senhores Rei, e Principe de Portugal promettem de naõ tornarem, nem moleſtarem aos ditos Senhores Reis de Caſtella a poſſe, e quaſi poſſe, em que eſtaõ das Ilhas de Canaria, ganhadas, e por ganhar, nem a conquiſta dellas:

Que foi acordado, e aſſentado, que os ſobreditos Senhores Reis outorguem, jurem, e affirmem por ſuas peſſoas eſta Capitulaçaõ, e aſſento das ditas pazes cada vez, que por parte hum do outro forem requeridos:

Que os ſobreditos Procuradores aſſentaõ, e outorgaõ por juramento eſtas pazes perpetuamente entre os ditos Senhores Reis, e ſeus Reinos, e Senhorios, que approvaráõ, e confirmaráõ os Reis de Caſtella, e os do ſeu Conſelho:

Que o dito Senhor Rei de Caſtella renuncia, e demitte, tira, e leixa de ſi, por ſi, e ſeus Reinos, terras, e

e Senhorios, e por todos ſeus herdeiros, e Succeſſores todo o dominio, e Senhorio aſſim real, como peſſoal, que elle tinha, e podia ter por qualquer titulo, e ſucceſſaõ neſtes Reinos de Portugal, e do Algarve, terras, e Senhorios, partidas, lugares gentes, ſubditos, vaſſallos, e naturaes, dellos. Era vulg.

Eſte foi o ajuſte da memoravel paz do anno de 1431, que ambos os Reis recebêraõ com as demonſtrações do maior contentamento, como cauſa para deſcançarem os eſpiritos, que havia meio ſeculo vacillavaõ na ſegurança, e ſe ſentiaõ engolfados nas deſordens de huma guerra de opiniaõ, que tranſportava os animos para eſquecerem a humanidade.

O animoſo Rei D. Joaõ, que ſabia unir a piedade ao valor, e tinha conſeguido para os ſeus Póvos a vantagem deſta paz, deſejou fazer o meſmo beneficio ás Coroas de Caſtella, e Aragaõ, que haviaõ ateado entre ſi furioſo o fogo da diſcordia. Prendêra o Rei de Caſtella ao Infante de Aragaõ 1432

D.

Era vulg. D. Pedro, com tal ſentimento de ſeu irmaõ o Infante D. Henrique, que naõ perdia expediente, que podeſſe cooperar mais para a vingança, que para as demonſtrações de ſentimento. El-Rei, querendo atalhar os damnos entre Principes amigos, mandou por Embaixador a ambos elles o meſmo Pedro Gonçalves Malafaya, que acabára de ajuſtar a ſua paz com Caſtella, e agora fez os ſeus officios com tantas dexteridades, que os Principes diſcordes fizeraõ hum Tratado de amizade em Cidade-Rodrigo; o Infante foi ſolto, entregue ao Infante de Portugal D. Pedro, que deſte Reino o mandou para o de Aragaõ, depois de receber de ſeu cunhado o Infante D. Duarte as próvas do maior affecto.

CA-

CAPITULO III.

Era vulg.

Continua-se com os successos dos ultimos dous annos da vida do Rei D. João I., e da sua morte.

NAÕ se tinhaõ descuidado os nossos Fronteiros de Africa por todos estes tempos de talar as campanhas de Ceuta, em que faziaõ prezas consideraveis, que contribuiaõ naõ pouco para o fornecimento necessario da Praça. Neste anno foi author de huma bem importante nas Aldeas daquelles contornos D. Duarte de Menezes, filho do Conde Governador; mas este observando que os Mouros circunspectos deixavaõ passar annos sem se moverem contra a Praça, determinou encarregalla ao valor de seu filho, acompanhado da prudencia dos Fidalgos Velhos para lhe refrearem os ardores da mocidade, e vír ao Reino tratar as dependencias da sua casa. Apenas os Mouros souberaõ a ausencia do Conde, hum delles muito poderoso convocou os mais distinctos,

Era vulg. tos, e lhes propôz, que era occasiaõ de ſahir a campo com as maiores forças, que ſe podeſſem juntar; porque o Conde D. Pedro tinha ido para Portugal: que ſeu filho D. Duarte, ainda que foſſe dotado do ſeu meſmo valor, naõ teria a ſua fortuna: que ſabendo elle, que no campo andavaõ inimigos, ou por tranſportado dos ardores da mocidade, ou por imitar o pai em naõ combatter ſenaõ na campanha, viria com a maior parte da guarniçaõ empenhar-ſe em hum choque deſigual, que teria por conſequencia a reſtauraçaõ de Ceuta, ſe nelle foſſe derrotado.

Pareceo a todos acertada eſta propoſta, que naõ gaſtou muito tempo em ſer executada por hum grande número de Barbaros. Foi aviſado D. Duarte, que elles appareciaõ no campo; e para moſtrar aos ſeus, que elle tinha tanto de Capitaõ advertido, como de ſoldado valeroſo, lhes diſſe: Que os Mouros vinhaõ ſobre a Praça na intelligencia, de que D. Duarte naõ ſaberia deſempenhar as obrigações de filho

do

do Conde D. Pedro : que elle eſtava na ſua preſença, naõ como Chéfe para lhe obedecerem, mas como ſeu Subalterno para o mandarem : que lhe aconſelhaſſem o que devia obrar, na certeza de que nas execuções ſería taõ ardente, quanto ſobmettido para receber as ſuas ordens. Eſta delicadeza foi o primeiro preſagio da victoria, quando as groſſarias a ella contrarias tantas vezes tem botado a perder no mundo acções importantes. Encontrou D. Duarte em todos os animos a candura, que devia correſponder á ſinceridade da ſua propoſta, e determinada a expediçaõ ſem fazer falta a madureza de ſeu Pai, todos marchaõ goſtoſos ao campo para darem ao ſeu Chéfe hum formoſo dia. Elle mandou avançar hum corpo de cavallaria com ordem, que eſcaramuçaſſe retirando-ſe até ao ſitio vantajoſo, aonde ſe tinha poſtado com o groſſo da gente, que havia atacar a batalha. Era vulg.

Cumpríraõ os Cavalleiros as ordens com dexteridade militar, que entendida dos Barbaros por eſpanto da ſua

mul-

Era vulg. multidaõ, os vieraõ carregando até se arrostarem com o bravo General, que no primeiro repelaõ derrobou quatorze. A violencia dos golpes, que os nossos despediaõ; as muitas cabeças, que saltavaõ; os gemidos dos agonisantes, que enterneciaõ, pozeraõ os Barbaros em tal desordem, que igualmente perdiaõ fórma, e terreno. Conhecida a vantagem se redobrou o valor, que os foi levando até ao lugar do Castellejo, aonde pereceo a Infantaria quasi toda; fizeraõ-se prisioneiros muitos Mouros distinctos, entre elles o Arbitrista, e Commandante desta expediçaõ, que dizia aos seus: He escusado empenharmo-nos na restauraçaõ de Ceuta, que o grande Deos quer no poder dos Christãos, e os defende com milagres visiveis, bem superiores ás forças humanas. Este successo nos deixou o campo livre para enchermos dahi em diante a Praça das suas producções em tanta abundancia, como se fossemos colonos pacificos da campanha naquella ponta de Africa.

O nascimento do Principe D. Affon-

fonſo, filho do Infante D. Duarte, Era vulg.
adoçou neſte anno a triſteza, que no paſſado cauſou em todo o Reino a mórte do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira; agradecido ao ſeu valor, que ao Rei déra á Coroa, e á Pátria tal Rei. No ſeguinte ſe renovou o jubilo com os progreſſos felizes dos deſcobrimentos do Infante D. Henrique, 1433
que havia doze annos entretinha as ſuas eſperanças, naõ ſatisfeito com a poſſe das novas Ilhas, de que eu já dei noticia, em quanto pela extenſaõ da cóſta de Africa naõ dilatava a promulgaçaõ do Evangelho. Levado deſte deſejo intentou a empreza de paſſar o Cabo de Naõ até ſe aviſtar o de Bojador, como fica dito, por ſe entender, que elle era a extremidade da terra. Gil Annes, criado do Infante, e natural de Lagos, havia intentado primeira vez eſta viagem ſem o complemento dos deſignios, que neſta ſegunda lhe tornáraõ a ſer encarregados. Elle deſpreſou todos os perigos, e além da eſperança dos homens, naõ ſó deſcobrio, mas dobrou a ultima pon-

Era vulg. ponta daquelle Promontorio entaõ formidavel, aonde ſaltou em terra, que achou amena, ſem moradores racionaes, que ſe aproveitaſſem da ſua fertilidade. Nella levantou o Padraõ da Santa Cruz, e com os ſignaes eſtranhos das ſuas producções, voltou a receber no paſmo univerſal a parte naõ pequena do premio devido a hum ſerviço de tal eſtrondo.

Renovou-ſe a dôr da lembrança do Condeſtavel com a probabilidade, de que brevemente ſe iria aſſociar com elle na Eternidade o Rei, que no tempo tanto o eſtreitára em vinculos apertados de affecto. Tantos trabalhos, guerras, cuidados em ſetenta, e ſeis annos de idade tinhaõ quebrantado de ſórte a ſua ſaude, que reconhecia a pouca duraçaõ da ſua vida. Deſejavaõ todos prolongalla a beneficio dos ſoccorros da Medecina, que indicava lhe ſería conveniente a mudança do ſitio, e ſe eſcolheo o de Alcochete; mas neſta reſidencia ſe aggraváraõ mais as queixas, que o obrigáraõ a recolher-ſe a Lisboa. Quiz El-Rei dar as ultimas

deſ-

desſpedidas ao Martyr S. Vicente, como taõ devoto das ſuas Reliquias, e ſe fez conduzir á Cathedral, aonde formou no ſeu eſpirito as aſcenções ſublimes de quem já ſe queria deſatar da carne. Com a meſma piedade foi á Igreja de Noſſa Senhora da Eſcada implorar o ſeu ſoccorro para ſobir por ſeu meio ao Ceo, e dahi ſe recolheo ao Paço taõ mortificado do aballo do caminho, e do ardor, com que derramára o coraçaõ no veſtibulo dos Altares Santos, que conheceo era chegado o ponto da morte. Era vulg.

Com ſumma ternura, e piedade recebeo os Sacramentos da Igreja, practicou actos heroicos de Catholico delicado, ſempre a Deos reconhecido, e pôz-ſe firme a eſperar o momento formidavel com a meſma intrepidez, com que affrontára a morte nos ſitios, e nos combattes. Occupado de reflexões ſantas, mandou chamar os Infantes, ſeus filhos, menos D. Pedro, que eſtava em Coimbra, e naõ chegou a tempo de o achar vivo, e depois de os ſaudar com o ultimo a Deos, em que

Era vulg. cada palavra escondia huma unçaõ particular; elle lhes recommendou, ao exemplo dos Reis seus predecessores, a sustentaçaõ, e defensa da pureza da Fé a expensas da propria vida, e a entreterem entre si, e com os seus Póvos aquelle espirito de uniaõ taõ necessario ao repouso dos Estados. Estes foraõ os ultimos sentimentos do magnanimo Rei D. Joaõ I. de boa memoria, que entregou a alma ao Creador no seu dia fausto de 14 de Agosto deste anno: dia, que precede ao da Assumpçaõ da Senhora, para elle sempre feliz, e memoravel pelos beneficios, que nelle deveo á sua Augusta Protectora: dia, em que ella o livrou da mórte, que lhe traçava huma conjuraçaõ; em que ganhou a gloriosa batalha de Aljubarrota: em que muitos Escritores disseraõ, que conquistára Ceuta: em que os seus Generaes conseguíraõ importantes victorias; ultimamente dia, em que elle foi cingir no Ceo a coroa dos triunfos.

Morreo El-Rei aos 76 annos, quatro mezes, e tres dias da sua idade, com

com 49 annos, ſete mezes, e vinte Era vulg.
oito de Governo, ſendo Regente, e Rei de Portugal. O ſeu Real cadaver eſteve expoſto na Cathedral até 25 de Outubro, em que foi conduzido para o Convento da Batalha, como ſe mandava no Teſtamento. Para eſta funçaõ ſe ajuntáraõ todos os Infantes, a Infante D. Iſabel, mulher de D. Joaõ, as Condeças de Barcellos, Arrayolos, menos a Rainha, e a mulher do Infante D. Pedro, que ambas tinhaõ juſtos, e naturaes impedimentos, os Prelados do Reino, muitos Eccleſiaſticos, os Grandes de ambos os ſexos, e com eſta comitiva ao meſmo tempo lugubre, e brilhante, chegou ao Moſteiro da Batalha, aonde deſcança em paz.

Foi El-Rei D. Joaõ homem de eſtatura mediana, roſto comprido, teſta pequena, cabello negro, olhos naõ grandes, mas notavelmente vivos: nos conſelhos prudente; nos perigos intrepido; o ſemblante o meſmo em ambas as ſórtes; por coſtumado ás fadigas incançavel; á Religiaõ reſpeitoſo,

pio,

Era vulg. pio, e devoto; refpeitado dos amigos, temido dos contrarios; pai do feu Povo, feliz nas acções, que fez, feliciffimo nos filhos, que gerou. A fua empreza era hum rochedo brotando fylvas, com a letra Franceza: *Il me plait pour bien.* Tambem deo ufo a outra com o mefmo rochedo, que atraveçava huma efpada pela eminencia, fuftentada por hum braço, que fahia de huma nuvem, com a Infcripçaõ: *Acuit, ut penetret*, para perfuadir, que com maõ, e efpada vencêra montes de difficuldades, até fe collocar pela conftancia no cume da felicidade. O Epitaphio do feu Monumento traduzido no noffo idioma Portuguez, he o feguinte:

Em nome do Senhor.

Aqui jaz o Sereniffimo, e fempre invicto Principe D. Joaõ, X. Rei de Portugal, e VI. Rei do Algarve, victoriofiffimo, e magnifico, que brilhou em virtudes, e o primeiro dos Chriftãos, que depois da devaftaçaõ ge-

geral de Heſpanha, foi Senhor potentiſſimo da famoſa Cidade de Ceuta em Africa. Eſte Rei excellentiſſimo naſceo na nobiliſſima, e fideliſſima Cidade de Lisboa no anno do Senhor 1358, e por ſeu Pai o Sereniſſimo D. Pedro foi condecorado na idade de cinco annos com as Inſignias militares: e acceitando, depois da morte do Rei D. Fernando, ſeu irmaõ, o governo da meſma Cidade de Lisboa, e das outras Fortalezas, que ſe lhe entregáraõ: atacada Lisboa nove mezes pelo Rei de Caſtella em peſſoa, pelo mar com huma grande Armada, pela terra rodeada de hum exercito formidavel, elle a defendeo, e de muitos Portuguezes, que o acompanhavaõ, com valor robuſtiſſimo. Era vulg.

Depois diſto, na nobre Cidade de Coimbra acclamado Rei no anno do Senhor 1385; ſuſtentou guerras admiraveis pela ſua propria peſſoa, e pelos ſeus Chéfes bellicoſos; e invadindo as terras, e dominios de ſeus inimigos muitas vezes, triunfou glorioſamente, com eſpecialidade na grande victoria

Era vulg. verdadeiramente Real, que ganhou junto a este Mosteiro, aonde este Rei invicto, pelo esforço de Deos Omnipotente, vigorosamente rechaçou a D. Joaõ, Rei de Castella, com as grandes forças unidas de seus vassallos, de muitos de Portugal, e outros Estrangeiros, que trazia em seu soccorro; e muitas das Praças, e terrenos deste Reino já sobmettidos ao poder dos contrarios, elle as recuperou á força de armas, e os defendeo até ao ultimo termo da sua vida. Reconhecendo, que a Deos, e a sua Mãi gloriosissima, Maria Virgem Nossa Senhora deveo a victoria prodigiosa, que conseguio no mez de Agosto, e Vigilia da Assumpçaõ, mandou edificar em seu louvor este Mosteiro, entre os de Hespanha singular, e decente. Desejoso, de que só a Deos se désse honra, e gloria, e que tanto pela sua Essencia, ou pela sua Grandeza só elle fosse conhecido, decretou que a Éra de Cesar, que do tempo dos seus Predecessores se usava nas Escrituras públicas, fosse abolida, e dahi em diante se usasse do an-

anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto. Foi iſto na Éra de Ceſar 1460, que correſpondeo ao anno do Senhor 1422. Era vulg.

Eſte Rei feliciſſimo, que achou o Reino naõ menos infeſtado dos vicios, que dos inimigos, elle o expurgou, elle extirpou as maldades uſadas com diligencias ſaudaveis, pelos ſeus proprios actos virtuoſos: as probidades honeſtas elle fez, que as brotaſſem os campos deſtes Reinos: ambicioſo por propagar a paz entre os Chriſtãos, antes da ſua mórte a conſeguio perpetua para ſi, e para os ſeus Succeſſores. Abrazado no ardor da Fé eſte Chriſtianiſſimo Rei, acompanhado do Sereniſſimo Infante D. Duarte, ſeu filho, e herdeiro, e dos Infantes D. Pedro, D. Henrique, e do Conde de Barcellos D. Affonſo, tambem ſeus filhos, rodeado do poder dos ſeus vaſſallos impavidos em muita copia, que embarcáraõ em huma armada numeroſa, que paſſava de 220 navios, dos quaes a maior parte eraõ náos groſſas, e grandes galés, elle navegou a Africa; e

Era vulg. no mesmo dia, em que pisou a sua terra, em huma dura peleija expugnou, e metteo debaixo do jugo do seu poder a nobre, e fortissima Cidade de Ceuta; e depois sitiada a mesma Cidade, dizem que por cem mil Agarenos Ultramarinos, e pelas trópas del Rei de Granada, elle a mandou soccorrer pelos seus illustres filhos o Infante D. Henrique, o Infante D. Joaõ, o Conde de Barcellos, e outros Fidalgos generosos; os quaes Agarenos, levantando o sitio, muitos foraõ passados á espada, a sua armada sobmergida, queimada, e prisioneira, e livre a Cidade de Ceuta, que desoito annos, menos oito dias, no anno do Senhor 1433 na Vigilia da Assumpçaõ da Virgem Maria, fortemente a presidiou contra os insultos bellicos, fortes, e multiplicados dos Agarenos.

Nos preditos mez, e Vigilia este Rei gloriosissimo, na Cidade de Lisboa, presentes seus filhos, e muitos Fidalgos, felizmente acabou a vida mortal, deixando a notavel Cidade de Ceuta debaixo do poder do muito Al-

to,

to, e muito Poderoſo D. Duarte, ſeu filho, que imitando os esforços viris de ſeu pai, proſperamente a governa na meſma Fé, e auſpicios de Jeſus Chriſto. Eſte meſmo excellentiſſimo, e virtuoſiſſimo Rei D. Duarte trasladou com honorificencia o corpo do chriſtianiſſimo Rei ſeu pai, ſendo preſentes ſeus irmãos, o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e Senhor de Monte-Mór; o Infante D. Henrique, Duque de Viſeo, Senhor da Covilhan, Meſtre da Ordem de Chriſto; o Infante D. Joaõ, Condeſtavel de Portugal, Meſtre da Ordem de Sant-Iago; o Infante D. Fernando, e D. Affonſo, Conde de Barcellos, filhos do dito Rei D. Joaõ, que ao tempo da ſua mórte naõ tinha outros, além de duas filhas, das quaes huma era a Infante D. Iſabel, Duqueza de Borgonha, Condeça de Flandres, e de outros Ducados, e Condados; e a outra D. Brites, Condeça de Hontinto, e Arondel, que ambas eſtavaõ nas ſuas terras. D. Joaõ tinha netos, que aſſiſtíraõ á ſua trasladaçaõ, D. Affonſo, Conde de Ourem, Era vulg.

Era vulg. rem, e D. Fernando, Conde de Arrayolos, filhos do Conde de Barcellos: era mais seu neto o Infante D. Affonso, primogenito de D. Duarte, e contados ao tempo da sua mórte os netos, e bisnetos, que tinha, por todos eraõ vinte.

Assistíraõ tambem a esta trasladadação todos os Bispos das Cathedraes do Reino, e outros muitos, com huma cópia numerosa de Clerigos, e Religiosos; e tambem estiveraõ presentes os Donatarios, os Fidalgos, e os Procuradores das Cidades, e Villas. Foi conduzido o corpo venerabilissimo a este Mosteiro no anno sobredito do Senhor, e collocado na Capella Maior com o da Excellentissima, honestissima, e chistianissima D. Filippa, sua unica mulher, e mãi dos sobreditos Rei D. Duarte, Infantes, e Duquezas. No anno seguinte porém, e dia 14 de Agosto os ditos corpos del Rei, e Rainha D. Filippa foraõ trasladados com grande honra pelo Rei D. Duarte, Infantes, e Condes para esta Capella, que mandou edificar para sua sepultura.

ra. A esta deducçaõ assistíraõ a Altissima, e Excellentissima Princeza D. Leonor, Rainha destes Reinos, e a Infante D. Isabel, Duqueza de Coimbra, e a Infante D. Isabel, mulher do Infante D. Joaõ, e a maior parte dos Senhores, e Fidalgos desta terra, que estiveraõ presentes ás sepulturas dos preditos Senhores Rei, e Rainha, aos quaes Deos pela sua misericordia, e piedade conceda felicidade sem fim. Amen. Era vulg.

CAPITULO VI.

Das Mercês, e Obras, que El-Rei D. Joaõ I. fez no discurso do seu feliz Governo.

ESTE Rei pio, todo da Religiaõ, os primeiros objectos para que a sua liberalidade abrio as mãos foraõ os Templos consagrados a Deos: munificencia, que continuou do tempo da batalha de Aljubarrota até ao fim da sua vida. Ganhada aquella victoria, repartio pelas Igrejas principaes os des-

po-

Era vulg. pojos mais precioſos della, diſtinguindo entre todas a do Moſteiro de Alcobaça, aſſim como elle entaõ o fizera nos ſerviços. Do muito que repetidas vezes deo á Igreja de Noſſa Senhora da Oliveira de Guimarães, tenho eu dito no diſcurſo deſta Hiſtoria; e depois da primeira romaria em acçaõ de graças por aquella victoria, quando a Senhora o livrou da mordedura de hum caõ damnado, elle a repetio com outra ſemelhante offerta, que foi peſar-ſe armado a prata. Antes da ſua primeira entrada em Caſtella, fez terceira vez a meſma jornada, quaſi a pé de grandes diſtancias, e entaõ lhe votou o valor das ſuas armas, que logo ſatisfez. Os muitos embaraços lhe obſtáraõ obſequio ſemelhante para marchar com o ſeu ſoccorro á expediçaõ de Ceuta; mas quando voltou della foi gratificar á Senhora a multidaõ de beneficios, que lhe fazia, augmentando á ſua Igreja os privilegios, ſempre obſervados ainda nas occaſiões do maior aperto.

As mercês, que fez ao Condeſtavel, e

e a muitos dos valerosos Officiaes, que com elle se acháraõ na batalha, deixo eu referidas nos seus lugares. Semelhante liberalidade usou na occasiaõ do casamento de seu filho D. Affonso com a filha do mesmo Condestavel, e a repetio muitas vezes com o Doutor Joaõ das Regras, naõ só estimando nelle, como em bom letrado, as Sciencias, mas remunerando-lhe os serviços, que foraõ relevantes, os que lhe fez este bem affortunado homem. Como El-Rei tanto attendia os benemeritos, Joaõ Rodrigues de Sá, que o era entre os mais distinctos, tambem o veio a ser nos premios, naõ só no distinctivo honroso de Joaõ Rodrigues de Sá o das galés, por haver recebido 15 feridas na defensa dellas; mas com a mercê de Alcaide Mór do Porto para si, e seus descendentes, com o Senhorio de muitas Villas, e com o emprego de seu Camareiro Mór, que se entende principiou nelle. Entre outras, que fez ao grande Conde D. Pedro, o criou Conde de Villa-Real, e pelas suas representações despachou Era vulg.

á

Era vulg. á proporçaõ a todos os homens, que ſe diſtinguiaõ em Ceuta, naõ o embaraçando a ingratidaõ para deixar de honrar as outras virtudes, como várias vezes foi viſto nas peſſoas do Prior do Crato, Alvaro Gonçalves Camello, de Joaõ Affonſo Pimentel, de Joaõ Fernandes Pacheco, de Martim Vaſques da Cunha, e outros muitos.

Na tomada de Ceuta deo todas as riquezas importantiſſimas do ſeu Caſtello a Antaõ Vaſques de Almada, que nelle arvorára a bandeira Real. A Martim Affonſo de Mello, além de muitas doações, fez mercê da Alcadaria Mór de Evora, e dos bens dos Deſertores Joaõ Fernandes Pacheco, e Diogo Gomes de Avreo. Sería contar hum número monſtruoſo, ſe eu houveſſe de referir todos os vaſſallos favorecidos, e remunerados por eſte grande Rei. O meſmo experimentáraõ nelle os Eccleſiaſticos dignos, com eſpecialidade os dous Arcebiſpos de Braga D. Lourenço, e D. Fernando da Guerra; o meſmo muitas das Cidades, e Villas do Reino, ſobre todas Lisboa,

e

e o Porto. Os Titulos, que criou foraõ os Ducados de Coimbra, e Viſeo para os dous Infantes D. Pedro, e D. Henrique. Fez Conde de Arrayolos ao Condeſtavel D. Nuno, que o acceitou com a condiçaõ do Rei naõ nomear outro em ſua vida, para fazer ſingular o ſerviço com a raridade do premio: Conde de Barcellos a ſeu filho D. Affonſo com conſentimento do Condeſtavel ſeu ſogro: Conde de Ourem a D. Affonſo pela renuncia do meſmo Condeſtavel ſeu Avô: a D. Fernando, tambem neto de ambos, Conde de Viana, que o foi de Ailon em Caſtella: Conde de Villa Real a D. Duarte de Menezes, que o fora de Viana.

Em quanto ás Fundaçóes del-Rei D. Joaõ, a primeira de que temos noticia foi a nova Igreja, que mandou fazer a Noſſa Senhora da Oliveira de Guimarães, em reconhecimento da ſua protecçaõ na batalha de Aljubarrota, de que dá larga noticia o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha. Em memoria da meſma acçaõ, e no campo da batalha, fundou com eſte nome o Convento dedi-

ra vulg. dicado a Noſſa Senhora da Victoria, taõ ſumptuoſo, e magnifico, como o deſcrevem o Conde da Ericeira na vida deſte Rei, e Fr. Luiz de Souſa na primeira Parte da *Hiſtoria de S. Domingos*. Aos Religioſos deſte Patriarca entregou El-Rei o ſeu Moſteiro, e daqui em diante, além deſta doaçaõ, lhes fez a dos ſeus Paços, e quinta de Bemfica para fundarem hum Convento, havendo já concorrido com o Biſpo do Porto, D. Joaõ Eſteves da Azambuja para o do Salvador de Lisboa das ſuas Religioſas, e permitio a fundaçaõ do ſeu Convento de Villa-Real. Aos meſmos Padres deo a Meſquita de Ceuta, aonde elle entrou depois de ganhar a Cidade, que lhes ſervio para fundarem hum Convento, aonde elles aſſiſtíraõ com edificaçaõ até o anno de 1575, em que El-Rei D. Sebaſtiaõ os mandou reſidir no da Santiſſima Trindade de Tangere.

Tambem foi obra do Rei D. Joaõ a renovaçaõ da Igreja de Noſſa Senhora da Eſcada, junto a S. Domingos de Lisboa, de quem era muito devoto.

Fun-

Fundou o Convento da Carnota, perto de Alenquer, que entregou aos Religiosos de S. Francisco, e lhe deo doze columnas de jaspe, que trouxe de Ceuta, e ainda hoje enfeitaõ o clausstro do mesmo Convento. Edificou os de S. Francisco de Leiria, e o de Penha-Longa, que diz Duarte Nunes fora o primeiro, que neste Reino tiveraõ os Monges de S. Jeronymo. Tambem foi obra sua o Convento de Santa Clara do Porto, para onde se trasladáraõ as Freiras de Entre-ambos-os-Rios; e quando a occurrencia de tantas guerras, gastos, e despezas enormes parecia, que tinhaõ consummido os Erarios, em tantos Edificios santos se mostravaõ aos olhos renascidos os thesouros. Elle fez a Capella Mór da Sé de Lisboa, e porque naõ a vio acabada na ultima visita, que foi fazer ao Martyr S. Vicente, mandou avaliar a importancia do que faltava, e a entregou logo ao Cabido, ordenando se acabasse a obra. Elle admittio no Reino os Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista, que chamamos Loyos, di-

Era vulg.

Era vulg. dizem que da Ermida de Santo Elegio, que El-Rei lhes déra para a ſua primeira Caſa, e alguns entendem fora mercê do Infante D. Pedro feita no anno de 1420.

Elle fundou mageſtoſos os quatro Palacios de Lisboa, Santarem, Sintra, e Almeirim, que hoje exiſtem, menos o de Lisboa, que arrazou o terremoto do primeiro de Novembro de 1755, e além delles, muitas Caſas de campo, e a Rua nova da Cidade do Porto; obra taõ correſpondente á grandeza do ſeu animo, e tanto do ſeu agrado, que lhe chamava a minha Rua formoſa. Elle inſtituio o Tribunal da Relaçaõ, de que nomeou Regedor o eſtimavel Arcebiſpo de Braga, D. Fernando da Guerra, entaõ Biſpo do Porto, que nas ſuas qualidades ſublimes deſempenhava as obrigações do ſangue Real de ſeus biſavôs os Reis D. Pedro, e D. Ignez de Caſtro. Em fim, elle erigio a Metropolitana a Sé de Lisboa, como deixo dito: tudo lembranças, monumentos, que conſervaõ nas memorias immortal o nome deſte

gran-

grande Rei, Libertador magnanimo da Pátria. Era vulg.

CAPITULO V.

Resumo das Cortes, que celebrou, e das Embaixadas, que El-Rei D. João I. mandou a vários Principes, com a noticia de algumas Leis, que fez.

A MULTIDAÕ, e gravidade dos negocios, que occorrêraõ no reinado longo de D. Joaõ, e a condescendencia affavel deste Principe, o obrigavaõ a naõ os decidir sem o consentimento pleno dos seus Póvos na Assembléa das Cortes, que convocou muitas vezes. Para o da maior importancia, que era a conservaçaõ da liberdade do Reino, sendo elle seu Regente, celebrou em Coimbra as primeiras, de que eu já fallei no Tomo antecedente, correndo o anno de 1385, e nellas foi o mesmo Principe acclamado Rei. Na mesma Cidade as tornou elle a convocar successivamente nos annos de 1394, 1395, e 1396, havendo

Era vulg. do já feito outras em Braga no de 1387, e depois outras tambem em Coimbra no de 1598: todas ellas para o fim de regular as emprezas militares, a impoſiçaõ dos tributos, e as mais occorrencias de huns tempos criticos, e calamitoſos.

Em Lisboa repetio as meſmas Aſſembléas nos annos de 1389, no de 1430, no de 1432, e no de 1433, em que falleceo. Em Evora as fez celebrar no anno de 1391, e no de 1408. Precedêraõ a eſtas as de Leiria em 1401, aonde foi jurado o Infante D. Duarte, por mórte de ſeu irmaõ o Infante D. Affonſo: em Viſeo no de 1391, e no de 1392: em Eſtremoz no de 1416: em Guimarães no de 1401: em Santarem no de 1392, no de 1400, no de 1403, e no de 1418: em Elvas no de 1399, além de outros ajuntamentos dos Póvos, que apontaõ, e naõ individuaõ os noſſos Eſcritores, e ſe achaõ em vários regiſtos das Camaras do Reino, que mereceo tantas attenções ao ſeu Principe para nada emprehender ſem a approvaçaõ dos ſeus Eſtados.

Co-

Como a importancia dos mesmos negocios de hum Reino desarmado, investido pelo Rei de Castella muito poderoso, e com os animos dos mesmos naturaes divididos, necessitava fazer negociações, contrahir allianças, e formar Tratados com os outros Principes da Europa; El-Rei D. Joaõ se servio de muitos Ministros habeis, que em toda a vida de seu Amo promovêraõ as felicidades da Pátria, e conserváraõ a reputaçaõ da Monarquia em todas as occasiões, que eu passo a referir. Sendo D. Joaõ eleito Regente do Reino, quando era Mestre de Avís, e vendo que a disciplina militar estava delle desterrada (descuido já mais desculpavel nos Estados (elle se resolveo mandar a primeira Enviatura a Ricardo II., Rei de Inglaterra, no anno de 1383, em que pelo seu Ayo Lourenço Martins, que o havia criado, e depois foi Alcaide Mór de Leiria, e pelo Inglez Thomáz Daniel lhe pedio permissaõ para os seus Officiaes, e soldados aguerridos, que quizessem servillo, passassem a Portugal, o que Era vulg.

Era vulg. aquelle Monarca lhes concedeo livremente, e dahi em diante conſervou com elle correſpondencia effectiva.

Immediata á partida deſtes homens, que hiaõ como huns batedores de campo obſervar as diſpoſições da Corte de Londres; D. Joaõ determinou mandar a ella com poderes plenos peſſoa de alta graduaçaõ, que authoriſaſſe os negocios com a qualidade. Eſcandaliſado da Rainha D. Leonor, havia paſſado para o ſeu ſerviço D. Fernando Affonſo de Albuquerque, Meſtre da Ordem de Sant-Iago, que era cunhado dos Condes de Barcellos, e de Neiva, irmãos da Rainha. Juſtamente pôz o Regente os olhos neſte Fidalgo para Embaixador; porque ao meſmo tempo lhe moſtrava a confiança, que fazia delle, e alongava da Corte homem tamanho, e taõ alliado com a ſua maior inimiga, que poderia ſer prejudicial aos ſeus intereſſes ſe mudaſſe caſaca. Com politica igual lhe nomeou por ſocio a Lourenço Annes Fogaça, Chanceller Mór do Rei D. Fernando, que havia ſervido á meſma Rainha, e a ſeu genro

ro o Rei de Castella. O Regente fez a ambos honras distinctas, moveo-os com razões tocantes, e os persuadio a confiança que tinha de lhe serem vantajosos na negociação, hum pela sua grande qualidade, o outro pelos seus vastos talentos. Era vulg.

Os Officios desta Embaixada se reduzírão a dar parte ao Rei, como os Póvos de Portugal escandalisados do de Castella pela rotura do Tratado do seu casamento com a Infante D. Brites, pela violação abominavel do Direito das Gentes, e da Hospitalidade na prisão dos Infantes D. João, e D. Diniz, se determinárão a elegello Defensor do Reino: que lhe ponderava os perigos de Inglaterra, se Portugal se unisse á Coroa de Castella, e a impossibilidade do Duque de Lancastro entrar na posse daquelle Reino, que lhe pertencía por sua mulher: que este Principe estava na situação mais propria de fazer valer o seu direito, se unisse as suas forças com as delle Regente: que lhe pedia deixasse nos seus Reinos allistar ao seu soldo alguns soldados ve-

Era vulg. lhos para incorporar na trópa Portugueza, e que conviesse em huma liga offensiva, e defensiva entre os dous Estados. Nós vimos no corpo da Historia os effeitos felices desta negociaçaõ.

Para a dispensa da sua illegitimidade, e votos de Religiaõ, mandou a Roma tres Embaixadas successivas depois de ser acclamado Rei. Á primeira foraõ mandados D. Joaõ, Bispo de Evora, e Gonçalo Gomes da Silva, que pedíraõ a dita Dispensa ao Papa Urbano VI., que a concedeo; mas enganado pelos inimigos do Rei com o fundamento, de que a graça era opposta ao gosto do Rei de Inglaterra, naõ a deixou expedir. Tornáraõ a repetir as instancias os mesmos Ministros, novamente acompanhados de Joaõ Affonso da Azambuja, e naõ podéraõ desabusar o Papa da primeira suggestaõ. Porém morto Urbano, e succedendo no Pontificado Bonifacio IX., lhe mandou El-Rei por Embaixadores ao mesmo Joaõ Affonso da Azambuja, já entaõ Bispo de Sylves, e a Joaõ Rodrigues

gues de Sá, que trouxeraõ a graça, Era vulg.
correndo o anno de 1390.

Na occasiaõ da chegada do Duque de Lancastro a Galliza, o mandou comprimentar por Vasco Martins de Mello, e por Lourenço Annes Foçaga, que viera com elle na Armada Portugueza, que se mandára para o conduzir; e no anno de 1385 tornáraõ a ir da sua parte o Arcebispo de Braga D. Lourenço, o mesmo Vasco Martins, e Joaõ Rodrigues de Sá pedir ao Duque para esposa sua filha D. Filippa, que por elles foi conduzida a Portugal no principio do anno seguinte. Com o caracter de Enviado mandou ao Doutor Gil Docem queixar-se ao dito Duque do embaraço, que se dizia punhaõ de Inglaterra á expediçaõ da sua dispensa, que fez evidente a El-Rei ser huma impostura maquinada pelos seus inimigos.

Em 1387 recebeo elle segundos Enviados de Genova a respeito de duas náos da sua République, que foraõ represadas no rio de Lisboa no tempo do sitio, e pediaõ a restituiçaõ do valor

dos

Era vulg. dos generos, que lhes haviaõ tomado. Se na primeira repreſentaçaõ a neceſſidade os ſatisfez com huma reſpoſta affavel; neſta ſegunda rompeo o primor por todos os obſtaculos, e ſe pagáraõ aos Genovezes 60ↀ000 dobras, em que as ſuas mercadorias foraõ avaliadas.

Recebeo El-Rei em 1389 os primeiros Embaixadores de Caſtella, que foraõ Fr. Fernando de Ilheſcas, Confeſſor del Rei, os Doutores Antaõ Sanches, e Pedro Sanches, que ajuſtáraõ huma ſuſpenſaõ de armas. No dito anno os meſmos Miniſtros ampliáraõ a trégoa, que por parte do Rei de Portugal aſſináraõ o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, e Lourenço Annes Fogaça.

Os Tutores do novo Rei de Caſtella D. Henrique III. na ſua menoridade, enviáraõ Plenipotenciarios a Portugal a D. Joaõ, Biſpo de Ciguença, a Pedro Lopes de Ayala, e ao Doutor Antonio Sanches, que conferíraõ, e ajuſtáraõ os Artigos da primeira paz limitada até certo tempo com o ſobredi-

dito Prior do Crato, e com o Doutor João das Regras. Foi esta a trégoa de quinze annos, que se naõ cumpríraõ, e El-Rei D. Joaõ despicou com a tomada de Badajóz. Era vulg.

Depois della mandou o mesmo Principe a Castella justificar-se com os motivos desta represalia por Affonso Vasques, Commendador de Horta-Lagoa; mas naõ sendo elles admittidos, se renovou a guerra. No anno de 1399, hum depois da tomada de Tuy, pensáraõ melhor os Ministros de D. Henrique, que enviou a Portugal ao Condestavel Ruy Lopes de Avalos, a D. Lourenço Soares de Figueiroa, Mestre de Sant-Iago, a Micer Ambrosio, Genovez, ao Doutor Pedro Sanches, que nada concluíraõ pela exuberancia das suas pretenções nas conferencias, que tiveraõ com o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, com D. Joaõ Affonso da Azambuja, entaõ Bispo de Coimbra, e com os famosos Jurisconsultos Alvaro Pires Escolar, e Ruy Lourenço.

Continuou a guerra com semblante dif-

Era vulg. differente pela pouca vantagem da expediçaõ de Alcantara, que se diz na Historia, e depois della resolveo El-Rei D. Joaõ mandar a Castella os Plenipotenciarios D. Joaõ Affonso da Azambuja, já Arcebispo de Lisboa, a Joaõ Vasques de Almada, e ao Doutor Martim Docem, que passados muitos debates, ajustáraõ a trégoa de dez annos.

Por occasiaõ da morte de Ricardo II. mandou El-Rei por seus Embaixadores a Inglaterra o Alferes Mór Joaõ Gomes da Sylva, e o mesmo Martim Docem, que confirmáraõ, e ampliáraõ com Henrique IV. as condiçoẽs da alliança, correndo o anno de 1404. Entaõ se ajustou o casamento do Conde de Arondel com D. Brites, filha natural del Rei, e se celebráraõ as vodas no seguinte de 1405.

Nada resultou da Embaixada de D. Joaõ Affonso de Azambuja, de Martim Affonso de Mello, e do Doutor Gil Martins, quando no anno de 1408 a Rainha de Castella D. Catharina na menoridade de seu filho o Rei D. Joaõ II.

II. quiz ajuſtar huma paz indigna da magnanimidade Portugueza, entaõ mais altiva pela grandeza dos ſeus triunfos. Porém repetidas pela Rainha as inſtancias, e moderadas as condições, tornou El-Rei a enviar Joaõ Gomes da Sylva, Martim Docem, e Fernaõ Gonçalves Beliagoa, que no anno de 1411 ajuſtáraõ huma paz, que duraria até o de 1434. Era vulg.

D. Fernando de Caſtro, e o memoravel Heróe Alvaro Gonçalves de Ataide, primeiro Conde de Atouguia, foraõ Embaixadores del Rei no Concilio de Conſtança pelos annos de 1412, ou 1413, aonde ſe conduzíraõ com a piedade, religiaõ, e delicadeza, que nos indicaõ pennas eſtrangeiras menos eſcaças, que as noſſas, nos elogios dos Portuguezes benemeritos.

Entrou El-Rei no projecto da conquiſta de Ceuta, e para cobrir a idéa, quando quiz ſaber o eſtado da Praça, fez embarcar ao Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, e Affonſo Furtado, General da Armada, com o caracter de Embaixadores (ſendo eſ-

piões

Era vulg. piões de Ceuta) a D. Branca, Rainha viuva de Sicilia, para lhe reprefentarem da fua parte, que naõ podia acceitar o cafamento, que ella lhe propozera da fua Real peffoa para feu filho o Infante D. Duarte, por eftar antes embaraçado com a mefma negociaçaõ em outra Corte; mas que lhe offerecia a feu filho fegundo o Infante D. Pedro, que a Rainha naõ quiz acceitar com defculpas politicas, que denotavaõ as fublimidades do decóro da Mageftade menos bem empregadas em quem naõ havia cingir a Coroa.

No corpo da Hiftoria deixo eu largamente referidas as Embaixadas, que El-Rei, para disfarfar a expediçaõ de Ceuta, mandou no anno de 1414 ao Duque de Borgonha por Fernaõ Fogaça, Vedor da Cafa do Infante D. Duarte: as que recebeo, e com que focegou os fuftos, que o feu extraordinario armamento caufava aos Reis de Caftella, Aragaõ, e Granada.

CA-

CAPITULO VII.

Era vulg.

Continúa a materia do Capitulo precedente depois da conquiſta da Cidade de Ceuta.

RENDIDA com gloria immortal da Naçaõ Portugueza a famoſa Cidade de Ceuta, immediatamente mandou El-Rei dar parte deſta felicidade a D. Fernando, Rei de Aragaõ, primeiro por Joaõ Eſcudeiro, ſeu criado, e pouco depois por Alvaro Gonçalves da Maya, Védor da Fazenda do Porto, com o caracter de Miniſtro, offerecendo-lhe a Praça para quartel das trópas Aragonezas, ſe juntamente com as ſuas, ou ſeparado dellas, quizeſſe emprehender a conquiſta do Reino de Granada. A meſma civilidade uſou com o Rei de Caſtella; mas nós ignoramos quem foſſe o Emiſſario deſta nova.

Em 1418 foraõ a Caſtella ratificar a paz de 1411 Joaõ Gomes da Sylva, Martim Docem, e Fernaõ Gonçalves Beliagoa; mas os Tutores deſculpáraõ

a

Era vulg. a falta da ſua condeſcendencia com a menoridade do Rei, que o inhabilitava para firmar a ratificaçaõ do ſeu punho. No ſeguinte, em que o Rei cumpria os 14 annos, foraõ enviados os ditos Miniſtros para o meſmo fim, e tiveraõ de tornar a recolher-ſe com a interlocutoria, de que a Corte de Caſtella mandaría á de Portugal a reſpoſta, que chegou depois de tres annos no de 1422, trazida por Affonſo Garcia, Deaõ de Sant-Iago, e por Joaõ Affonſo de Çamora. Entre eſtes Miniſtros, e os noſſos houvéraõ debates, que leváraõ mais de hum anno ſem mais deciſaõ, que a de ſe prolongar a paz ao meſmo ponto antes prefixo de 1434. Para a publicaçaõ deſte meſmo ajuſte, que fizeraõ em Portugal os dous Miniſtros de Caſtella, ordenou El-Rei, que a eſte Reino foſſem practicar o meſmo D. Fernando de Caſtro, e o Doutor Fernando Affonſo da Silveira, pai do primeiro Baraõ de Alvito D. Joaõ Fernandes da Silveira.

D. Pedro de Noronha, Arcebiſpo de Lisboa, com o caracter de Embai-

baixador extraordinario, partio para Aragaõ no anno de 1428. Encarregado de pedir ao Rei D. Affonſo V. para mulher do Infante D. Duarte a ſua irmã a Infante D. Leonor, que tambem o era de D. Joaõ, Rei de Navarra, e dos mais Infantes, filhos do Rei de Aragaõ D. Fernando, encontrando-o taõ inclinado a favor deſta alliança, que a ajuſtou ſem repugnancia, e o meſmo Arcebiſpo recebeo, e conduzio a Portugal a Infante. Era vulg.

Nomeou El-Rei no anno referido de 1428 a D. Alvaro, Biſpo de Sylves, e ao Doutor Fernando Affonſo da Silveira por ſeus Embaixadores á peſſoa de Filippe o Bom, Duque de Borgonha, para ajuſtarem com elle o ſeu caſamento com a Infante D. Iſabel, como ſe diz na Hiſtoria; e ao meſmo fim com igual caracter enviou elle á noſſa Corte no anno ſeguinte ao ſeu Camareiro Mór Adriano de Thoulogeon.

Por Martim Gonçalves de Ataide, e por Nuno Martins da Silveira, Fidalgos reſpeitaveis pela ſua grande autho-

Era vulg. thoridade, virtudes, e qualidade, mandou El-Rei em 1429 offerecer a ſua mediaçaõ ao Rei de Caſtella para compôr as differenças peſadas, que tinha com ſeus irmãos, havendo feito a meſma offerta aos Reis de Aragaõ, e Navarra, que nelle ſe compromettêraõ. Naõ eſtando eſtas dúvidas decididas em 1430, e obrigando o Rei de Caſtella a que a Rainha D. Leonor de Aragaõ, ſua ſogra, que eſtava recolhida em hum Moſteiro de Medina del Campo, vieſſe para Tordeſilhas, e lhe entregaſſe as Fortalezas, que tinha no ſeu Reino, ella ſe queixou a El-Rei de Portugal, ſeu tio, o que cooperou para ſe lhe dar ſatisfaçaõ, e entaõ o de Caſtella lhe mandou por Embaixadores ao ſeu Apoſentador Mór, D. Pedro Lopes de Ayala, e ao Doutor Diogo Gonçalves Franco, Ouvidor do Conſelho Real, que o vieraõ informar, como promettêra, dos motivos da diſcordia, que tinha com os ditos Reis de Aragaõ, e Navarra.

Deſejoſo El-Rei de fazer perpetua a paz, que tinha ajuſtado com Caſtella,

la, nomeou por ſeus Embaixadores no anno de 1431 a Pedro Gonçalves Malafaia, e a ſeu irmaõ Luiz Gonçalves, que achàraõ o de Caſtella prompto a partir para a guerra de Granada, ſem tempo para cuidar em outros negocios. Elles ſe offerecêraõ para o acompanhar naquella expediçaõ, e voltando depois da campanha, conſeguíraõ del Rei a paz vantajoſa, de que eu acabei de eſcrever o Tratado. **Era vulg.**

Como a diſcordia daquelle Rei com os de Aragaõ, e Navarra tinha chegado á ſituaçaõ mais critica com a priſaõ do Infante D. Pedro, que derrotou todo o ſoffrimento de ſeu irmaõ o Infante D. Henrique: o de Portugal mandou em 1432 por Embaixador a Caſtella ao meſmo Pedro Gonçalves Malafaya, que conſeguio a compoſiçaõ entre os Principes deſcontentes, e ſer entregue o Infante preſo ao noſſo Infante D. Pedro, que o fez conduzir por Nuno Martins da Silveira até ao Algarve, donde partio para Aragaõ. Ultimamente, no anno da mórte del Rei, que foi o de 1433, em que até

aqui

Era vulg. aqui temos fallado, diz Manoel Severim de Faria, que elle enviára a D. Luiz do Amaral, Bispo de Viseo, por seu Embaixador ao Concilio de Basiléa.

Pelo que respeita ás Leis, que promulgou El-Rei D. Joaõ I., eu lhe dou principio pela célebre Lei Mental. Vendo aquelle Principe, que os Reis anteriores no tempo da guerra haviaõ dado muitos bens da Coroa com grande damno do Estado, fez mentalmente huma Lei respectiva a este genero de bens, assim aos que já estavaõ dados, como aos que se dessem dahi em diante; e como esta Lei naõ ficou escrita, mas só feita segundo a vontade, e mente del Rei, por isso foi chamada Mental. El-Rei D. Duarte a mandou pôr na sua Chancellaria, e para dar limitaçaõ, e interpretaçaõ ás doações das terras, e bens da Coroa, fez assentar nella algumas addicções, e declarações, porque fossem determinadas as dúvidas, que podiaõ sobrevir á intelligencia das mesmas Doações, como se trata no Titulo 35 das Ordenações do Reino.

No

No tempo da primeira trégoa com Castella, El-Rei aconselhado pelo arbitrista João das Regras, promulgou algumas Leis para determinar as partilhas, que se haviaõ fazer nas prezas tomadas no mar, sobre que entaõ se moviaõ grandes contendas, e tudo ficou regulado com o bom discernimento, que referem Duarte Nunes, e Fernaõ Lopes. Era vulg.

Como nas nossas terras, que depois da mórte do Rei D. Fernando seguíraõ a voz de Castella, o seu Rei introduzio nellas muitos usos alheios dos costumes practicados naquelles tempos, especialmente no modo de processar, lançar as sentenças, e lavrar as Escrituras, o que tudo reduzia os Póvos ao estado de huma indifferença notavel: El-Rei com o parecer do seu conselho, mandou, que todos os negocios indecisos do tempo da entrada do Rei de Castella até entaõ, tornassem ao seu primeiro principio para serem julgados conforme a intelligencia dos Magistrados. Além desta Lei fez outras muitas, que naõ sahíraõ de al-

Era vulg. gumas Camaras, aonde ſe guardaõ os ſeus originaes.

Teve eſte Rei feliz a gloria de florecerem no ſeu ſeculo os homens mais aſſignalados em armas, que lhe firmáraõ na cabeça a Coroa, e enchêraõ de reputaçaõ o Reino. Entre elles ſe diſtinguem o Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, terror dos Caſtelhanos, exemplar de fidelidade, e tronco da Real Caſa de Bragança: o Conde D. Pedro de Menezes, que na defenſa de Ceuta obrou acções dignas da grandeza da ſua alma, eſtimado por hum dos primeiros Capitães do ſeu tempo, e Chéfe da illuſtre familia dos Marquezes de Villa-Real: Joaõ Affonſo Pimentel, que ſe paſſou a Caſtella, aonde deo origem a grande Caſa de Benavente: Joaõ Fernandes Pacheco, que no meſmo Reino foi progenitor dos Duques de Oſſuna, e Eſcalona: Lopo Vaſques da Cunha: Gil Vaſques, e Martim Vaſques, todos irmãos, que todos foraõ deſcontentes para Caſtella, aonde gozáraõ honras diſtinctas, e poſſuíraõ grandes Eſtados; aſſim como

mo Egas Coelho, que foi Conde de Montalvaõ, e D. Pedro Alvares Pereira, Meſtre de Calatrava. Igualmente valeroſos, e diſciplinados foraõ Alvaro Pereira, Vaſco Annes Corte-Real, Ruy Pereira, Mem Rodrigues de Vaſconcellos, Joaõ Rodrigues de Sá, os doze Defenſores das Damas Inglezas, e outros muitos, que ficaõ nomeados no diſcurſo deſta Hiſtoria. Era vulg.

LIVRO XXV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e acções de D. Duarte, XI. Rei de Portugal.

Era vulg. CONTAVA D. Duarte quarenta e dous
1433 annos, quando ſuccedeo no Reino a ſeu grande pai, dotado de virtudes, que podiaõ formar hum Rei eſpecioſo; mas as qualidades raras, que moſtrava ſendo Principe, de nada lhe aproveitáraõ nas emprezas depois de Soberano. Muito era o ſeu valor com deſgraças alheias, que fizeraõ ter a D. Duarte por infortunios o valor dos outros. Elle governou cinco annos rodeado de calamidades, que a Providencia a ſeus tempos reparte pelos Eſtados florecentes, para que a muita proſperidade naõ os deſvaneça. Taes foraõ os golpes deſcarregados no intervallo breve

do

do ſeu reinado, principalmente o da peſte, que como ſombra do ſeu corpo acompanhou o reſto da vida deſte Rei, ſem nos fazer eſpecie o cumprimento do vaticinio do Judeo Aſtrologo, que no acto da proclamaçaõ ſe apreſentou no meio da Aſſembléa, e pedio ao Rei quizeſſe retardar a ceremonia para evitar o encontro de huma conſtellaçaõ fatal, que preſidia naquelle meſmo ponto. El-Rei, com advertencia catholica, deſpreſou o agouro fundado em huma ſciencia taõ vã; menos tocado de ouvir ao Judeo, quando ſe retirava, que o ſeu reinado ſería breve, e infeliz, que ſenſivel á certeza, de que nos horoſcopos mentem os aſpectos dos Aſtros; que na Fé ſaõ infalliveis as doutrinas do Ceo. Era vulg.

Havia D. Duarte caſado, como fica dito, no anno de 1428 com D. Leonor, filha de D. Fernando I., Rei de Aragaõ, e della teve filhos: ao Infante D. Joaõ, que naſceo em Lisboa no mez de Outubro de 1419, e morreo menino: a Infante D. Filippa, que naſceo em Santarem a 27 de Novembro

Era vulg. bro de 1430, e morreo a 24 de Março de 1439: o Principe D. Affonso, primeiro de Portugal, que teve este titulo, e nasceo em Cintra a 15 de Janeiro de 1432, succedeo a seu pai: a Infante D. Maria, que nasceo no Sardoal a 7 de Dezembro de 1432, e morreo no dia seguinte: o Infante D. Fernando, Duque de Viseo, que nasceo em Almeirim a 17 de Novembro de 1433, casou com a Infante D. Brites, filha de seu tio o Infante D. Joaõ em 1447, e morreo em Setuval a 18 de Setembro de 1470, jáz com a Infante sua mulher no Convento da Conceiçaõ de Béja: a Infante D. Leonor, que nasceo em Torres Vedras a 18 de Setembro de 1434, e casou com o Imperador Frederico III. a 16 de Março de 1452, e morreo em Neustat a 3 de Setembro de 1467: o Infante D. Duarte, que nasceo em Alenquer a 12 de Junho de 1435, e naõ sabemos quando morreo: a Infante D. Catharina, que nasceo a 25 de Novembro de 1436, esteve desposada com D. Carlos, Principe de Navarra, depois com

Duar-

Duarte IV. de Inglaterra , e morreo em Santa Clara de Lisboa a 17 de Junho de 1463 , e jáz em Santo Eloy da mesma Cidade : a Infante D. Joanna , que nasceo posthuma em Março de 1439, casou com Henrique IV. de Castella em 21 de Maio de 1455 , e morreo a 13 de Junho de 1475 ; jáz em S. Francisco de Madrid. Era vulg.

De D. Joanna Manoel , que certo Escritor nos representa parente de sua muher a Rainha D. Leonor, teve D. Duarte bastardo a D. Joaõ Manoel, que se distinguio na guerra de Africa, e voltando ao Reino se fez Frade do Carmo , donde sahio pouco depois para ser Bispo de Ceuta. El-Rei D. Affonso V. o quiz na Corte pela estimaçaõ, que fazia dos seus conselhos , e o tomeou seu Capellaõ Mór. D. Joaõ Manoel he tronco das familias deste appellido, que vem dos filhos, que elle teve da célebre Justa Rodrigues , dos quaes diz com desembaraço hum dos nossos Poetas : Que Justa Rodrigues justára com hum Frade Carmelita , e desta Justa maldita muitos Manoeis deitára.

Com

Era vulg. Com razaõ eſperava Portugal foſſe feliz o tempo de hum Principe, que na perſpicacia do juizo, e ſublimidade do talento, que ſe lhe deſcobrio na mininice, parecia hum vaticinio infallivel da cultura das ſciencias, e da protecçaõ dos ſábios, que o diſtinguiriaõ entre os Principes ſeus Predeceſſores. De dez annos de idade fora elle jurado Succeſſor da Coroa a 22 de Março de 1401 nas Cortes celebradas em Leiria; moſtrando no probgo do Reinado futuro, que para mer:cer a Coroa lhe era deſneceſſaria a dejendencia da fortuna. Levado da emulaçaõ glorioſa de ſer herdeiro, aites das virtudes, que dos dominios de ſeu grande pai, imitou delle a ſua prinogenita, que era o valor, de que leo argumentos illuſtres na tomada de Ceuta, como em ſeu lugar fica dito. Sobre eſtas bazes conſtantes firmava lortugal as ſuas eſperanças no novo Lei, que ſe deteve alguns dias em Belén depois da ſua acclamaçaõ, aonde :hegou de Coimbra o Infante D. Pdro, que lhe beijou a maõ, e reconleceo

por

por ſeu Soberano. Immediatamente ſe Era vulg. ſeguio a convocaçaõ dos Eſtados em Sintra, e nelles foi reconhecido o Principe D. Affonſo por herdeiro preſumptivo do Reino.

Eſtas duas ceremonias precedêraõ á pompa funebre do Rei defunto, que deixo referida, e conſummada ella, a Corte foi para Leiria por cauſa do mal contagioſo, que já principiava a affligir o Reino. Neſta Cidade celebrou 1434 elle as Cortes, em que foi determinado ſe ajuntaſſem em hum Codigo as Leis, que ſe deviaõ obſervar nos ſeus Dominios, e até entaõ ſe naõ ſeguiaõ com igualdade em todos os Tribunaes, aonde cada qual ao ſeu arbitrio fazia huma juriſprudencia particular. Por eſte Codigo ſujeitou El-Rei os Miniſtros á meſma régra, e lhes inſpirou o meſmo eſpirito nos deſpachos, que eraõ obrigados a dar. Elle ajuntou a eſta Lei geral outra particular, que moderou os exceſſos do luxo nos veſtidos, e nas mezas, tudo regulado pelas qualidades dos naſcimentos dos homens; e para que o exemplo ſerviſſe

ao

Era vulg. ao Povo de Lei mais forte, a ſua obſervancia principiou pela Caſa Real, e pela Corte.

Por eſte tempo ainda governava Ceuta na auſencia do Conde D. Pedro, que eſtava em Portugal, ſeu filho D. Duarte de Menezes, ſempre deſejoſo de avançar a ſua reputaçaõ em feitos honroſos. Em quanto ſeu pai entretinha na Corte a ſua velhice com os pra-
1434 zeres das quartas vodas, que contrahio com huma filha do Almirante Manoel Paçanha, elle teve por digna da ſua corage a empreza de ſobprender o lugar de Bobdim, donde eſperava cativos, e deſpojos. Com eſte deſignio ſahio huma noite da Praça, e por mais que forçou a marcha naõ pode chegar ao lugar, ſenaõ de dia. Eſtavaõ deſprevenidos os Mouros, que ſahiaõ das caſas a morrer, ou a ſer preſos nas ruas; mas os ligeiros na fuga deraõ aviſo da ſua deſgraça aos viſinhos, que corrêraõ para deſpicarem a injúria, e reſtaurarem a preza na retirada de D. Duarte. Elle a fez com deſembaraço militar, ſuſtentando huma eſcaramuça con-

continuada em todo o caminho até á Praça, aonde recolheo os prisioneiros, e despojos sem diminuiçaõ no número. Era vulg.

Depois deste successo chegou de Portugal o Conde para continuar em Ceuta o seu diuturno governo, corridos já tres espaços de tempo bastante para tres vezes se naturalizar Africano. Com tres náos crusava aquelles mares o valeroso Alvaro Vaz de Almada, que na forma do seu Regimento, veio aportar a Ceuta, aonde o Conde o hospedou em sua casa. Hum dia, quando elles, e outros Fidalgos jantavaõ, as Atalaias do campo deraõ sinal de rebate, que o Conde estimou para satisfazer o desejo dos seus hospedes com hum prato tanto do seu gosto. Elles trocaõ a meza pela campanha, que achaõ coberta por 400 cavallos, e 2000 Infantes inimigos. Vellos, e atacallos foi tudo hum mesmo acto, e com tal valor de Alvaro Vaz de Almada, que como se quizesse para si só a gloria daquelle dia, se metteo pelo centro dos Mouros, esque-

ci-

Era vulg. cido de que neceſſitava de mais braços para ſegurar a victoria. O Conde, que o vio neſte perigo, como que prevendo tinha eſta de ſer a ultima acçaõ militar da ſua vida, elle lhe quiz pôr a Coroa, lançando-ſe aos barbaros com tal esforço, que naõ lhe podêraõ ſoffrer os golpes. Em breve eſpaço ſe vio o campo coberto de cadaveres inimigos, e derramado o terror, os bons cavalleiros moſtravaõ que o eraõ no bem, que corriaõ.

Satisfeito com eſta hoſpedagem ſe deſpedio Alvaro Vaz, quando chegavaõ outros invejoſos de agaſalho ſemelhante, que foraõ Ruy Dias de Souſa, filho do Meſtre de Chriſto D. Lopo Dias, e Gonçalo Rodrigues de Souſa, filho do bravo Ruy de Souſa, que na conquiſta deſta Praça obrou as façanhas, que eu deixo contadas. Elles inſtavaõ ao Conde naõ os quizeſſe deſigualar de Alvaro Vaz com lhes negar huma occaſiaõ, em que podeſſem aſſignalar o ſeu valor. O Conde para os ſatisfazer, mandou a Martim da Camara, que com alguns companheiros foſ-

ſe

ſe eſpiar huma Aldea junto a Tetuaõ, e voltaſſe a informallo do eſtado della para diſpôr a expediçaõ, que ſe fazia reſpeitavel pela viſinhança de huma Cidade taõ forte. A informaçaõ foi como ſe podia deſejar, e deſtinado para a empreza D. Duarte, que marchou com os Fidalgos, e Cavalleiros da Praça. Antes que elles chegaſſem ao lugar, foraõ ſentidos de hum Mouro, que dormia no campo, e correo a dar aviſo da noſſa marcha. Era vulg.

Nada embaraçou a noſſa cavallaria, que entrou eſpada em maõ, ſem diſtinguir ſexo, ou idade; e rebanhado quanto havia de eſtimavel, viemos encontrando na retirada muitos tropeços em magotes numeroſos de Mouros, que nos diſputavaõ o paſſo. D. Duarte, que queria ſalvar a preza, contentava-ſe com fazer ſemblante de inveſtir, e hia paſſando; mas tanto que a pôz ſegura em lugar vantajoſo, virando caras a dous mil Barbaros, que o perſeguiaõ, os fez em poſtas. Na retaguarda deſte marchava outro corpo, que indicava nos clamores o deſejo de me-

Era vulg. medir as armas; mas chegando ao lugar da primeira refrega, o horror de tantos corpos defcabeçados, outros feridos, e agonizantes, de fórte os fobprendeo, que parárão compaffivos, e fe retirárão covardes. Recolheo-fe D. Duarte carregado de gloria, e de defpojos, que feu pai veio receber fóra das portas da Cidade para fe recrear nas gentilezas do fubftituto do feu valor, que como elle faberia fervir a Pátria.

Quando em Ceuta fe paffavão eftas coufas, o Infante D. Henrique em Portugal não tinha ociofas as idéas dos feus defcobrimentos. Com as noticias, que no anno precedente lhe trouxera Gil Annes do Cabo Bojador, ficou elle tão fatisfeito, que nefte fe refolveo a mandallo em hum navio, e em outro o feu Copeiro, Affonfo Gonçalves Baldaya, para navegarem quanto lhes foffe poffivel além daquelle cabo. Elles o dobrárão, e corrêrão mais 30 legoas até huma Angra, que chamárão dos Ruyvos, em razão dos muitos peixes defta qualidade, que vírão nella. Saltan-

tando em terra achárao vestigios de homens, e rasto de animaes; mas nao podendo descobrir naquellas immediações huma, e outra especie, elles se recolhêrao ao Reino com estas noticias. O Infante, que as desejava mais miudas, no anno seguinte de 1435 os tornou a mandar á mesma paragem para descobrirem os vultos, de quem tinhao examinado os signaes. Passárao os navegantes doze legoas mais além da Angra dos Ruyvos, e pondo em terra a Heitor Homem, e a Diogo Lopes de Almeida, dous Cavalleiros de dezasete annos, com mais valor, que idade, montados em dous cavallos, forao mandados penetrar a terra para darem informaçao do que vissem. Era vulg.

Marchárao elles grande parte do dia, e já sobre a tarde avistárao dezanove homens de figura medonha, armados de dardos, que nao duvidárao chegar-se ás duas imagens estranhas para lhes perguntarem com as armas o motivo de devaçarem o horror sagrado das suas brenhas. Travárao os dous Moços Portuguezes huma pendencia,

aon-

Era vulg. aonde o ſeu ſangue foi o primeiro, que rubricou as noſſas conquiſtas naquella parte de Africa, e depois de largo eſpaço, feridos os Jalofos, ſe eſcondêraõ nos mattos. Voltáraõ elles ao navio, e deraõ parte do ſucceſſo ao Baldaya, que com hum groſſo de gente foi por elles conduzido ao lugar do combate, e nada deſcobrindo, com que podeſſem ſatisfazer os deſignios da ſua commiſſaõ, quizeraõ fazer-ſe na volta do Reino, ſatisfeitos com dar áquella praia o nome da Angra dos cavallos; mas o Chéfe eſtimulado dos deſejos de agradar o Infante, e para ſi de adquirir gloria, correo mais doze legoas de Coſta até ao ſitio, que fez chamar a Pedra da Galé. Neſta praia víraõ elles hum numero monſtruoſo de Lobos marinhos, de que matáraõ muitos, e trouxeraõ as pelles, que tiveraõ muita eſtimaçaõ, ſem outros ſignaes alguns da nova terra.

Naõ continuou o Infante nos progreſſos dos deſcobrimentos deſte anno de 1435 até o de 1441 por cauſa da expediçaõ infeliz de Tangere, da mor-

morte do Rei D. Duarte, e das perturbações, que se originárão pela menoridade de seu Sobrinho D. Affonso V. Era vulg.

D. Duarte para dar hum argumento de obediencia obsequiosa aos Vigarios de Christo na terra, mandou huma Embaixada solemne ao Concilio de Basiléa, de que nomeou por Embaixadores ao Bispo do Porto, e a seu sobrinho D. Affonso, primeiro Marquez de Valença, que forão recebidos a 24 de Junho deste anno pelo Papa Eugenio IV., e por elle confirmada a graça, antes concedida ao Infante D. Pedro, quando esteve em Roma, de poder o Rei D. Duarte ser coroado, e ungido na fórma do antigo ceremonial dos Reis de França. Para dizer aqui tudo o que nos pertence a respeito deste Concilio, que quiz principiar Martinho V., continuou Eugenio IV., e concluio Eugenio V., nelle se tratárão os meios para o augmento, e conservação da Fé, do estado da Igreja, da reformação do Cléro, da reunião das Igrejas Latina, e Grega, particularmente dos Bohemios, da extirpação das heresias,

Era vulg. da conſervaçaõ das liberdades da Igreja, do repouſo dos Reis, dos Principes, e dos Póvos.

1435 No meſmo Concilio os noſſos mencionados Embaixadores Biſpo do Porto, e Marquez de Valença obtiveraõ dos Padres a publicaçaõ de huma Cruzada contra os Mouros, determinado El-Rei a continuar a guerra em Africa mais pelos avances da Religiaõ, que pelos intereſſes do ſeu Eſtado. Acabada a commiſſaõ dos noſſos Miniſtros, o Marquez ſe recolheo ſó a Portugal, e o Biſpo, com conſentimento del Rei, foi nomeado pelos Padres do Concilio para ir a Conſtantinopla em qualidade de Legado, empregar os ſeus grandes talentos na concluſaõ das differenças entre as duas Igrejas. A prudencia, com que elle conduzio eſta negociaçaõ importante, e delicada, lhe mereceo na ſua vinda de Conſtantinopla huma nova honra, que o acclamou digno da continuaçaõ do meſmo caracter de Legado para o exercitar junto á peſſoa de Filippe, Duque de Borgonha.

CA-

CAPITULO II. Era vulg.

Trataõ-se os successos de Ceuta até a môrte do Conde D. Pedro de Menezes, com hum resumo de algumas cousas pertencentes á mesma Praça.

JÁ mais se fechou em Ceuta o Templo de Jano no espaço longo do governo do Conde D. Pedro; elle sempre prompto para exercitar o genio marcial; os Mouros nunca esquecidos da memoria da sua amada Cidade. Neste anno, de que vamos fallando, vieraõ servir nella ás ordens do seu respeitavel Chéfe muitos Fidalgos, e entre elles D. Sancho de Noronha, taõ ambicioso de gloria o seu valor, que homens da sua qualidade estimavaõ vir voluntarios adquirilla naquelle presidio de Africa. Os Mouros nas ultimas reségas ficáraõ taõ cortados do nosso ferro, que havia muitos mezes nos deixavaõ a campanha em tal socego, como se Ceuta estivesse plantada no centro de Portugal. Sentiaõ esta inac- 1435

Era vulg.

çaõ os novos aventureiros, eſpecialmente D. Sancho, que medindo as emprezas pelo tamanho do ſeu coraçaõ, repreſentou ao Conde: Que elle viera á Africa deſaffogar o ardor do ſeu eſpirito, que via mais apertado no recincto de huma Praça em ocioſidade; que naõ ſe ſatisfazia com ir ſobprender huma Aldêa; e porque a gente da guarniçaõ era muita, lhe déſſe hum corpo baſtante com que elle foſſe, e arraſaſſe a Cidade de Tetuaõ.

Louvou, e condeſcendeo o Conde com os rógos de D. Sancho; nomeou-lhe para companheiros a ſeu filho, e eſcolheo 150 cavallos, e 300 Infantes, que encarregou ao ſeu commandamento. Embarcada a Infantaria, marcháraõ a 15 de Outubro, ajuſtado o lugar, e a hora, aonde ſe haviaõ ajuntar os dous córpos. Quando elles alta noite piſavaõ o Paiz inimigo, o clamor de vozes ao longe, e muitos fógos acceſos em várias diſtancias os fez conceber o ſuſto, de que a ſua marcha eſtava deſcoberta, e elles déz legoas pela terra dentro viſinhos a Tetuaõ,

ſem

ſem mais auxilio, que o de ſeu valor para o avance, e retirada igualmente perigoſos. Aſſim o conhecem todos; mas nenhum deſmaia, e ſe offerecem a ſeguir os dictames do ſeu Chéfe, experimentado em todos os lances da fortuna. Ordena D. Duarte, que continue a marcha para a Cidade, ſenaõ a ſobprendella, ao menos para atemoriſalla, e perſuadir aos Mouros, que ſe naõ os temiamos para os inveſtirmos na Praça, menos nos aſſuſtariaõ quando do campo nos retiraſſemos. Era vulg.

Os Barbaros aviſados a tempo, nos eſperavaõ em hum paſſo eſtreito, aonde principiou a eſcaramuça, que vencemos, e perſeguindo os fugitivos, os noſſos Cavalleiros da vã-guarda pregáraõ as lanças nas portas de Tetuaõ. Como faltavaõ inſtrumentos para expugnar a Praça, que nós queriamos levar por huma ſobpreza; mallograda eſta com a noticia antecipada da noſſa vinda; concorrendo de todas as partes muitos Mouros a cortar-nos o paſſo, e nós dez legoas entranhados no Paiz; tudo foraõ circunſtancias, que concorrêraõ para

ſe

Era vulg. ſe perſuadir a D. Duarte, e a D. Sancho retirar-ſe a Infantaria a buſcar as barcas, e a cavallaria recolher-ſe a Ceuta por terrenos vantajoſos á ſua marcha. Os Mouros, percebendo o noſſo deſignio, corrêraõ á praia, que occupáraõ com os montes viſinhos; mas D. Duarte ſem temer a multidaõ de homens, que tinha diante, ordenou a D. Sancho fizeſſe todas as tentativas para ſe embarcar, em quanto elle com a cavallaria inveſtia os Mouros para os divertir.

Naõ he facil conceber-ſe a corage deſmedida, com que foraõ atacados os Barbaros pelo Chéfe, que ſabía eſtar a ſalvaçaõ da ſua trópa dependente do vigor deſte repelaõ. Elle foi taõ violento, com golpes taõ deſcompaçados, com tanta quantidade de mórtos, que os inimigos eſpantados do ſeu deſtroço, perdêraõ tanto terreno, que D. Sancho pode embarcar a Infantaria a ſeu ſalvo; e voltando com os mais Fidalgos a fazer-ſe glorioſos ao lado do ſeu inimitavel General, obráraõ tantas gentilezas, que já deſembaraçado

o

o campo de contrarios, D. Sancho fallou por todos a D. Duarte, e lhe disse: Vós sois testemunha do que eu, e estes Fidalgos, que me acompanhaõ acabamos de obrar: se os olhos de todos estes camaradas víraõ o nosso serviço, vejaõ tambem o premio na honra, que pretendemos de ser armados Cavalleiros pelas vossas mãos valerosas neste lugar do combate. Quizera escusar-se D. Duarte, para que seu pai em Ceuta fizesse esta honrosa ceremonia; mas as instancias foraõ tantas, que elle naõ pode resistir a huma demanda taõ justa. Era vulg.

Acabada a funçaõ, cresceo o alvoroço, quando se advertio, que da nossa parte naõ faltava mais homem, que Joaõ Garcia; e dando ao mesmo tempo as barcas á vella, e a cavallaria rompendo a marcha, se fizeraõ na volta de Ceuta. O estrondo desta acçaõ, que devia fazer nella hum écco respeitoso, de tal sórte desenfreou o monstro da inveja, que se passáraõ mezes sem haver na Praça huma só pessoa de qualidade, que quizesse acompanhar a

D.

Era vulg. D. Duarte, e a D. Sancho em emprezas, de que lhes podeſſe reſultar gloria. D. Duarte percebendo eſta politica ſempre prejudicial aos Eſtados, reſolveo-ſe a confundilla pelos meſmos meios, que a alteravã. Elle ſe fez informar da fórma, em que ſe achava a Aldêa de Benaguará, junto a Tetuaõ, e reſoluto a inveſtilla, fez embarcar a gente commua, que lhe pareceo; eſcolheo cincoenta Cavalleiros ſeus, e de ſeu pai; convidou a D. Sancho, que achou abandonado pelos invejoſos, e ſem o embaraçar a falta deſte camarada illuſtre, partio á empreza premeditada.

Chegou D. Duarte alta noite ás viſinhanças de Benaguará, e eſcondendo-ſe nas mattas eſpeças dos ſeus contornos, eſperou até o dia ſeguinte as horas, em que os Mouros eſtiveſſem occupados nos ſeus miniſterios. Entaõ os Leões rugindo entráraõ na Aldêa, que leváraõ ſem reſiſtencia, fazendo huma das prezas mais importantes, que até entaõ ſe tinha viſto, eſpecialmente em gados de todos os generos.

To-

Todos os Aduares daquella Comarca ſe despovoáraõ para vir caſtigar a noſſa temeridade; mas D. Duarte encarregando a preza a quatro Cavalleiros bravos para a irem conduzindo, elle ſe lançou aos Mouros com o impeto coſtumado. Fernaõ Rodrigues de Vaſconcellos, neto do Meſtre de Sant-Iago Mem Rodrigues, abrio as portas á victoria matando hum alentado Mouro, que com a falta do ſeu eſpirito enfraqueceo o dos camaradas. Tantas mórtes, perdas multiplicadas, a corage dos Barbaros taõ abatida como a ſua reputaçaõ, os fez entrar nos deſejos de pedir huma tregoa, que entaõ entendeo o Conde lhes naõ devia conceder. Era vulg.

Talvez que eſta repugnancia naſceſſe delle trazer já ideada a empreza contra a Aldêa rica de Benamadem, aonde os Mouros viviaõ com o deſcuido, que lhes promettia a ſegurança de hum rio pouco vadeavel, que nós neceſſitavamos paſſar para a invadir. Eſtava o Conde bem inſtruido no modo de tentar eſta expediçaõ por hum ca- 1436

Era vulg. cativo noſſo já reſgatado, que tinha ſervido o Mouro mais principal daquella Aldêa. Como pouco antes haviaõ chegado á Praça Joaõ de Albuquerque, Senhor de Angeja, Ruy de Mello, depois Almirante, e Ruy da Cunha, que foi Prior de Guimarães; elle os chamou, e diſſe, que com ſeu filho D. Duarte, 300 Infantes, e 210 cavallos os mandava aſſollar a Aldêa de Benamadem, donde voltariaõ honrados, e ricos. O cativo os foi conduzindo no maior ſilencio da noite a paſſar o rio em hum váo, que elle ſabia, e logo o vadeou D. Duarte ſeguido dos mais, que foraõ levados pelo guia á porta do ſeu antigo Senhor. Elle ſe alvoroçou com o tropel da gente, e teve lugar de montar a cavallo para dar aviſo aos Póvos viſinhos do noſſo inſulto ſobre a ſua Aldêa.

Em quanto D. Duarte ſe occupava em fazer a grande preza; em a encarregar á melhor gente; em aſſegurar a campanha; appareceo o Mouro na teſta de hum grande numero delles, clamando, que applicaſſem todo o ſeu esfor-

forço para tirarem a vida ao Capitaõ atrevido, que elle hia a buſcar para ſer o primeiro em enſopar as armas nas ſuas entranhas. D. Duarte, que ouvia as ameaças deſte bravo, elle o eſperava firme, com tanta força lhe corre a lança, que lhe rompe as armas, atraveça-o, e o derruba morto. O deſembaraço, e a morte deſtes dous Chéfes infundio nos noſſos tal valor, nos Mouros tanto medo, que no campo encontravamos inimigos ſem reſiſtencia; homens, que vieraõ deixar-ſe matar, até ſem alentos para fugir. Cançados de tirar vidas, fizemos 50 priſioneiros, e coberta a campanha de gados, chegou com elles D. Duarte, e ſem a perda de hum homem, ás portas de Ceuta, aonde o eſperava ſeu pai com as veneraveis cãs banhadas em lagrimas de alegria na preſença da imagem do ſeu valor, o filho tantas vezes triunfante. Era vulg.

A repetiçaõ das perdas, o eſtrago das vidas na multiplicidade das noſſas ſortidas, fez tal impreſſaõ em hum parente valeroſo do Rei de Féz, que eſ-

tan-

Era vulg. tando á meza com muitos dos ſeus Fidalgos, lhes repreſentou, como os inſultos dos Portuguezes já eraõ intoleraveis: que ſe elles quizeſſem reveſtirſe dos ſeus ſentimentos, ſe deliberaſſem, e partiſſem para debaixo dos muros de Ceuta nos tomarem conta dos noſſos atrevimentos. Naõ houve hum ſó, que recuſaſſe a ſua condeſcendencia; e eſcolhidos mil cavallos, vieraõ ás immediações da Praça, aonde poſtáraõ 900 em duas emboſcadas, e o reſto em trages de paiſanos os mandáraõ á viſta da Cidade, com ordem que ſendo atacados, ſe foſſem retirando até metterem os inimigos no centro das ſuas cilladas. Quando appareceo eſta deſpreſivel trópa, D. Duarte com alguns Fidalgos, e Cavalleiros acabava de ſahir para examinar o campo, e naõ podêraõ conter-ſe ſem a atacarem, menos attentos ao exceſſo do numero, que ás apparencias da ſua baixa qualidade. Os Mouros ſe retiraõ; D. Duarte os ſegue; e ſahe a primeira cillada, a que logo matámos dezaſete, e entre elles o ſeu Commmandan-

dan-

dante: mas D. Duarte advertindo o Era vulg.
estratagema dos Barbaros, que com tanta superioridade se deixavaõ perder campo, quizera conter-se. Naõ lhe deo a isso lugar a sua gente empenhada no alcance, quando entre ella soou huma voz desconhecida, que lhe dizia naõ passasse adiante, porque se mettia em grande perigo. Como se naõ bastasse este aviso, de repente se toldou o ar com huma nevoa taõ espeça, que huns aos outros senaõ viaõ; e a favor della pode D. Duarte avisar a sua pouca gente para se retirar, como fez sem a menor perturbaçaõ.

Já o Conde sabia que no Reino estava resoluto o sitio de Tangere, e que naõ sendo admittida a offerta da sua pessoa, a de seu filho era convidada. Desejou seu pai, que elle se achasse naquella expediçaõ condecorado com alguma acçaõ mais façanhosa, que as precedentes; e como a de Tetuaõ, a primeira vez mallograda, levava tanto as nossas attenções, com todas as forças, que pode tirar da Praça, mandou a D. Duarte expugnar es-

Era vulg. ta Cidade igualmente rica, e populoſa. Quanto val o credito bem eſtabelecido de hum grande General! O meſmo foi ſaber-ſe em Tetuaõ, que D. Duarte marchava ſobre ella, que deſampararem-a todos os ſeus moradores, mais attentos a ſalvar as vidas, e as riquezas, que a defender a eſtimavel Pátria. D. Duarte, e ſeu primo D. Fernando de Menezes, que primeiro entrárão na Cidade, a virão deſpovoada; achárão fechadas as portas do Caſtello, e mandando dar-lhe fogo, o arrazárão com o reſto dos muros; deſpojárão as caſas do que não pode conduzir a preſſa dos fugitivos, e ateando por toda a Cidade hum incendio voráz, a ſoberba Tetuaõ ficou reduzida a cinzas, hum deſpojo laſtimoſo da noſſa cólera.

Tinha acabado o anno de 1436, em que vou fallando; mas para concluir aqui com o que pertence ao Conde D. Pedro, e a algumas particularidades do ſeu governo na Praça de Ceuta, devo dizer, que no mez de Setembro de 1437, quando já os Infantes

eſ-

eſtavaõ ſobre Tangere, e com elles D. Duarte de Menezes, ſeu pai o Conde D. Pedro adoeceo gravemente da moleſtia, que deo fim á ſua heróica vida. Mandou elle pedir aos Infantes quizeſſem permittir licença a ſeu filho para lhe dar a ultima deſpedida. Quando D. Duarte chegou a Ceuta achou o pai em eſtado, que apenas lhe pode deitar a bençaõ, e repetir com vozes languidas documentos ſaudaveis, ſahidos de hum eſpirito ſublime, que com mórte placida voava deſatado da carne a receber na Patria o premio das ſuas heróicas virtudes. O ſeu cadaver foi ſepultado na Sé de Ceuta, e della trasladado para o Convento dos Eremitas de Santo Agoſtinho de Santarem, que fundára ſeu Avô D. Joaõ Affonſo Télo de Menezes, Conde de Ourem, governando eſte Reino o Infante D. Pedro na menoridade del-Rei D. Affonſo V. Na ſua ſepultura ſe lê o Epitafio ſeguinte: Era vulg.

Aqui jaz o muito honrado, muito nobre, e muy fidalgo Senhor Dom Pe-

Era vulg. Pedro de Menezes, Conde que foy de Viana, e primeiro Capitaõ, e Governador, que foy na Cidade de Cepta, Alferes mór do muito alto, poderoſo, e muito excellente Senhor Dom Duarte, pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, e Senhor da dita Cidade; filho que foy de D. Joaõ Affonſo Télo de Menezes, Conde que foy de Viana, e Senhor de Penella, Miranda, Alvito, e Villa Nova, e neto que foy de Dom Joaõ Affonſo Télo de Menezes, Conde que foy de Ourem, e da Condeça D. Guiomar de Ferreira, ſua mulher, biſneta que foy del-Rey D. Sancho de Caſtella, que eſte Moſteiro edificáraõ; o qual Conde D. Pedro a dita Cidade de Cepta huma ſó em Africa por Chriſtãos poſſuida, com muita diſcriçaõ vinte e dois annos governou, e contra os Mouros Infiéis muy esforçadamente defendeo, e os conquiſtou por mar, e por terra, e fez afaſtar, e por força deixar grande parte dos termos della: onde por ſua de-

defensaõ, e da dita conquista fez muitas peleijas, em ellas sempre vencedor, e nunca vencido: de que a dita Cidade houve sempre em seu tempo glória de vencimento, os Mouros temor, e os ditos Reinos grande louvor. Finou-se em a dita Cidade aos vinte e dois de Setembro com seu proprio entender, bom, e Catholico Christaõ até a morte, muy esforçado Cavalleiro, a seu Rey natural muy verdadeiro, fiel, e leal, no anno de Nosso Senhor mil quatrocentos, e trinta, e sete. Era vulg.

Este Epitaphio, que enuncia, naõ só as victorias terrestres, que ficaõ referidas do Conde, mas as suas expediçóes navaes, elle me obriga a fazer destas ultimas hum resumo no Capitulo seguinte.

Era vulg.

CAPITULO III.

Das emprezas maritimas do Conde D. Pedro no tempo do ſeu governo na Cidade de Ceuta.

A DEFENSA, e conquiſta, que diz o citado Epitafio fizera o Conde ſobre os Mouros por mar, e por terra, me fez naſcer os deſejos de averiguar quaes foſſem as expedições maritimas, que o Conde mandou fazer por mar, havendo eu dado noticia das mais conſideraveis, que ſe obráraõ por terra. Depois de applicaçaõ varia, vim a ſaber que o Conde D. Pedro logo no principio do ſeu Governo, para ter aviſos do que ſe paſſava pela coſta de Ceuta, fez armar em guerra huma grande fuſta, que entregou ao commandamento do Capitaõ Affonſo Garcia de Queiróz, que era hum Fidalgo de grande corage, para com ella correr aquelles mares, e os da coſta do Reino de Granada, aonde fez muitas, e importantes prezas. Moſtrou Affon-

ſo

ſo Garcia a igualdade do ſeu valor em muitos combates; mas a acçaõ, que o deixou á poſteridade recommendavel, foi a gentileza com que elle na ſua fuſta rompeo o centro da armada inimiga dos Granadinos na occaſiaõ, em que ſitiáraõ Ceuta, e veio a Lisboa dar parte a El-Rei do aperto, em que eſtava a Praça. Era vulg.

Vendo o Conde os grandes ſerviços, que ella recebia deſta embarcaçaõ, mandou armar outras muitas, que fiou a peſſoas de importancia, como foraõ Martim de Caſtro, Fernaõ Barreto, Diogo Vaſques Portocarreiro, Joaõ Pereira, Fernaõ Gonçalves d'Arca, e outros homens ſemelhantes, que conſerváraõ naquelles mares a ſuperioridade com tanto damno dos Mouros, que ou naõ largavaõ os pórtos, ou perdiaõ os vaſos, que delles ſahiaõ. Entaõ ſe dividiaõ os corſos pelos mares, que dominavaõ os Mouros pela parte de Africa, e de Heſpanha, conduzindo-ſe nelles os noſſos Cabos com tanto deſembaraço, que entravaõ pelos pórtos a apriſionar as embarca-

Era vulg. çoẽs inimigas. Diogo Vaſques ſe diſtinguia neſtas expedições, e em huma ſe conduzio animoſo, atacando com a ſua fuſta duas galés de Mouros, ſoccorrido por Joaõ Requelme, Corſario de Cartagena, e rendida huma, fizéraõ varar a outra, que deſpedaçáraõ.

Pelas informações, que teve o Conde do eſtado da Praça de Larache, Cidade reſpeitavel da Provincia de Aſgar, determinou-ſe a mandalla deſtruir, e chamou a conſelho os Capitães das fuſtas, que achou promptos para ſeguirem as ſuas ordens. Encarregou elle a expediçaõ ao meſmo Diogo Vaſques, e Affonſo Martins Cayado, Tenente da ſua galé, que ſahíraõ com os mais em demanda de Larache. Pedro Ximenes ſe divertio da conſerva para examinar hum porto viſinho, ſeguindo os mais a derrota com tanta felicidade, que entráraõ em Larache; forçáraõ os muros obrando proezas incriveis; paſſáraõ á eſpada grande cópia de Mouros, e carregadas as fuſtas de ricos deſpojos, déraõ fogo ao Caſ-

tel-

tello, e á maior parte da Cidade. Quando elles concluiaõ com tanta glória a ſua acçaõ, entrava no porto Pedro Ximenes, com huma fuſta carregada de prezos, que fizéraõ na ſua derrota, e ſe recolhêraõ a Ceuta para receber no prazer do Conde o primeiro premio do ſeu ſerviço. Era vulg.

Nem ſempre a fortuna favorece a temeridade. Pedro Ximenes, vaidoſo com os bons ſucceſſos paſſados, quiz obrar novas proezas, e ſahindo de Ceuta com duas fuſtas, ſaltou em terra de Mouros, que foi penetrando. Encontrou cinco, que prendeo; logo o Alcaide de Anafe com vinte, que foi ſeguindo huma legoa, e tomou ſeis, e na volta para o porto mais tres. Com eſta preza feita no meſmo dia, quizéra recolher-ſe á Praça André Martins, que mandava a ſegunda fuſta; mas o Ximenes naõ ſatisfeito, querendo fazer aguada para continuar o corſo, encalhou a ſua fuſta em hum banco do porto, e abrio o coſtado. André Martins recolheo a gente, e inſtou com o Ximenes voltaſſem para Ceuta, porque

Era vulg. que vinhaõ concorrendo muitos Mouros, e elle naõ devia expor-se a novos perigos. Respondeo-lhe o Ximenes, que queria vêr em terra quantos eraõ; e saltando com quatorze homens foi rodeado de 340, que o degolláraõ com os infelices companheiros, vendendo cáras as vidas,

Gonçalo Vasques Ferreira despicou esta affronta com a sua pequena galeota sobre huma grande galé dos barbaros. Foi elle a reconhecella; e os Mouros para o enganarem melhor á vista da desproporçaõ das forças, escondêraõ o grosso da tripulaçaõ, e se mostráraõ poucos, que facilitassem a abordage. Assim o fez denodado Gonçalo Vasques; mas ao ferrar a galé, appareceraõ ao lado dos companheiros 80 dos escondidos. Travou-se huma desigual contenda, em que o Vasques por muitas vezes esteve perdido. A constancia, com que elle peleijava, animou os seus poucos camaradas, que conheciaõ dependente do valor a sua salvaçaõ. Com golpes façanhosos foraõ abysmados os Mouros; huns mórtos; muitos

tos feridos ; alguns lançados ao mar ; o resto com a galé feito prisioneiro, e conduzido a Ceuta , aonde o Capitaõ foi recebido com o applauso, que merecia hum feito taõ heróico. Era vulg.

Emprezas semelhantes fizéraõ pelo discurso do tempo Affonso Garcia, Fernaõ Barreto , Pedro Vasques Pinto, Joaõ das Aguias, Martim de Pomar, Joaõ Rodrigues Godinho , e outros , que naõ individuamos pela identidade dos successos. Huma das expedições illustres da natureza, que vamos tratando, foi a de Gonçalo Velho , Commendador de Almourol. Este Fidalgo armou no Porto huma galé á sua custa para servir com ella em Ceuta. Unido a outra galé de Alicante, que corria aquelles mares ás ordens de dous aventureiros Castelhanos, resolveo atacar huma Aldea rica, que ficava pouco dentro da costa, aonde desembarcáraõ ; tomando elle a marcha a hum lado , e os Castelhanos pelo outro. Gonçalo Velho chegou primeiro á Aldea acompanhado de noventa, e sete homens, aonde encontrou huma resisten-

Era vulg. tencia taõ dura nos Mouros, que depois de gravemente ferido, elle, e todos os ſeus pereceriaõ ſem lhes baſtar o valor ao exceſſo do número, ſe no maior ardor do combate naõ appareceſſem os Caſtelhanos, que ſe apreſſáraõ ao ouvir o eſtrondo dos golpes. Á ſua viſta fugiraõ os Mouros, deixando a Aldêa expoſta á pilhagem, e ao fogo, que a conſummio. Nós tivemos a perda de hum homem, e alguns feridos; mas o valor da preza, e o credito da acçaõ contrapezáraõ o ſuſto dos perigos, e o preço do pouco ſangue derramado.

Sentidos os Mouros, de que pelo mar lhe fizeſſemos a guerra taõ viva, como na campanha de Ceuta, cuidáraõ em armar muitas embarcações em todos os ſeus pórtos para nos diſputarem a ſuperioridade, impedir os deſembarques, e começáraõ a ſer os encontros mais frequentes. Diſtinto, e bem illuſtre foi o que tivéraõ com cinco fuſtas muito grandes, e defendidas, Pedro Vaſques, Alvaro Pinto, Affonſo Garcia, Lopo Vaſques, André

Mar-

Martins, Joaõ Affonſo, Alvaro Fernandes, Gonçalo Vaſques, e outros Eſcudeiros alentados, que depois de combate duro, muitas horas diſputado, elles rendêraõ quatro com mórte de 218 Mouros, e 216 captivos: victoria, que por muitos tempos teve abatida a ſoberba, e arrogancia dos barbaros Mauritanos. Eſtas ſaõ as acções navaes mais importantes, que pude deſcobrir, ſuccedidas, e mandadas executar pelo excellente Conde D. Pedro de Menezes, que conſervará incorrupta a memoria do ſeu nome, em quanto no mundo exiſtir a Cidade de Ceuta, que naõ faz menos célebre eſte Heróe, que o famoſo Hercules por levantar junto a ella as columnas celebradas pela inſcripçaõ, e eſpirito do ſeu *Non plus ultra.* Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Da jornada infeliz, que fizéraõ á Cidade de Tangere os Infantes D. Henrique, e D. Fernando.

AINDA que o mal contagioſo tinha diminuido muito as forças de Portugal, El-Rei D. Duarte naõ deixava de aliſtar novas trópas para ſuſtentar com vantagem as expedições de Africa. Por eſtes tempos era elle inſtado de ſeu irmaõ o Infante D. Fernando, que lhe pedia licença para ſahir do Reino, aonde naõ tinha rendas correſpondentes á conſervaçaõ do explendor devido ao ſeu decóro, e aonde lhe faltavaõ occaſiões para o exercicio do ſeu marcial eſpirito. El-Rei, que deſejava diſſuadir o Infante dos intentos de paſſar a Borgonha convidado pela Duqueza ſua irmã, ſe valeo para iſſo do Infante D. Henrique, que ſe aproveitou da occaſiaõ para avançar huma nova expediçaõ a Africa, para que o conduzia o ſeu zelo da Religiaõ. Elle lhe propoz,

que

que o meio mais efficaz para diſſuadir o Infante, era occupallo na guerra da Mauritania, em que elle naõ duvidava ſer ſeu companheiro; porque divertido com ella, ſe eſqueceria de todos os outros intentos. Naõ condeſcendeo El-Rei com eſte voto, nem os Infantes ſe deſanimáraõ; antes recorrendo á Rainha, que D. Duarte, além de eſpoſa, eſtimava infinito pelas ſuas qualidades, ella foi conduzindo as pretenções dos Infantes até conſeguir a permiſſaõ. Era vulg.

Soubéraõ-o os Infantes D. Pedro, e D. Joaõ, e repreſentáraõ a El-Rei, que Tangere era huma Cidade reſpeitavel da Provincia de Habata, ſituada junto ao Eſtreito em paragem de receber promptos ſoccorros de terra, e por mar do Rei de Granada: que para eſta conquiſta ſe neceſſitava hum bom exercito, naõ hum punhado de homens contra inimigos poderoſos; que iſſo ſería o Rei arriſcar a honra, e ſacrificar os vaſſallos: que naõ ſe havia fazer conta ſó do valor dos Portuguezes, ſem tomar outras precauções em nego-

Era vulg. gocio desta consequencia, naõ desprezando com ligeireza a qualidade dos inimigos, que se haviaõ combatter. Os outros Infantes seguíraõ rumo contrario, e chegando a fallar D. Fernando, a quem já chamavaõ os fados para a sua ruina, elle expoz os seus sentimentos por modo taõ brilhante, que agradou a El-Rei.

O Infante lhe diz, que elle naõ ignorava, como os Mouros tinhaõ degenerado do seu valor antigo, e se deviaõ olhar como homens sem espirito, inhabeis para a guerra: que os Mouros temêraõ os Portuguezes em todas as idades, nem elles teríaõ valor de pizar terras de Hespanha em tempo dos Godos, se hum trahidor audaz naõ os conduzisse aos Reinos entaõ sem soldados, sem praças, sem disciplina: que naõ sendo necessario revocar á memoria Historias antigas, bastava lembrar a conquista de Ceuta, que seu pai ganhára em hum dia, sem que os Infieis ousassem resistir á corage dos Portuguezes: que para naõ parecer, que elle intentava a empreza de Tan-

Tangere para a commandar, que elegesse seu irmaõ o Chéfe, que bem lhe parecesse, admittindo-o a elle por hum simples voluntario. Era vulg.

A opposiçaõ destes pareceres deixou perplexo a El-Rei, que para sahir de dúvidas, consultou a materia com o Papa, e outros Principes da Europa, que com razões graves, e ponderosas lhe dissuadiaõ a empreza á vista da situaçaõ triste, em que o Reino se achava. Nada era bastante para dobrar a resoluçaõ dos Infantes arrastados de huma influencia fatal; e avançando a negociaçaõ com a Rainha, a quem o Rei naõ tinha resistencia, ultimamente conseguíraõ a desejada licença. Todo o anno de 1436 se havia gastado nestas pretenções, e entrou o de 1437 com os preparos para a expediçaõ, que teve principio a 22 de Agosto, dia em que a armada sahio da barra de Lisboa. Dizia-se, que nella embarcaraõ 14$000 homens debaixo do commandamento dos dous Infantes D. Henrique, e D. Fernando, e com elles muitos dos grandes Senhores, e Nobre- 1437

Era vulg. breza do Reino. Com viagem feliz chegáraõ a Ceuta ſeis dias depois da partida, e poſta a gente em terra para ſe paſſar huma reviſta geral, os Infantes ſe acháraõ ſobprezos, quando contáraõ ſeis mil homens em lugar dos quatorze mil, que ſe affirmava vinhaõ na armada.

Parece que as diſpoſições precedentes dos animos ſaõ huns preſagios infalliveis do deſtino dos ſucceſſos. Eſta grande diminuiçaõ de gente em huma empreza de tanta importancia, já ſe attribuia á peſte, que naquelles dias graſſára nas náos; já a opiniaõ mal concebida de todos ſobre aquella guerra; já pela deſerçaõ ao tempo de embarcar em Lisboa, vindo os mais violentos por comprazer com os Infantes: tudo idéas, que prognoſticavaõ a infelicidade, que moſtráraõ os ſucceſſos. Ajuntáraõ os Infantes conſelho de guerra, em que o maior número dos votos foi de parecer, que a armada ſe mandaſſe a Portugal recrutar gente, que engroſſaſſe o exercito improporcionado para ſe apreſentar diante de Tangere

ſem

ſem o temor da certeza de huma rotura da reputaçaõ, e que ſem chegar eſte ſoccorro as trópas naõ ſe moveſſem de Ceuta. Ao contrario os Infantes, que naõ conſultavaõ mais que o ſeu ardor pela glória, allegáraõ que eſta teria tanto maior eſtatura, quanto menos avultado foſſe o corpo, que combatteſſe pela ganhar: que depois de eſtarem em Africa dous Principes de Portugal, naõ ſe devia dar lugar a dizerem as gentes, que elles ſahíraõ taõ mal armados, que lhes foi neceſſario acantonar-ſe em Ceuta para eſperar novos ſoccorros, que a imprudencia lhes naõ forneceo para o tempo preciſo de obrar. Era vulg.

Sobre huns principios taõ equivocos como eſtes, a ſua authoridade ſe oppoz á partida da armada para Lisboa; e determinada a expediçaõ a todo o riſco, a 9 de Setembro partiraõ de Ceuta para Tangere, indo por terra o Infante D. Henrique, e por mar o Infante D. Fernando, que foi encontrando a coſta cheia de eſcolhos, e de perigos. D. Henrique deſtacou a Joaõ

Pe-

Era vulg. Pereira com mil homens para observar os passos, quaes seriaõ os mais praticaveis para as náos de alto bordo Elle encontrou na marcha, junto a Almeria hum grosso esquadraõ de Mouros, que lhe foi necessario combatter. Ao ruido da peleija, D. Fernando a todo o pano demandava o lugar della para fazer o desembarque a favor da diversaõ, que entretinha os Mouros; mas naõ obstante a sua diligencia, elle naõ pode chegar senaõ depois da acçaõ, que foi gloriosa para Joaõ Pereira pela fugida precipitada, em que pôz os inimigos. Deo elle parte aos Infante da grande difficuldade, que haveria de expôr a armada a huma passagem taõ perigosa, como elle vinha de observar; mas os Infantes, longe de se embaraçarem com esta reflexaõ, continuáraõ a derrota para Tetuaõ.

Desta Cidade, pouco antes destruida, fizeraõ todos por mar a breve navegaçaõ até Tangere; levando o Conde de Arrayolos a vã-guarda da fróta, D. Duarte de Menezes o centro, e os Infantes cobrindo a reta-guarda. Imme-

mediatamente chegáraõ a Tangere, desembarcáraõ as trópas, formáraõ o campo, e principiou o ſitio com huma avançada ás duas pórtas da Cidade, que ſe ganháraõ a troco de algũmas vidas dos noſſos; mas ſem outra vantagem. O vigor, com que combatiamos, foi origem da vóz, que ſe levantou no campo, de que os Mouros atonitos das operações, e fogo dos ſitiantes, haviaõ abandonado a Praça para ſe naõ exporem á dureza do ſitio, nem ſe arriſcarem ao noſſo reſentimento ſe a levaſſemos de aſſalto. Da verdade deſte rumor ſe quizeraõ informar o Conde de Arrayolos, Alvaro Vaz de Almada, e outros Fidalgos, que com as ſuas trópas ſe avançáraõ ao lado da terra; mas elles houveraõ de ſe ſuſpender, quando víraõ por aquella parte as obras exteriores com toda a boa defenſa. Para que os Barbaros naõ entendeſſem, que elles os temiaõ, foraõ á forçallos no ſeu meſmo poſto com tanta intrepidez, que mettêraõ a todos pela pórta da Cidade, aonde encontráraõ a reſiſtencia taõ viva, que depois

Era vulg.

Era vulg. de muitos mórtos, e feridos, houvéraõ de retroceder.

Com a ſua volta ao campo ſe redobrou o ardor do ſitio por eſpaço de 38 dias, em que reduzíraõ o muro a termos de ſe dar hum aſſalto geral. Os ſitiados, que conhecêraõ a neceſſidade do valor para a conſervaçaõ da ſua Praça, nada ſe deſcuidáraõ de quanto podia contribuir para a defenſa, eſpecialmente depois que nella entrou Zalá-Benzalá com huma parte dos ſoldados velhos, que elle teve na guarniçaõ de Ceuta, quando lhe foi tomada. Determinou-ſe da noſſa parte, que quando as trópas deſtinadas para o aſſalto ſe aviſinhaſſem ao corpo da Praça, o Infante D. Fernando, e o Conde de Arrayolos a atacaſſem pelo lado de Féz, e o Biſpo de Evora D. Alvaro de Abreo com D. Fernando Coutinho inveſtiſſem a porta do Vale, em quanto o Infante D. Henrique batia o Caſtello, aonde os Mouros tinhaõ maior reforço, que na Cidade. Elles, que eſtavaõ prevenidos para huma vigoroſa reſiſtencia, eſcondêraõ os primeiros, que ſobiaõ

biaõ á escalada debaixo de huma nuvem de settas, e outras armas de arremeço; mas vencendo a nossa corage toda a opposiçaõ, nós haveriamos entrado os muros, se as escadas fossem mais altas, que podessemos ferrar os parapeitos: incidente, que nos obrigou a retirar do avance naõ sem perda de homens mórtos, e feridos. Era vulg.

Naõ perdêraõ os Infantes as esperanças com a repetiçaõ dos máos successos, antes mandáraõ vir de Ceuta alguma artelharia para continuar os ataques, e escadas proporcionadas para novo assalto. Já a este tempo serviaõ na Mauritania os aprestos para acodir com todas as suas forças a huma Praça da reputaçaõ de Tangere, que principiou a ver desfilar dos montes em seu soccorro 10$000 cavallos, e 80$000 Infantes. A outra Naçaõ, que naõ fosse a Portugueza, aterraría esta quantidade prodigiosa de inimigos, que bastava ser contada pelo número para confundir. Mas elles se determináraõ a insultalla com a idéa firme, de que ella era huma multidaõ allistada tumul-

Era vulg. tuariamente, a maior parte ſem diſciplina, ſem armas, ſem os brios, que coſtuma animar a eſtimaçaõ da honra. D. Henrique, vendo eſta firmeza nas ſuas trópas, eſcolheo nellas 4ȹ000 homens, e marchou ſobre os barbaros com movimentos conformes á quem queria atacallos: heroicidade, que baſtou para os inimigos ſe eſpalharem pelos meſmos montes donde deſcêraõ, temeroſos de ſuſtentar o campo a hum punhado de mundo, que perdia toda a ſórte de ſemblante na face da ſua multidaõ.

Paſſados poucos dias, o pejo os fez outra vez deſcer das montanhas para metterem o ſoccorro na Praça pelo lado, que mandava o Infante D. Fernando, e o Conde de Arrayolos. Quiz moſtrar o Infante, que era irmaõ de D. Henrique, e lhe ſeguio os paſſos, naõ ſó movendo-ſe; mas atacando os Barbaros com alentos taõ ſuperiores á humanidade, que depois de lhes degolar hum grande número, obrigou a fugida vergonhoſa hum exercito taõ monſtruoſo. Eſta ſegunda covardia metteo

teo em tanta cólera aos Reis de Marrocos, de Féz, e de Tafilet, que se assegura viéraõ sobre nós com 600$000 Infantes, e 96$000 cavallos; deixando deserto este lado de Africa para atacarem a 6$000 Portuguezes. Conhecêraõ os Infantes a impossibilidade de levar ao fim os seus designios, quando os batedores do campo os informáraõ, de que se descobriaõ legoas de terra cobertas de homens, que bastava o seu peso para esmagarem debaixo de si corpo muitas vezes mais robusto, que o do nosso exercito. As idéas tristes os faziaõ conceber, que a sórte brevemente os reduziria de sitiantes a sitiados, e que mettidos entre os fógos do campo, e da Praça, naõ havia mais remedio, que sacrificar as vidas, ou render as liberdades. Em fim, sem perder o acordo, elles se entrincheiráraõ o melhor que podéraõ, e entregues nos braços da Providencia, levantáraõ os olhos ao Monte do Deos dos Exercitos, donde esperavaõ o seu soccorro. Era vulg.

Chegáraõ os Mouros á vista de Tangere, aonde os Infantes os esperavaõ for-

Era vulg. formados; mas houvéraõ de retroceder, e buscar as trincheiras opprimidos dos repelões de tanta superioridade de forças. Soube-se na armada o aperto em que estava o campo, e D. Pedro de Castro, que a commandava, preferio a necessidade de soccorrer dous Infantes á observancia das ordens, que tinha de a naõ desamparar. Elle conduz em pessoa hum destacamento da sua melhor gente, e este pequeno corpo foi bastante para os Mouros se conterem taõ moderados, que se resolvêraõ antes a cercar-nos, que a combater-nos; mais confiados em ganhar a victoria pela fome, que pelo ferro. Infallivel parecia, que as medidas tomadas pelos Mouros podessem faltar; e qualquer outra gente, que naõ fosse a Portugueza, em tal aperto a poria o pavor extactico; mas ella na sua corage, e intrepidez achava sahida a todos os perigos. Quando os nossos naõ podiaõ dar hum passo fóra das trincheiras, rodeados por hum circulo de homens muitas vezes dobrado; elles se espantavaõ menos da multidaõ terrivel, que ti-

tinhaõ na ſua face, que da neceſſidade de agoa, que os conſummia. Era vulg.

Acodio o Ceo a eſte aperto com huma chuva copioſa, que refreſcou o exercito, e renovou o valor para pedir o combate. Os Infantes, unicamente lembrados de ſalvar o ſeu Povo, diſcorriaõ o modo de abrir caminho para recolherem tudo nas náos; mas conſiderando por huma parte a falta de lanchas, por outra as praias bordadas de inimigos, determináraõ com o favor da noite recorrer á induſtria, lançando-ſe a nado com todos que ſoubeſſem acompanhallos para ferrar as náos, e enviar dellas as Chalupas, que no ſilencio mais profundo foſſem conduzindo o reſto da gente. Interrompeo eſte deſignio, que ſem dúvida ſe lograva, hum malvado monſtro, horror do Sacerdocio, indigno da humanidade, Judas de ſeu Senhor, o infame Clerigo Martim Vieira, Capellaõ do Infante D. Henrique, que ſe paſſou aos Mouros, e lhes deſcobrio as medidas, que os Infantes tinhaõ tomado para ſalvar-ſe com o exercito. Tanto que os Barbaros foraõ

ad-

Era vulg. advertidos, redobrárað as guardas da parte do mar, e a noſſa perda ſería inevitavel, ſe elles ſe ſoubeſſem conduzir.

Menos fiados os Mouros nas ſuas precauções, e na ſua multidaõ, que temeroſos do noſſo valor, e das noſſas induſtrias, elles queriaõ a ſua victoria mais pelo de hum ajuſte, com tanto que lhes foſſe vantajoſo, que reduzirnos a eſtado de buſcar a retirada por meio de hum combate de deſeſperaçaõ. Rodeados deſtas reflexões covardes, mandáraõ dizer ao Infante D. Henrique, que ſe quizeſſe abandonar o campo com o trem, que tinha nelle, entregar Ceuta, e reſtituir os priſioneiros, que havia feito, elles lhe deixariaõ o paſſo livre para ſe embarcar na ſua armada: Que para ſegurança da palavra, que lhe davaõ, lhe mandariaõ em refens hum filho do Governador de Tangere, e elle enviaria outro da ſua parte, até ſerem conſummadas as condições do ajuſte. O Infante reſpondeo por D. Fernando de Menezes, Ruy Gomes da Silva, Fernaõ

de

de Andrade, e Joaõ Fernandes d'Arca, Era vulg. que encarregou de irem ao campo dos inimigos: Que elle acceitava todas as condiçōes, ſalvas as vidas do ſeu exercito.

Neſta figura eſtavaõ os negocios; a trópa reduzida a pouco mais de 3000 homens pelos combates horrendos, que haviamos ſuſtentado nas trincheiras, eſpecialmente no dia nove de Outubro; os Infantes, e os Officiaes inquietos no partido, que haviaõ ſeguir em occaſiaõ taõ critica. Se por huma parte elles recuſaſſem cumprir com as condiçōes propoſtas, entre ellas a de que lhes naõ fariamos a guerra por cem annos, a noſſa perda era inevitavel. Se por outro lado convinhamos no que os Barbaros queriaõ de nós, já diſpunhamos com antecipaçaõ a affronta das reprehensōes, que tinhaõ de cahir ſobre nós por acceitarmos humas propoſtas indignas, eſpecialmente a de entregar huma Praça da importancia de Ceuta, que tanto nos havia cuſtado: Que todo o mundo attribuiria ſemelhante ajuſte a me-

Era vulg. medo da mórte, e da escravidaõ; objectos, de que sim se deixavaõ tocar os homens, mas naõ os Portuguezes, que sempre os conhecêraõ para os desprezarem.

CAPITULO V.

Continua-se a mesma materia, e a do cativeiro infeliz do Santo Infante D. Fernando.

EM quanto no campo se formavaõ os discursos, que acabo de referir, os Infantes se viaõ embaraçados na escolha dos refens, que haviaõ mandar aos Barbaros. Desatou as dúvidas o Infante D. Fernando, que zeloso da gloria do Reino, ou conduzido da força do Decreto da sua Predestinaçaõ, se offereceo para ficar entre os Mouros por penhor, até que o Conselho del Rei tomasse as deliberações, que parecessem justas. Entaõ foi vistoso o duelo entre os dous irmãos, arguindo D. Henrique, que esta gentileza lhe pertencia obralla por mais velho; D. Fernando instando,

que

que só a elle tocava por primeiro offerecido, e por mais moço. O ardor, que elle mostrava na porfia, forçou D. Henrique a ceder; e obrigados os Portuguezes a acordar quanto se lhes pedia, entregue nas nossas mãos o filho de Zalá Benzalá, o Infante D. Fernando acompanhado dos Fidalgos da sua casa, partio a soffrer com constancia heroica as calamidades, que lhe tecêraõ a coroa de huma gloria sem fim. Era vulg.

Além da entrega da pessoa do Infante, que era o Garante da restituiçaõ de Ceuta, em refens do filho de Zalá Benzalá, nós demos quatro Fidalgos, que foraõ Ayres da Cunha, Pedro de Ataide, Joaõ Gomes do Avelar, que todos morrêraõ de peste em Arzila, e Gomes da Silva, depois Commendador de Noudar. Assim se concluio a negociaçaõ; mas retirado de Tangere Zalá Benzalá, ignoramos se deixando as ordens fraudulentas, que depois se víraõ executar: quando o Infante foi a embarcar-se, os Mouros de tropel o atacáraõ na praia, aonde o nosso valor picado da perfidia, obrou extremos

Era vulg. mos os mais elegantes, e o Infante naõ podendo tomar a ſua lancha, ſe lançou a nado a ferrar as náos, que achou em termos de ſe levar pela falſa noticia, que corria nellas, de que todos eraõ mórtos em terra. Finalmente, cincoenta Heróes dignos de memoria eterna, que quizeraõ ſacrificar as vidas pela ſalvaçaõ de ſeus irmãos, ſe poſtáraõ na reta-guarda do exercito; ſuſtentáraõ o combate contra immenſos Barbaros em quanto elle ſe embarcava, como felizmente conſeguio a troco de illuſtre ſangue dos ſeus cincoenta camaradas fideliſſimos, aos quaes ſentimos ignorar os nomes para authoriſarmos com elles a noſſa Hiſtoria.

O dia 20 de Outubro foi o deſta glorioſa acçaõ, e o da infame dos Barbaros, que eſtimuláraõ o Infante para alterar os pactos; e deſpedindo a armada para Lisboa, elle ſe recolheo a Ceuta com os Cavalleiros, e criados da ſua Ordem, e Caſa. A impreſſaõ, que a nova triſte cauſou no animo do Rei, que conſentio a jornada, e do

Po-

Povo, que chorava a morte dos parentes, e amigos, se percebia no silencio, e na melancolia. Ao Infante D. Joaõ, que estava no Algarve com gente prompta para soccorrer a seus irmãos, lhe foi ordenado passasse a Ceuta para consolar a D. Henrique, que achou gravemente enfermo, opprimido do peso de tantas fadigas, e cuidados. A chegada de D. Joaõ foi o melhor remedio, que se podia applicar á queixa do Infante, e a alegria que ella lhe causou, lhe restituio com brevidade a saude. Depois de conferirem ambos o estado dos negocios, resolvêraõ fazer novas propostas aos Mouros; queixar-se de rotura, que elles fizeraõ no Tratado, quando houve de embarcar o exercito; affirmar, que esta perfidia o desobrigava de cumprir as condições; que de huma, e outra parte se deviaõ restituir os refens; o Infante D. Fernando pelo filho de Zalá Benzalá, sem se fallar mais palavra na entrega de Ceuta. Era vulg.

Naõ quizeraõ os Mouros escutar estas proposições, e ameaçavaõ a vingan-

Era vulg. gança na pessoa do Infante, se se lhes faltasse ao cumprimento das promessas. Naõ queria D. Henrique desamparar Ceuta sem conseguir o resgate de seu irmaõ; mas notando entaõ a pouca apparencia de o conseguir, mandou para Portugal ao Infante D. Joaõ com o Conde de Arrayolos para darem conta a El-Rei do que se passára no sitio de Tangere; e elle esteve em Ceuta cinco mezes, envergonhado de apparecer na Patria, como se os destinos imprescrutaveis da Providencia podessem induzir culpa na candura das suas santas intenções. Porém recebendo ordens precizas para se recolher, elle veio ao Algarve, donde passou a avistar-se com El-Rei em Portel para tratar o resgate do Infante, como negocio que derrotava todo o socego do seu espirito. Naõ obstante o combate destes desejos, sempre elle lembrava ao Rei: Que Ceuta naõ se devia entregar aos Mouros, em quanto senaõ esgotassem todos os outros meios, que coubessem na prudencia, e esforços humanos; e que quando naõ houvesse ou-

tro, lhe entregassem vinte mil homens, ou fosse El-Rei em pessoa, que conquistaría tantas Praças, e ainda toda a Africa, para ter hum cambio superabundante que offerecer pela liberdade de seu irmaõ. Era vulg.

Alguma consolaçaõ deraõ a El-Rei as palavras do Infante, que respiravaõ christianismo, e heroicidade; mas elle em negocio taõ delicado quiz ouvir os pareceres dos sábios. Naõ houve Ministro, que deixasse de se embaraçar em hum tropel de opiniões. Huns queriaõ deixar ouvir as vozes ternas, com que se explica a natureza, e o sangue, em lugar das duras, que articula a conveniencia, e a politica, e eraõ do voto, que pelo Infante se dêsse Ceuta. Outros, que presumiaõ penetrar a fundo as intenções do Rei, diziaõ, que elle naõ tinha obrigaçaõ de observar hum Tratado injurioso á sua honra, feito sem a sua approvaçaõ: que a pessoa do Infante sim era huma victima de alto valor para se sacrificar aos Barbaros, mas que na perda de Ceuta se interessava a Religiaõ,

a

Era vulg. a gloria do Rei, a reputaçaõ da Patria, tanto ſangue nella derramado: que ſe o Infante fazia ambiçaõ de acabar na guerra contra os Infiéis, que naõ lhe ficava menos glorioſo morrer pela honra da Igreja, e do Eſtado; e que de nenhuma ſórte ſe fallaſſe em entregar Ceuta. Prevaleceo eſte ultimo voto, com que ſe conformava a Familia Real, e antes que os Barbaros condemnaſſem o Infante cativo, elle foi ſentenciado pela Natureza, pelo Rei, pela Pátria.

Se eſte acordo commum foi entaõ apparente, e no animo do Principe ficáraõ alguns reſtos de eſperança a favor de ſeu irmaõ, a morte que lhe ſobreveio a 9 de Setembro do anno ſeguinte, a cortou toda. O Infante teve de ſopportar com gloria immenſa do ſeu eſpirito os opprobrios, calamidades, e affrontas, de que eu devo dar noticia neſte lugar até a ſua morte para credito da virtude, veneraçaõ da ſua peſſoa, e conforto dos atribulados.

Firmado a 16 de Outubro do anno,

no, em que eſtou fallando, o Tratado de Tangere, o Santo Infante D. Fernando foi entregue áquelle Zalá Benzalá, agora venturoſo, que ſeu pai fez fugir de Ceuta infame. Antes de o levar do campo á Cidade, aviſou os moradores para ſahirem a vêr priſioneiro o filho do Leaõ Luſitano, que fora aterrar os de Africa com os ſeus rugidos. Hia o Infante em hum cavallo do meſmo Mouro, os ſeus criados a pé, e depois de entrar na Cidade, elle ſó foi conduzido no meio de huma tempeſtade de improperios da canalha vil a huma Torre, aonde o hoſpedáraõ com bem pouca quantidade de iguarias groſſeiras, e a terra por cama. De Tangere havia ſer levado para Arzila; mas duas horas antes da jornada, Zalá Benzalá, que devia eſcoltallo, o mandou pôr em hum lugar eminente, aonde o viſſe todo o Povo, lhe moveſſe as cabeças, o ſibillaſſe, como a objecto de zombaria, e eſcarneo. Depois, elle, e os ſeus criados montados nas alquilés mais ridiculas, que ſe buſcáraõ de propoſito, foraõ leva- Era vulg.

Era vulg. dos em triunfo barbaro á dita Praça, que indicava o ſeu alvoroço nas muitas bandeiras, que tremolavaõ nas Torres. O Povo impio o recebeo com clamores de irriſaõ, que quebravaõ neſta montanha Real de conſtancia, taõ inalteravel no animo, e no ſemblante, como ſe foſſe o Ceſar Auguſto entrando triunſante em Roma.

Mettido em huma prizaõ, o Infante era tratado com menos dureza, em quanto eſteve firme a eſperança da entrega de Ceuta; mas quando ella principiou a vacilar, a barbaridade deſenfreou contra a victima innocente, quanto ella tinha de impia. A conſtituiçaõ delicada de hum Principe naõ podia deixar de opprimir-ſe com o peſo de tantas amarguras, com os combates do eſpirito ſublime, que queria ſobmetter á carne fragil, e neſta acerbidade de afflicções enfermou o Infante para recrear o Ceo com os actos paſmoſos da ſua paciencia. Ainda era neceſſaria a ſua vida para confirmar a muitos vacilantes na Fé; para reſgatar a outros por meio de Mercadores Catho-

tholicos, que a isso se lhe offereciaõ; para no modo possivel soccorrer os seus criados, que soffriaõ tratamentos inauditos; e houve Deos por bem renovar-lhe a saude. Era vulg.

Como já tardava a restituiçaõ de Ceuta, Zalá Benzalá mandou vir o Infante á sua presença, e na de outros muitos lhe disse com arrogancia: Que hiaõ passando os termos estipulados, que elle, e seu irmaõ firmáraõ, sem lhe entregarem seu filho, nem a Praça de Ceuta, zombando delle, e de Lazaraque, que era o maior Senhor de Féz, ambos partes contratantes no dito Tratado: Que seu irmaõ D. Duarte naõ respondia ás Cartas, que se lhe mandavaõ para a entrega de Ceuta, que era sua; que seu pai com violencia lhe tomára; que naõ lhe era possivel deixar de recobrar a todo o custo; e que as injúrias feitas a elle Infante até a morte seriaõ o despique da perfidia, que com elle usavaõ seus irmãos. O Infante com grande moderaçaõ lhe respondeo; mas em palavras geraes, que nada tinhaõ de de-

Era vulg. cisivas, de que o Mouro se desgostou, e mandando-o retirar da sua presença, nunca mais o quiz vêr.

Passado algum tempo, soube Zalá Benzalá, que na Conferencia que El-Rei teve sobre a liberdade do Infante, unicamente seus irmãos os Infantes D. Pedro, e D. Joaõ votáraõ se entregasse Ceuta; e que a parte contraria mais poderosa determinou, que antes se perdesse o Infante, que a Praça. Entaõ o fez elle avisar do que se passava; e que como a fé, e promessas do Tratado estavaõ rotas, dalli em diante era elle hum escravo do Rei de Féz, ao qual sería logo remettido para experimentar cativeiro bem differente, do que atê entaõ lhe tinha dado Zalá Benzalá. A este recado respondeo o Infante: Que o Tratado de Tangere foi hum recurso da necessidade, que naõ obrigava, nem tinha força para haver de ser cumprido: que além disso, os Mouros primeiro o quebráraõ, impedindo o embarque das trópas, que foraõ constrangidas a abrir o caminho á ponta da espada: que os Artigos naõ po-

podiaõ ſer válidos pela falta de authoridade delle, e de ſeu irmaõ, que promettêraõ violentos o que naõ lhes era facil cumprir, ſe ſeu irmaõ El-Rei D. Duarte naõ conviefſe nelles como Senhor: que neſtes termos penſaſſe em outro ajuſte, que naõ foſſe entregar Ceuta, lançando por preliminares delle a reſtituiçaõ de ſeu filho, a de todos os priſioneiros, a das riquezas que ſe acháraõ em Ceuta, quando a tomou ſeu pai, e tudo o mais que elle quizeſſe. Era vulg.

Deſenfreou-ſe o furor de Zalá Benzalá com eſta reſpoſta do Infante, e lhe tornou com outra, que dizia: Como elle naõ era homem, que ſe embaraçaſſe com as ternuras de pai, para ſeu filho lhe fazer a menor eſpecie, quando ſe mettia de permeio a ſua honra: que a perda deſte a ajuntaria á de outro, que mandou degollar pela ſua reputaçaõ: que o ſeu coraçaõ era maior, que eſta empreza, em que eſtava mettido; coraçaõ, que teve corage para fazer Reis, depôr, e matar Reis; que elle naõ mandou, nem permi-

Era vulg. mitio a defordem dos foldados na occafiaõ do embarque do exercito, antes os Portuguezes foraõ caufa della, por lhe levarem prefos dous Mouros, e o Alcaide, que vinhaõ recolher os defpojos: que naõ convinha em outros ajuftes, fenaõ a entrega de Ceuta; porque fería acreditar a fofpeita, que delle fe tivera quando a perdeo, affirmando-fe que elle a vendêra; e que pelo que pertencia a reftituirem-fe as riquezas, que entaõ foraõ achadas na dita Praça; que effa reftituiçaõ elle a faria brevemente, quando a tiraffe por força do noffo poder.

Bem inferio o Infante da arrogancia do Barbaro, que era chegado o ponto fatal da fua ruina, e ha quem diga que com o defejo de evitalla, perfuadíra a El-Rei, feu irmaõ, que Ceuta era huma Praça impoffivel de fe confervar muitos annos, e que em cambio da liberdade de hum Infante de Portugal, bem fe podia dar huma Cidade em Africa. Outros affirmaõ, que fim pedia fe bufcaffem meios de o livrar do cativeiro; mas que naõ

fof-

fosse o da perda de Ceuta, pelo perigo a que se expunhaõ muitas almas, que importavaõ mais que a sua vida. Como quer que fosse, o Infante que teve modo para sahir de Africa, com magnanimidade só sua, elle o naõ quiz fazer sem a companhia de todos os seus criados, que naõ podia conduzir, e El-Rei, o Infante D. Henrique, o Conselho de Portugal, os votos das Cortes tiveraõ em menos sacrificar o Infante, que perder Ceuta. Era vulg.

Naõ se fez dissimulavel ao animo pio do Rei de Castella, que hum Principe seu parente ficasse sendo victima muitas vezes immolada ao furor dos Barbaros, e determinou mandar Embaixadores a Zalá Benzalá, que por todos os meios excogitaveis, rogando, pedindo, ameaçando, instassem pela liberdade do Infante. O Mouro astuto, que o prevenio, sem demóra o tirou do seu poder, e com a maior indecencia o remetteo, e a toda a sua familia, para Féz ás ordens do Tyranno Lazaraque. Neste novo theatro foi o Infante recebido pelos alaridos affron-

Era vulg. frontoſos de immenſo Povo, e conduzido ſó a huma maſmorra eſcura, e ſobterranea, como ſe uſou com cada hum dos ſeus criados, aonde o tiveraõ deſcalſo, faminto, ſem deſcanço tres mezes, que foi o termo fixo, que ſe lhe deo para vir carta ſua, e voltar reſpoſta del Rei, em que lhe fizeſſe ſaber o eſtado lamentavel, a que o haviaõ reduzido, e elle declaraſſe as ultimas determinaçőes a ſeu reſpeito.

Veio com a reſpoſta o Judeo Emiſſario chamado Joſé; e como nella nada havia de deciſivo a favor do Infante, elle principiou a fazer os officios vís de eſcravo, e a ſer tratado com a maior deshumanidade pelo impio Lazaraque. Foi-lhe dado lugar na cavalharice para penſar os cavallos: exercicio, em que já achou entretidos os Fidalgos da ſua caſa; e com elles era mandado cavar nas hortas do Tyranno, aonde ſopportava todo o dia o peſo do trabalho, ſem outro alimento, que o de dous pães, e na noite por allivio a eſcuridaõ do carcere. Como os Barbaros percebêraõ, que o Infante

te ſe conſolava de trabalhar na companhia dos Chriſtãos, até eſte deſafogo lhe negáraõ; cominando a pena de 500 açoites aos que fallaſſem com elle. Ajuntavaõ-ſe a eſte martyrio os clamores dos Fidalgos retidos em Arzila, que lhe pediaõ a liberdade do filho de Zalá Benzalá para elles obterem a ſua, e naõ poder remediallos: os incommodos da ſua Real Peſſoa já coberta de trapos viliſſimos: a dureza da ſua cama em duas pelles de ovelha ſobre a terra: a fome contínua acompanhada de trabalho intoleravel. Barbaridades horrendas, que movêraõ no Rei de Féz os deſejos de as evitar; mas como o ſeu vulto occupava o Throno, em que o pôz Lazaraque, para ſer o ſenhor delle, naõ teve mais remedio que approvar as impiedades do Tyranno, e abandonar á ſua diſcriçaõ o Infante, objecto digno de laſtima. Era vulg.

Oito mezes paſſou elle eſta vida penoſa até ao fim da del Rei ſeu irmaõ; noticia, que o deixou inconſolavel, muito mais pela perda da eſperança, que ainda podia ter da ſua

li-

Era vulg. liberdade. Pouco depois ſim correo a vóz, de que D. Duarte no ſeu Teſtamento ordenava ſe trocaſſe Ceuta pelo Infante, o que muito eſtimou Lazaraque, naõ pela reſtituiçaõ da Praça, que era de Zalá Benzalá; mas porque lhe abria a porta para nova negociaçaõ, em que elle no reſgate a dinheiro poderia ſatisfazer a ſua cobiça. Com eſte deſignio mandou alliviar ao Infante, e Fidalgos do peſo do trabalho, e veſtillos com mais decencia: porém conhecido o rumor por falſo, dobrou-ſe a tyrannia; tornáraõ os preſos a ſer carregados de ferros; a naõ ſe lhes dar outro alimento, que hum pouco de paõ, nem lhes conſentir outro veſtido, que huns trapos de borel para eſconderem as partes, que manda occultar o pejo. Aſſim paſſáraõ os afflictos eſcravos até o anno de 1440, em que morreo Zalá Benzalá, e entendendo Lazaraque, que certo Mouro principal traçava meios de fugir com o Infante para Ceuta, o ſeu furor diabolico executou entaõ na peſſoa Real quantas atrocidades lhe ſuge-

geria o ſeu animo cruel, feróz, e brutal. Era vulg.

Como o Infante D. Pedro governava o Reino na menoridade de ſeu ſobrinho o Rei D. Affonſo V., e elle ſempre eſtivera firme na reſoluçaõ, de que Ceuta ſe devia entregar pela liberdade do Infante, havendo já cinco annos, que elle ſoffria tantos trabalhos; no de 1441, em nome del Rei, vieraõ a Ceuta Embaixadores para fazerem a entrega da Praça, e conduzirem o Infante a Portugal. Lazaraque, que ſe embaraçava pouco com Ceuta, e quando naõ podeſſe negociar á ſua ſatisfaçaõ, queria ficar com o Infante, e o Rei de Féz com a Praça; entrou a traçar intrigas para o fim dos projectos. A primeira foi fingir, que deſconfiava do Judeo, que trazia as cartas, e mandando vir á ſala do Conſelho ao Infante deſcalço com os çapatos na maõ, lhe diſſe: Eu determino mandar-vos a Arzila para de lá ſeres entregue aos voſſos, ſe eſte Judeo me falla verdade nas cartas, que me traz. Para atemoriſar ao Infante,

com

Era vulg. com o pretexto de que queria extorquir do Judeo a verdade á força de tormentos, na ſua preſença mandou executar nelle atrocidades barbaras. O reſto da Tragedia até a mórte do Infante ſerá a materia do Capitulo ſeguinte.

CAPITULO VI.

Continúa a narraçaõ dos trabalhos do Infante D. Fernando no ſeu cativeiro até a ſua morte em Féz.

LAZARAQUE depois de fazer repreſentar o acto, que fica referido, e querendo que todo o intereſſe do reſgate do Infante foſſe ſeu, deixou paſſar mezes ſem differir á propoſta das entregas. Depois publicou, e com effeito pôz em practica, que o Rei ſahiſſe de Féz com hum grande exercito, em que levava o Infante para authoriſar as trocas com a preſença; mas conſumindo o tempo em marchas lentas ſem chegar a Arzila, nem a Ceuta, declarou: Que em quanto eſ-

ta Praça naõ eſtiveſſe na maõ dos Mouros, que o Infante naõ ſahia das ſuas. Todo o reſtante da ſua conduta deo evidencias, de que elle queria Ceuta, o Infante, apoderar-ſe dos Embaixadores, e depois entrar em idéas mais vaſtas. Eſta perfidia deſcoberta rompeo a negociaçaõ, e voltou o Infante com a ſua infeliz Familia a tolerar em Féz até a morte, ſempre conſtante, as abjecções mais deſpreſiveis, com que os fados podiaõ abater huma peſſoa do ſeu caracter, para adorarmos os ſegredos do Creador no deſtino dos homens, que naõ tem excepçaõ na ſua preſença, rectidaõ, e juizo. Era vulg.

Intentava o Barbaro conſeguir do Infante huma quantia prodigioſa pelo ſeu reſgate, e dos ſeus criados, e entendeo que o meio mais prompto era deſenfrear a impiedade. Naõ he excogitavel aos noſſos eſpiritos o quanto ſoffreo em huma maſmorra eſcura, e ſobterranea o noſſo Principe até o anno de 1443 em que Deos, compadecido das ſuas miſerias, o levou para lhe cingir no Ceo a coroa de juſtiça,

que

Era vulg. que mereceo como premio grande por meio de grandes trabalhos. Resgatáraõ-se alguns dos nossos Fidalgos pelo filho de Zalá Benzalá, e de outros Mouros, que deixáraõ satisfeito a Lazaraque para naõ se lembrar mais do resgate do Infante, nem esquecer nunca o martyrisallo com tormentos novos. Em todos os annos do seu cativeiro fez o Principe huma vida angelica, em que practicou os actos mais heroicos de todas as virtudes. Agora que já sentia que a luz occulta nas masmorras de Africa queria apagar-se, elle a esforçou de sórte para brilhar, que a fez digna de ser collocada no Candelabro da Igreja, que pode annunciar o seu louvor, assim como os Póvos contaõ as suas virtudes.

Engraveceo-se a queixa mortal, que obrigou o Infante a mandar pedir ao Tyranno o deixasse morrer em outro lugar, e lhe permitisse a assistencia do seu Confessor, que era Pedro Vaz em lugar de Fr. Gil, que morrêra entre os Barbaros. Lazaraque lhe concedeo sómente a segunda parte, e ordenou

ao

ao ſeu Medico lhe aſſiſtiſſe. Na noite antecedente ao dia da morte o Confeſſor, percebendo o ſocego do Infante, quiz examinar ſe dormia, e vê, que do roſto lhe ſahia hum reſplandor brilhante, que illuminava o carcere, e chegando a elle lhe perguntou ſe dormia. Depois de manhã lhe diſſe o Infante: O que por mim paſſava eſta noite, quando me vieſtes fallar, naõ he para o referires em Africa; contai-o em Lisboa depois da minha mórte para gloria de Deos: Eu eſtava meditando nas miſerias deſta vida, que naõ exceptuaõ algum dos filhos de Adaõ, e deſejava deſatar-me das priſões da carne para ir eſtar com Chriſto. No meſmo inſtante vì diante de mim hum Throno mageſtoſo, e ſentada nelle a Maria Santiſſima rodeada de huma multidaõ innumeravel do Povo grave, que a louva. Ajoelháraõ aos ſeus pés dous Perſonagens, que ſe me moſtrou ſerem S. Miguel, e o Evangeliſta Amado, dos quaes ſempre fui muito devoto, e lhe rogáraõ pediſſe a ſeu Santo Filho me tiraſſe já dos trabalhos do mun-

Era vulg.

Era vulg. mundo. Entaõ a Senhora pondo em mim os olhos, com ſemblante alegre me diſſe: Filho hoje ſerás hum dos deſta companhia bemaventurada: e com iſto deſappareceo a viſaõ, e eu eſtou taõ conſolado, como quem eſpera por inſtantes trocar as penalidades deſte carcere pelos prazeres eternos da Caſa do Senhor.

Foi o dia deſta mórte precioſa nos olhos de Deos o de huma quarta feira, 5 de Junho de 1443, em que o Infante D. Fernando, contava quaſi ſeis annos de captivo, e quaſi quarenta e hum de idade, em huma maſmorra do Reino de Fez, que foi honrada com a preſença da Rainha, e Aulicos da Corte do Ceo para exaltarem o amigo de Deos, e confortarem o ſeu Principado, que o mundo desfallecêra até ao ultimo abatimento da fraqueza. Lazaraque ſem lhe fazer a menor eſpecie eſte cataſtrofe taõ cheio de láſtima, quando lhe déraõ parte da mórte do Infante, reſpondeo: Era bom homem; ſe foſſe Mouro, ſería hum Santo. O meſmo Tyranno mandou, que o cadaver

ver fosse levado ao carcere, aonde estavaõ os seus criados, que rompêraõ nas demonstrações da mais excessiva dôr; mas reparando, que a claridade da gloria do espirito scintilava na face do corpo, a piedade converteo o sentimento em admiraçaõ, o pesar em jubilo. Era vulg.

Ordenava o Barbaro, que os mesmos criados o abrissem, e embalçamassem, o que elles naõ quizeraõ fazer, entendendo a ordem por huma nova crueldade. Executou-o outro cativo; e Joaõ Alvares, seu Secretario, guardou em huns vasos os intestinos, que enterrou para os trazer a Portugal. Depois foi o corpo posto sobre huma taboa, e levado ás portas da Cidade, aonde Lazaraque o mandou despir todo nú, e atado pelos pés, o fez pendurar de huma das ameias dos muros, como espectaculo á humanidade espantoso, aos Mouros grato, á piedade triste, á nossa contemplaçaõ edificante. Para que esta injúria das Magestades passasse pelas vistas do Rei de Féz, e de toda a sua Corte, Laza-

Era vulg. raque o convidou, e a toda ella para aſſiſtirem a humas feſtas reaes, que mandou fazer no meſmo campo defronte do veneravel cadaver, cuja Alma ſanta entaõ diria a Deos no Ceo: Quando has de, Senhor, vingar, e julgar o noſſo ſangue?

Aſſim eſteve o Infante mórto quatro dias expoſto, e receando o Barbaro os effeitos da corrupçaõ, o mandou metter em hum caixaõ, que deixou ſuſpenſo no meſmo lugar com deſtino ſuperior, para reſplandecer em milagres no centro da barbaridade. Eu naõ referirei os muitos, que por interceſſaõ do Infante obrou Deos em muitas partes, como eſcrevêraõ outras pennas mais delicadas, e me contrahirei unicamente aos ſuccedidos no tempo, em que o cadaver veneravel eſteve expoſto nos muros de Féz. O primeiro foi a incorrupçaõ, e cheiro ſuaviſſimo, que recreava aos que paſſavaõ por aquelle ſitio, aonde ſe agaſalhavaõ quantidade de aves, que reſpeitoſas ſe retiráraõ, e naõ apparecêraõ mais em muito tempo. Em várias noites, as guar-

das

das, que rondavaõ a Cidade, víraõ ſobre o caixaõ globos de luz clariſſima, como entre outros atteſtou hum renegado, natural de Olivença, que compungido do que obſervava, ſe lhe repreſentou no meio da luz a figura do Infante, que lhe fallou, e diſſe: Torna para o caminho da verdade, donde ſahiſte: o que elle com effeito executára. Era vul

Hum Mouro cégo, paſſando com o ſeu guia pelo lugar, aonde eſtava o corpo, levantou a cabeça, como em acçaõ de quem o queria vêr; e cahindo-lhe ſobre os olhos humas pingas do humor odorifero, que elle diſtilava, de repente cobrou a viſta. Attonito do prodigio o que fora Barbaro, começou a gritar, que elle queria viver, e morrer na Fé daquelle Infante, que era a verdadeira. Aos ſeus clamores ſe amotinou o Povo, que o ſepultou debaixo de hum chuveiro de pedras; golpes, que recebia goſtoſo até dar a vida, que dizia offerecêr pela Fé, que profeſſára o Infante; e porque no lugar do ſeu ſepulchro quiz Deos provar com

Era vulg. prodigios a ſalvaçaõ do ſeu ſervo, que expiára a culpa no lavatorio do ſeu ſangue, os Mouros edificáraõ nelle huma pequena Meſquita, e recorriaõ ao ſeu paizano nas occaſiões de neceſſidade. Outro Mouro no meſmo ſitio, ficando muito mal ferido de huma pendencia, paſſou a noite debaixo do caixaõ, e vindo pela manhã queixar-ſe ao Juiz, que lhe ordenou moſtraſſe as feridas, deſpindo-ſe para o fazer, nem ſignais ſe lhe acháraõ de as ter recebido. Averiguada a verdade do ſucceſſo, naõ ſe atreveo a infidelidade a duvidar, que fora prodigio obrado por virtude do Infante.

Os ſeus criados, e companheiros nos trabalhos naõ podiaõ diſſimular a dôr de verem o veneravel cadaver de hum Principe ſanto na ſituaçaõ mais indigna; e esforçando as induſtrias, depois de dez dias ganháraõ os guardas, que lhes conſentíraõ tirallo, e eſcondello, ſem que já mais ao impio Lazaraque ſe fizeſſe lembrado. Neſte lugar occulto eſtivéraõ as Reliquias adoraveis até ao tempo, que as foi reſga-

gatar o ſeu Secretario Joaõ Alvares, Era vulg. como eu vou a dizer para concluir aqui com tudo o que pertence ao Infante ſanto D. Fernando.

Foi reſgatado o dito Secretario pelo Infante D. Pedro em 1448, e trouxe comſigo os dous vaſos com os inteſtinos do Infante, que levou a Santarem para offerecer Reliquias taõ eſtimaveis a ſeu ſobrinho El-Rei D. Affonſo, que as mandou conduzir com grande pompa ao Moſteiro da Batalha, acompanhadas pelo Infante D. Henrique, que com ceremonias magnificas as fez collocar no ſepulchro, que o Rei D. Joaõ I., ſeu pai, lhe tinha preparado. Deſejava-ſe o reſgate dos oſſos do Infante occultos no lugar, que indicára o meſmo Secretario; mas em quanto vivêraõ o Rei de Féz, e Lazaraque, naõ foi poſſivel conſeguillo. Depois correndo o anno de 1470 em que foi tomada Arzila pelo Rei D. Affonſo, o Mouro Muley-Xeque, que nella perdêra mulheres, e filhos, propôz huma trégoa ao Rei para ir continuar o ſitio de Féz, e acabar de ſe fazer

Era vulg. zer ſenhor do Reino. Elle teve a felicidade de lhe deſcobrirem as Reliquias do Infante, que entendeo o troco mais precioſo para o reſgate da mulher, e filhos preſos em Arzila.

Entendem alguns, que o Secretario Joaõ Alvares fora da parte del Rei D. Affonſo fazer a propoſta deſta troca: outros preſumem que hum ſobrinho de Muley-Xeque, eſcandaliſado de ſeu tio, lhe furtára os oſſos do Infante, e que acompanhado de alguns cativos Chriſtãos, embarcára em huma náo, e os viera trazer a Portugal. Como quer que foſſe, El-Rei os eſperava em Belém com toda a Nobreza, Cléro, Religiões, e Povo, que os conduzíraõ para a Cathedral de Lisboa, donde foraõ transferidos para o ſeu ſepulchro no Convento da Batalha, aonde pela ſua interceſſaõ obrou Deos muitos milagres. Das ſuas virtudes daõ teſtemunho muitos Eſcritores reſpeitaveis, que o appellidaõ Santo, eſpecialmente Daniel Papebrochio nos *Acta Sanctorum*, aonde a 5 de Junho eſcreve ao largo a vida do ſanto Infante, que conclue com eſ-

ta

ta ſobſcriçaõ : O ſanto Principe Fernando Infante de Luſitania, morreo em Féz cativo dos Mouros no anno de 1443 a 5 de Junho. Era vulg.

CAPITULO VII.

Ultimas acções; e morte do Rei D. Duarte.

A EMPREZA deſgraçada de Tangere, a prizaõ dura de hum irmaõ, que o Rei D. Duarte amava ternamente, e via que ou a ſua vida havia perigar, ou ceder aos Mouros em Ceuta o freio fiel das ſuas arrogancias, ſuſtentado pela maõ de hum Principe Catholico; eraõ duas imaginações, que ſempre o traziaõ ſuſpenſo em hum ſentimento profundo. As Cortes convocadas em Leiria para ſe tratar eſte negocio taõ delicado ſe oppunhaõ á entrega de Ceuta, e D. Duarte naõ ſe atrevia a alterar eſta reſoluçaõ, ainda que depois a deixou determinada no ſeu teſtamento, ſem effeito, como nós acabamos de vêr na vida do meſmo Infante. Mas como neſ-

[Cr]a vulg. neſte tempo chegáraõ os Embaixadores, que tinhaõ ido ao Concilio, com a Bulla da Cruzada a favor da guerra contra os Infieis, entendeo-ſe que feita ella com vigor em Africa, sería o meio mais efficaz para reſgatar o Infante do cativeiro. Examinada a Bulla, El-Rei deo as ordens preciſas para os apreſtos de huma armada, e exercito formidaveis, com que marchaſſe a abater nos Barbaros a arrogancia, em que os deixára o ſucceſſo de Tangere.

Movia-ſe o Reino todo, emulo da vingança, e da gloria, ſem haver peſſoa digna, que deixaſſe de ſe fazer hum merecimento eſpecial de tomar parte em expediçaõ taõ juſta. Entaõ ſe cuidou em remediar os exceſſos do Reino, e reparar as ſuas faltas, que ſe attribuiaõ ás liberalidades, e gratificações do reinado precedente, declarando com toda a preciſaõ as forças da Lei Mental. Joaõ das Regras, arbitriſta deſte novo Regulamento, foi o primeiro que lhe ſentio o rigor no commodo de ſua filha; Phálaris engenhoſo, que experimentou o tormento no meſmo potro, que fa-

bri-

bricára. Porém, ainda que esta nova Era vulg.
Ordenaçaõ transtornasse todos os projectos dos Chéfes de familia, e desconcertasse as medidas, que elles haviaõ tomado para o estabelecimento de seus filhos; isso naõ era comparavel com a dessolaçaõ, que a peste tinha causado, e com que continuava a devastar o Reino. Ella era o obstaculo mais forte a todos os intentos do Rei, que andava perseguido deste flagello de terra em terra, buscando para a sua residencia aquellas, aonde naõ chegava a malignidade. De bem pouco lhe valeo esta precauçaõ para deixar de acabar os seus dias ás mãos deste inimigo inexoravel da humanidade, abrindo na Villa de Thomar huma carta inficionada do contagio, que fez desvanecer todos os projectos concebidos contra os Mouros de Africa.

Morreo El-Rei D. Duarte aos 9 de 1438
Setembro de 1437 com 47 annos de idade, e cinco naõ completos de governo. Foi de estatura proporcionada, o aspecto humanamente agradavel; os olhos castanhos, e alegres, a bocca pequena, e corada, o cabello da barba louro, e

o

Era vulg. o da cabeça comprido. Veſtia com grande pompa, eſpecialmente nas occaſiões públicas; no culto Divino zeloſo; das ceremonias Eccleſiaſticas taõ exacto, que naõ ſoffria as negligencias dos Miniſtros do Altar; rendia á Santa Cruz huma veneraçaõ profunda em todos os lugares aonde a via, naõ conſentindo eſtiveſſe nos indecentes. Foi muito obſervante da Juſtiça; mas inclinado á piedade, e abominando o rigor, queria dos homens a benevolencia, naõ o medo. Na obſervancia inviolavel da palavra moſtrava, que a verdade era o primeiro objecto das ſuas attenções. Mandava os cavallos com muita deſtreza, e exercitava com moderaçaõ a caça para recrear o animo, e fortificar o corpo.

Da delicadeza do ſeu eſpirito daõ teſtemunho os melhores Authores. Elle era taõ eloquente, na eſcolha dos termos taõ natural, e advertido, que movia nos homens os affectos, que queria. Nunca negou a ſua converſaçaõ ás peſſoas erudítas, que admittia com familiaridade, e premiava com grandeza. Deleitava-ſe nas compoſições em proſa,

e

e verſo, de que deixou muitas obras, entre ellas mais eſtimavel a que intitulou o *Bom Conſelheiro*. Compilou, como já diſſe, todas as Leis diſperſas em hum Codigo, para que foſſem obſervadas, e entre ellas a Mental, de que ſeu pai tinha ſido Legislador, e que prohibe ſuccederem as filhas nos bens da Coroa. A ſua Empreza era huma Lança, em que eſtava enroſcada huma cobra em forma de caducêo com a letra *loco*, *et tempore*, ſymboliſando na Lança a guerra, na cobra a prudencia, que lhe deve preceder. Se a natureza o dotou de tantas virtudes excellentes, que naõ deo lugar á fortuna para temporalmente lhe deixar gozar as felicidades; eſtas ſuppríraõ muitos Eſcritores nos altos elogios, que conſágraõ á ſua memoria para viver immortal nas lembranças. Era vulg.

Seu irmaõ o Infante D. Pedro, com a noticia da ſua enfermidade, veio logo de Coimbra a aſſiſtir-lhe, e foi o unico dos Infantes, que o achou vivo. Elle diſpôz o ſeu enterro para o Convento da Batalha, aonde jáz, e fez celebrar as ſuas Exequias com a pompa de-

Era vulg. devida ao caracter de hum taõ grande Rei. Em tudo se conduzio o Infante com a prudencia, e talento, que ornava das experiencias adquiridas em tantas viagens, e no trato de muitos negocios, que o tinhaõ constituido hum Principe perfeito. Elle ordenou tudo o que era necessario para a acclamaçaõ de seu sobrinho o Principe D. Affonso, que se achava na idade de seis annos. Aberto o Testamento foi vista huma das cegueiras do amor na declaraçaõ da Regencia do Reino, que El-Rei encommendava inteiramente á Rainha, sem admitir no Despacho algum dos Infantes, ou dos Ministros: tudo entregue ao caprixo desta Senhora, que contra o voto dos Principes da Europa, e dos Estados da Monarquia, promoveo a jornada infeliz de Tangere; e agora as suas paixões foraõ causa de muitos odios, roturas, dissenções, que ao Infante tiráraõ a vida, ao Rei o credito, á Nobreza o sangue, aos vassallos o socego, como eu já vou a mostrar no Livro seguinte.

FIM.

IN-

INDICE
DOS CAPITULOS.

LIVRO XXII.

CAPITULO I. *Governo, e acções do Rei D. Joaõ I. depois da segurança da liberdade do Reino pela victoria referida de Aljubarrota.* 5
- - II. *Disposições do Rei de Castella para resistir aos seus inimigos; entrada do Duque de Lancastro em Portugal, e continuaçaõ da guerra.* 21
- - III. *Renova-se a guerra com Castella, novas expedições de ambos os Reis.* . . . 40
Expediçaõ famosa dos doze Cavalleiros Portuguezes, que foraõ a Inglaterra desaggravar as Damas offendidas por outros tantos Cavalleiros Inglezes. . . . 50
- - IV. *Da tregoa de quinze annos, que se ajustou entre Portugal, e Castella; desgostos do Coudestavel, e da Nobreza com El-Rei.* 56
- - V. *Rompe-se a guerra com Castella, e alguns grandes Fidalgos desgostados fogem para este Reino.* 71
- - VI. *Trata-se da paz com Castella, e outros acontecimentos até a conquista de Ceuta.* 89

LIVRO XXIII.

CAP. I. *Das disposições que precedêraõ á conquista da Cidade de Ceuta, em Africa.* 101

II.

- - II. *Morte da Rainha D. Filippa, e continuação da jornada de Ceuta.* . . 121
- - III. *Como foi investida, e ganhada a Cidade de Ceuta.* 135
- - IV. *Como dispostas as cousas de Ceuta, El-Rei se fez na volta de Portugal, e dos mais successos deste tempo.* . . . 154
- - V. *Do sitio, que os Mouros pozérão sobre a Praça de Ceuta, que forão obrigados a levantar pelo valor do Conde, e soccorro dos Infantes.* 165
- - VI. *Primeiro descobrimento do Infante D. Henrique na vida del Rei seu pai, e retiro do Condestavel para o Convento do Carmo de Lisboa.* 178
- - VII. *Em que se trata das peregrinações do Infante D. Pedro, e outros successos, com a noticia do casamento dos Infantes.* . 194

LIVRO XXIV.

CAP. I. *Trata-se do casamento da Infante D. Isabel, filha del Rei, com Filippe o bom, Duque de Borgonha; escreve-se em resumo a vida desta Princeza, e alguns successos em Ceuta.* 206
- - II. *Da-se noticia do Tratado de paz perpetua entre Portugal, e Castella no an. de* 1431. 217
- - III. *Continúa-se com os successos dos ultimos dous annos da vida do Rei D. João I., e da sua morte.* 231
- - IV. *Das Merces, e Obras, que El-Rei D. João*

João I. fez no discurso do seu feliz governo. 247
- - V. *Resumo das Cortes, que celebrou, e das Embaixadas, que El-Rei D. João I. mandou a vários Principes, com a noticia de algumas Leis, que fez.* . . . 255
- - VI. *Continúa a materia do Capitulo precedente depois da conquista da Cidade de Ceuta.* 267

LIVRO XXV.

CAP. I. *Vida, e acções de D. Duarte, XI. Rei de Portugal.* . . . 276
- - II. *Tratão-se os successos de Ceuta até a morte do Conde D. Pedro de Menezes, com hum resumo de algumas cousas pertenceutes á mesma Praça.* 291
- - III. *Das emprezas maritimas do Conde D. Pedro no tempo do seu governo na Cidade de Ceuta* 306
- - IV. *Da jornada infeliz, que fizérão á Cidade de Tangere os Infantes D. Henrique, e D. Fernando.* 314
- - V. *Continúa-se a mesma materia, e a do cativeiro infeliz do santo Infante D. Fernando.* 330
- - VI. *Continúa a narração dos trabalhos do Infante D. Fernando no seu cativeiro ate a sua morte em Féz.* . . . 348
- - VII. *Ultimas acções, e morte do Rei D. Duarte.* 359

ERRATAS DOS TOMOS III. IV., e V.

Erratas.	*Emendas.*
TOMO III.	
Pag. 23, Regr. 27. naõ temeres *morrer.*	—— naõ temeres *a morte.*
—— 30. —— 11. *lhe* acabava	—— acabava.
—— 63. —— 14. *que* a acclamaçaõ	—— a acclamaçaõ.
—— 229. —— 14. os Infieis	—— *contra* os Infieis.
—— 234. —— 11. Espantáraõ-se de	—— Espantáraõ-se os Mouros de.
—— 255. —— 14, nas *occasiões*	—— nas *acções.*
—— 256. —— 17. nunca *perigára*	—— nunca *pegára.*
—— 260. —— 3. mulher de hum,	—— mulher de hum Rei,
—— 282. —— 9. *Defendiaõ*	—— *Defendiaõ-se.*
TOMO IV.	
Pag. 23. Regr. 21. D. Joaõ o *Forte*	—— D. Joaõ o *Torto.*
—— 272 —— 10 *Hinô*	—— *Niño.*
—— 291. —— 6. *crimosa*	—— *criminosa.*
TOMO V.	
Pag. 7. Regr. 21, *vender* os votos.	—— *render* os votos.
—— 17. —— 24. dos *combates*	—— dos *combatentes.*
—— 153. —— 15. *castigo*	—— *castigado.*
—— 178. —— 5 se conduzia	—— *assim* se conduzia.
—— 201. —— 18. del *Tresno*	—— del *Fresno.*
Prova mais *catholica*	prova mais *cathegorica.*